

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PERFORMANCES CULTURAIS
ÁREA INTERDISCIPLINAR

OS CANTOS DE PRESÉPIOS COMO IDENTIDADE DA COMUNIDADE DE
PIRENÓPOLIS

LETÍCIA WAYNE MATTEUCCI

Goiânia
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☒ Dissertação ☐ Tese

2. Nome completo do autor

Letícia Wayne Matteucci

3. Título do trabalho

Os cantos de presépios como identidade da comunidade de Pirenópolis

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Vânia Dolores Estevam De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 23/10/2020, às 11:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#)



Documento assinado eletronicamente por **LETICIA WAYNE MATTEUCCI, Discente**, em 23/10/2020, às 11:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1628926** e o código CRC **FA663E81**.

Referência: Processo nº 23070.042286/2020-24

SEI nº 1628926

LETÍCIA WAYNE MATTEUCCI

**OS CANTOS DE PRESÉPIOS COMO IDENTIDADE DA COMUNIDADE DE
PIRENÓPOLIS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais – Área Interdisciplinar, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Performances Culturais.

Linha de pesquisa: Espaços, materialidades e teatralidades. Orientadora: Professora Dra. Vânia Dolores Estevam de Oliveira

Goiânia

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Matteucci, Letícia Wayne

Os Cantos de Presépios como identidade da comunidade de Pirenópolis
[manuscrito] / Letícia Wayne Matteucci. - 2020.
139 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Dra. Vânia Dolores Estevam de Oliveira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em
Performances Culturais, Goiânia, 2020.

Bibliografia.

Inclui mapas, fotografias, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Memória. 2. Identidade. 3. Pirenópolis. 4. Cantos de Presépios. 5.
Performances. I. Oliveira, Dra. Vânia Dolores Estevam de, orient. II.
Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 16 da sessão de Defesa de Dissertação de Letícia Wayne Matteucci, que confere o título de Mestra em Performances Culturais na área de concentração em Performances Culturais.

Aos treze dias do mês de outubro de dois mil e vinte, a partir das quatorze horas, via webconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "Os cantos de presépios como identidade da comunidade de Pirenópolis". Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Vânia Dolores Estevam de Oliveira (UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor João Guilherme da Trindade Curado (SEE/GO), Professor Doutor Sebastião Rios Corrêa Júnior (UFG) e Professora Doutora Leda Maria de Barros Guimarães (FAV/UFG), cujas participações ocorreram através de videoconferência. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professora Doutora Vânia Dolores Estevam de Oliveira, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **JOÃO GUILHERME DA TRINDADE CURADO, Usuário Externo**, em 15/10/2020, às 11:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Leda Maria De Barros Guimarães, Professora do Magistério Superior**, em 15/10/2020, às 15:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vânia Dolores Estevam De Oliveira, Professor do Magistério Superior**, em 16/10/2020, às 14:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sebastião Rios Corrêa Júnior, Professor do Magistério Superior**, em 23/10/2020, às 15:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1616680** e o código CRC **E240EF5F**.

Figura 1 - Presépio montado na casa de Seu Augusto.



Foto: Letícia Matteucci, 2016.

A todos que conseguem manter acesa a chama
da alegria, da fé e da esperança!

À minha mãe, Rosa Ângela, a José Renato e familiares, pelo incentivo diário.
À minha orientadora, Dra. Vânia Dolores Estevam de Oliveira, pela paciência e disposição.
À comunidade de Pirenópolis, em especial a Dona Laurita e às demais rezadeiras.
À minha avó Albertina, fonte de inspiração para a conclusão desse projeto.

Figura 2 - Igreja Nossa Senhora do Rosário (Matriz).



Foto: Letícia Matteucci, 2016.

Figura 3 - Igreja Nosso Senhor do Bonfim.



Foto: Leticia Matteucci, 2016.

E em noite de lua cantam pela rua numa serenata
E os trovadores que por seus amores vivem a soluçar
Festa da capela tão simples e bela
E a do Bonfim que inspirou em mim
Estes versinhos de um seresteiro que vive a cantar
Por tudo isso cidade amiga
O teu nome quero exaltar
São tantas coisas que só
Pirenópolis nos pode mostrar
(Canção por Pirenópolis – Sinhozinho)

RESUMO

No presente trabalho, investiga-se a tradição dos Cantos de Presépios, que é celebrada pela comunidade da cidade de Pirenópolis. Surgida na primeira metade do século XVIII, na época chamada de Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, foi no século XIX que, com o nome de Meia Ponte, se destacou como berço cultural goiano. Hoje, ainda influenciada pelas festividades culturais históricas, as casas tradicionais da cidade são envolvidas por presépios, tradição e religiosidade no período natalino. A tradição dos Cantos de Presépios, as rezadeiras e os devotos serão, nesta produção, apresentados e retratados por meio da narrativa de quem vivenciou a cerimônia e se relacionou com a mítica e espiritualizada cidade histórica de origem portuguesa. A intenção é extrair da literatura, do trabalho de campo, das memórias e das vivências das rezadeiras do bairro do Alto do Bonfim, em Pirenópolis, subsídios para uma descrição e compreensão da tradição dos cantos de presépios, um ritual que compõe o calendário festivo da cidade. A trajetória se inicia com uma viagem no tempo, ao se produzir o resgate da historicidade da cidade e a implementação de suas igrejas e festividades religiosas e culturais. Logo em seguida, é apresentada uma descrição sobre as tradições dos Cantos de Presépios e suas lembranças para que, em seguida, sejam debatidos enquanto rituais, para se compreender as memórias e suas transmissões como partes constituintes identitárias da comunidade pirenopolina.

Palavras-chave: Memória. Identidade. Pirenópolis. Cantos de Presépios. Performances. Ritual.

ABSTRACT

In the present work, we investigate the tradition of songs of cribs that is celebrated by the community of the city of Pirenópolis. It was born in the first half of the XVIII century, in the time called Mines of Our Lady of the Rosary of *Meia Ponte*, it was in the XIX century that with the name of *Meia Ponte*, it stood out like cultural cradle *Goiano* - with the appearance of the band and great masters and of the press, with the emergence of the first Central West newspaper. Today, still influenced by the historical cultural festivities, the traditional houses of the city are surrounded by cribs, tradition and religiousness in the Christmas period. The representations of the tradition of songs of cribs, the mourners and devotees, will be in this production presented and portrayed, through the narrative of who experienced the ceremony and related to the mythical and spiritualized historic city. The intention is to extract from literature, fieldwork, memories and experiences of *rezadeiras* in the *Alto do Bonfim* neighborhood in Pirenópolis, subsidies for a description and understanding of the cultural manifestations that make up the city's festive calendar. The trajectory begins with a journey through time when we produce the rescue of the city's historicity and the implementation of its churches and religious and cultural festivities. Soon after, a description of the traditions of the songs of cribs and their memories is presented so that, afterwards, they can be debated as rituals, so that we can understand the memories and their transmissions as identity constituent parts of the pyrenopoline community.

Keywords: Memory. Identity. Pirenópolis. Songs of cribs. Performances. Ritual.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Presépio montado na casa de Seu Augusto - Foto: Letícia Matteucci, 2016.....	6
Figura 2 - Igreja Nossa Senhora do Rosário (Matriz) - Foto: Letícia Matteucci, 2016.	7
Figura 3 - Igreja Nosso Senhor do Bonfim - Foto: Letícia Matteucci, 2016.....	8
Figura 4 - Vista Panorâmica da cidade, tirada do Morro do Frota.	15
Figura 5 - Vista da Igreja Matriz, tirada do Morro do Frota.	16
Figura 6 - Localização da área de estudo: cidade de Pirenópolis.....	18
Figura 7 - Garimpo e Casa de Câmara e Cadeia construída entre 1916-1919.....	30
Figura 8 - Desenho de Burchell do Largo da Matriz em 14 de setembro de 1827.....	33
Figura 9 - Capela Nossa Senhora do Carmo sobre o Rio das Almas	34
Figura 10 - Rua do Rosário, Igreja de N ^a . S ^a . do Rosário dos Pretos, fim séc. XIX.	36
Figura 11 - Igreja Nosso Senhor do Bonfim	37
Figura 12 - Planta baixa da Cidade de Pirenópolis.....	46
Figura 13 - Rua Direita, década de 1930.	47
Figura 14 - Casarão Largo da Matriz em 1976.....	49
Figura 15 - Casa de Dona Laurita (rezadeira), no Alto do Bonfim.	51
Figura 16 - Dona Laurita em seu presépio.	54
Figura 17 - Presépio sobre o estrado de solteiro. De Sérgio, 12 anos.	56
Figura 18 - Igreja Nosso Senhor do Bonfim na véspera do Natal.....	58
Figura 19 - Igreja Nossa Senhora do Rosário (Matriz), nas proximidades do Ano Novo.....	59
Figura 20 - Paisagem iluminada com a Igreja Matriz ao fundo; movimento do turismo devido a proximidade do Réveillon	60
Figura 21 - Presépio montado na casa da Senhora Deusdete	63
Figura 22 - Presépio de Dona Laurita.....	70
Figura 23 - Presépio de Seu Augusto	70
Figura 24 - Dona Laurita em reza na casa do Seu Valdo Lúcio.....	72
Figura 25 - Dona Helena e Dona Laurita em reza na casa de Dona Neidia	77
Figura 26 - Menino Jesus de Arlinda, casa de Dona Faraíldes e Seu Getúlio.....	79
Figura 27 - Ritual na Igreja Santa Bárbara no início da celebração.	81
Figura 28 - Ritual na Igreja Santa Bárbara no meio da celebração.	81
Figura 29 - Convidados casa reza Seu Rafael.	82
Figura 30 - Convidados reza na casa Seu Valdo Lúcio com a presença de figura religiosa. ...	82
Figura 31 - Mesa do lanche ofertado por anfitrião: casa Seu Valdo Lúcio.	83

Figura 32 - Dona Narcisa e Dona Laurita em reza na casa de Seu Augusto	87
Figura 33 - Quitandas oferecidas aos devotos	88
Figura 34 - Dona Helena confraternizando após reza	88
Figura 35 - Cadernetas de Dona Laurita, confeccionadas por Seu Dito.....	89
Figura 36 - Letra do "Hino ao Presépio" de autoria de Alaor Siqueira	93
Figura 37 - Caderneta escrita por Seu Dito para Dona Narcisa, datada outubro de 1998.	96
Figura 38 - Letra escrita por Seu Dito, datada outubro de 1986	99
Figura 39 - Cerimônia do ritual dos Cantos de Presépios na casa do Seu Rafael	100
Figura 40 - Dona Narcisa e Dona Laurita.....	103
Figura 41 - Dona Laurita em destaque durante ritual.....	105
Figura 42 - Registro fílmico dos rituais.....	105
Figura 43 - Cerimônia do ritual dos Cantos de Presépios na casa da Dona Deusdete.	109
Figura 44 - Dona Laurita e Dona Narcisa compartilham o mesmo estilo.	116
Figura 45 - Dona Narcisa e Dona Laurita compartilhando o mesmo estilo e gestual.	119
Figura 46 - Da esquerda para direita: Dona Carmelita Sousa França (73 anos), Dona Narcisa Pereira da Cunha (78 anos), Dona Laurita Vitoriano da Veiga (81 anos), Letícia Wayne Matteucci [pesquisadora], Dona Helena Maria de Jesus (77 anos) e Dona Sebastiana Inácia de Amorim (73 anos).....	122
Figura 47 - Da esquerda para direita: Dona Celina Adrião Veiga e Seu Augusto Pereira da Veiga (falecido durante a pandemia do coronavírus).	123
Figura 48: <i>In memória</i> de Seu Augusto; falecido durante a pandemia (1947-2020).	127
Figura 49 - <i>In memória</i> de Albertina, minha avó (1925-2015).	127

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Agenda das cerimônias 2016/2017	84
Quadro 2 - Agenda das cerimônias 2018/2019	84
Quadro 3 - Hinos registrados em Cadernetas	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA	27
1.1 BREVE HISTÓRICO DE PIRENÓPOLIS	29
1.1.1 Pirenópolis: cidade religiosa e suas igrejas	32
1.1.2 Movimento religioso e cultural na cidade de Pirenópolis	39
1.2 PIRENÓPOLIS E SUAS PAISAGENS	45
2 OS CANTOS DE PRESEPIOS	54
2.1 O RITO DE PESQUISA	61
2.1.1 Um ritual de graças e bênçãos	67
2.1.2 Cadernetas e Cantos	89
3 PERFORMANCE CULTURAL RELIGIOSA	100
3.1 TRADIÇÃO DE FÉ	106
4 REMEMORANDO.....	112
4.1 A IDENTIDADE EM CAMPO ENTRE OS CANTOS.....	117
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	124
REFERÊNCIAS	129

INTRODUÇÃO

As tradições culturais apresentam uma vasta significação, bem como as motivações para suas celebrações. Falar em tradição em um mundo pós-moderno pode ser arcaico, mas, para alguns autores, como Josef Pieper (2008), a tradição não se trata de algo que envelhece, mas sim aquilo que é perpetuamente novo e possui a vivacidade de um eterno começo. Poder-se-ia concordar com Edgar Morin a respeito da cultura, de maneira preliminar, ao dizer que é constituída pelo conjunto “de saberes, de fazeres, de crenças e mitos transmitidos de geração em geração” (MORIN, 2000, p. 51).

Famosa pela variedade de igrejas e morros que a cercam (Figuras 4 e 5), Pirenópolis é uma cidade religiosa predominantemente católica¹, povoada por aproximadamente 25.000 habitantes², simbólica por excelência e lembrada pelo seu grande número de paisagens e passeios naturais, pela gastronomia e pelas festas. Embora a cidade disponha de muitas outras celebrações religiosas, culturais e tradicionais, o foco deste trabalho se dará em torno da tradição dos Cantos de Presépios, que são pouco conhecidos fora do limiar da comunidade.

Figura 4 - Vista panorâmica da cidade, tirada do Morro do Frota.



Foto: Letícia Wayne Matteucci, 2012.

¹ Pesquisa de amostra do IBGE, Censo 2010: 16.294 da população se declararam católicas.

² População estimada pelo IBGE para 2018: 24.749 habitantes. Censo 2010: 23.006 habitantes.

Figura 5 - Vista da Igreja Matriz, tirada do Morro do Frota.

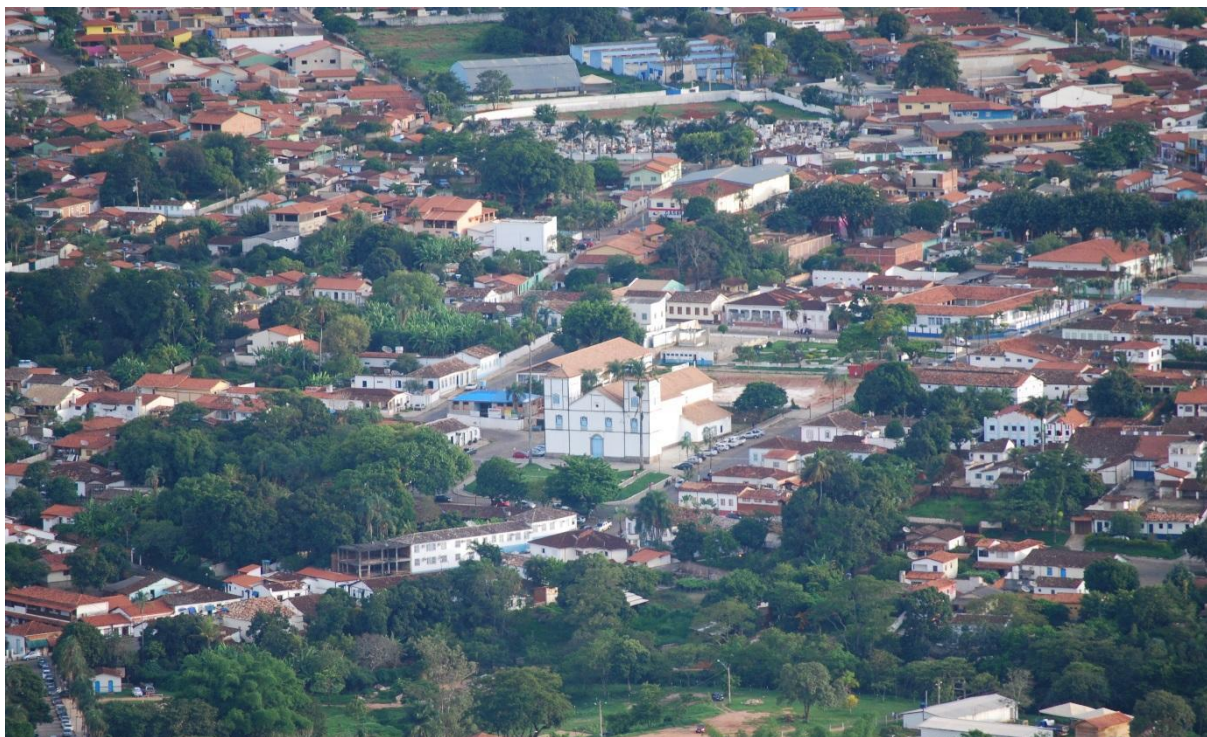


Foto: Letícia Wayne Matteucci, 2012.

O panorama de Pirenópolis, com seu vasto número de igrejas e monumentos religiosos, a faz parecer uma cidade imaginária por natureza. É a urbe do interior de Goiás, onde as tradições culturais e os rituais andam livres pelas ruas ladrilhadas, igrejas, casas e pelos casarões do município. Ao lembrarmos da cidade, vem à memória uma população conhecida por suas inúmeras festas produzidas, grande parte delas, religiosas. Embora seja famosa, especialmente pela tradição das Cavalhadas, a comunidade pirenopolina conserva um costume religioso que, aos olhos dos turistas e fora do seu território, é pouco conhecida: a tradição dos Cantos de Presépios.

As imagens que compõem o presépio possuem a pretensão de permitir que a liturgia do Natal se torne um acontecimento mais acessível e próximo aos fiéis. No Brasil, há notícias das representações do nascimento de Jesus desde o período colonial, em especial através das missões jesuítas. De acordo com Eliana Ribeiro Ambrósio (2006), logo após o século VIII, nas ocasiões de importantes festas litúrgicas, as representações do nascimento de Cristo se tornaram “mistérios” e temas constantes, que propiciavam as dramatizações sacras dentro das Igrejas. “Em 1207, atendendo aos protestos dos clérigos, o papa Inocêncio III, acabou por proibir tais dramatizações litúrgicas dentro da Igreja” (AMBRÓSIO, 2006, p. 28). Neste sentido, conforme a autora, este é um legado difundido e não criado por São Francisco de Assis que, em 1223,

requisitou liberação de tal proibição e, com uma permissão papal, celebrou o nascimento de Jesus para expor aos camponeses iletrados a história do Natal de forma mais didática:

Não que a noite de Greccio seja considerada a primeira noite do presépio, mas ela contribuiu para a sua difusão popular, fornecendo novos elementos a sua representação ao inseri-lo dentro da paisagem natural, em um vale rodeado por pastores da região e pelo povo, tratando os mistérios e dramas sacros como eventos comuns. Isso estimulou os franciscanos a dissiparem (sic) o culto à Natividade e perpetuar o gosto pelo presépio por toda a Europa (AMBRÓSIO, 2012, p. 45).

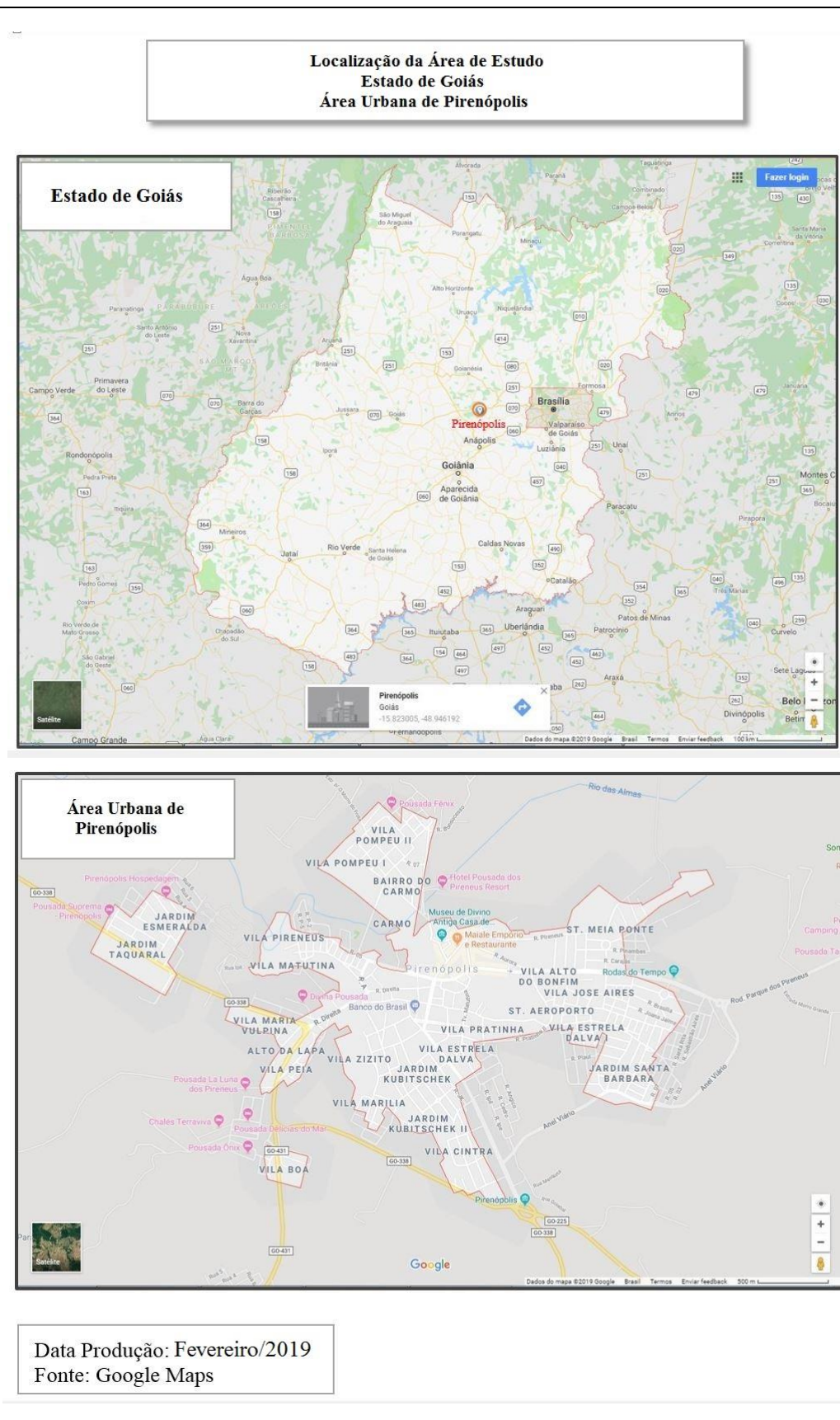
Segundo Dinarcy Mendonça Corrêa (1978), em Portugal, o primeiro presépio foi montado em 1391, no Mosteiro do Salvador, pelas freiras, em Lisboa. Herdada pelos colonizadores portugueses, esta é uma prática que chegou ao Brasil juntamente com os jesuítas e que, de acordo com José Ramos Tinhorão (2010, p. 41), “já era comemorado naquele primeiro século da descoberta à maneira das províncias portuguesas, ou seja, com armações de presépios nas povoações, a que a gente de toda a redondeza acorria para louvar o Deus Menino com cantos e danças”. Isso era observado por meio das escritas de padre Fernão Cardim³, em seus registros de 1583: “Tivemos, pelo Natal, um devoto presépio na povoação onde algumas vezes nos ajuntávamos com boa e devota música” (CARDIM, 1939, p. 267).

Daquela época para cá, conforme Ambrósio (2012), os presépios foram se popularizando, e suas representações se diversificando. Hoje, além das consagradas imagens de Jesus, José, Maria, dos pastores e reis magos, é possível notar a integração de uma grande variedade de outros personagens e adornos nas representações da cena do nascimento do Menino Jesus.

Em Pirenópolis, esse é um costume que vem passando de geração em geração pelos descendentes que conservam a cultura de abrir a casa e o oratório para os devotos rezarem nos presépios. Deste modo, é legítimo aceitar a afirmativa de João Guilherme da Trindade Curado (2011), ao dizer que a cidade de Pirenópolis é privilegiada pelo ponto de vista da investigação festiva, pois, mesmo localizada entre duas capitais – Goiânia e Brasília (Figura 6) – e diante de numerosas transformações culturais e turísticas ao longo dos últimos anos, a comunidade preservou parte de suas festas tradicionais, ajustando-se aos novos contextos sociais e geográficos.

³ Fernão Cardim foi um missionário e jesuíta português que embarcou para o Brasil em 1583. Suas escrituras são testemunhos das missões e das condições naturais do Brasil (habitantes e costumes), na segunda metade do século XVI. “Ao P.e Provincial em Portugal. Neste com o favor divino darei conta a Vossa Reverendíssima da nossa viagem e missão a esta província do Brazil [...] para que vossa Reverendíssima tenha maior conhecimento das cousas desta província, e para maior consolação minha, porque tudo desejo de comunicar-me (sic)” (FERNÃO CARDIM, 1847, p. 1).

Figura 6 - Localização da área de estudo: cidade de Pirenópolis.



Em se tratando de eventos culturais, tradições e festas, o município é um exemplo expressivo no cenário goiano, sobretudo relacionado aos cultos católicos e às celebrações religiosas. Entre as principais festas que movimentam a população pirenopolina, estão: Folia de Reis, nos primeiros dias do ano, em janeiro; Festa do Divino Espírito Santo, Cavalladas e Reinado, que acontecem 50 dias após a Páscoa; Festa da Capela em louvor à Nossa Senhora Santa Ana, em julho; e Festa do Morro, em louvor à Santíssima Trindade, esta última realizada na Serra dos Pireneus, também em julho.

Para João Guilherme da Trindade Curado e Tereza Caroline Lôbo (2010), as exteriorizações culturais religiosas da comunidade de Pirenópolis demonstram a natureza de uma demasiada diversidade e singularidade, constituída, em parte, pelas diferentes fluências migratórias, e por outro lado, pelas suas origens rurais. As tradições são um legado, fomentam a identidade dessa comunidade e, através da religiosidade, se conectam à fé e ao costume de um povo.

Localizada às margens do Rio das Almas (Figura 6), a cidade de Pirenópolis, antiga Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, surgiu como um dos primeiros arraiais em Goiás. Força inspiradora de canções, poemas e poesias, dramaturgias, fotografias e outras manifestações artísticas, o município é um dos destinos turísticos mais procurados pelos goianos, devido a seu cenário atraente. Suas igrejas, tradições e casarões coloniais são fontes de inspirações e criações e, sua paisagem, um convite ao relaxamento. Saint Hilaire⁴, ao explorar a região, em 1819, relatou tais belezas sobre o antigo arraial em suas memoriais cartas:

Da praça onde fica situada essa igreja [Matriz] descortina-se um panorama que talvez seja o mais bonito que já me foi dado apreciar em minhas viagens pelo interior do Brasil. A praça foi construída sobre um plano inclinado [...] uma igreja que se ergue um pouco mais longe contrasta, pela brancura de suas paredes com o verde-escuro da vegetação (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 36).

Durante toda a minha infância convivi com a cidade e com seus costumes. A casa da minha avó Albertina, quando eu ainda era muito pequena, localizada no alto do Setor do Bonfim, era o meu destino nas férias escolares. Com ela, frequentei as igrejas, os cultos e as tradições religiosas que movimentam a comunidade local. É uma cidade que vi aumentar a população e se popularizar ao longo dos meus poucos mais de 30 anos.

⁴ Saint-Hilaire, botânico, naturalista francês e viajante, esteve em Meia Ponte (antiga Pirenópolis), em 1819. Entre 1816 e 1822, durante o período que esteve no Brasil, “coletou e documentou várias amostras de plantas, animais e rochas, registrou aspectos da fauna, flora e geologia, mas também das complexas relações humanas presentes na América portuguesa” (GOMES; MIRANDA, 2016, p. 123).

Moradora e natural da cidade, minha falecida avó, Albertina de Oliveira Alves, assim como quase todos os moradores nativos da cidade, era uma católica fervorosa. As estantes e paredes de sua casa eram decoradas com imagens e fotos dos mais variados santos e artigos sacros e deixava explícita a sua religiosidade, fé e devoção. Era uma participante assídua de das manifestações religiosas que compunham e ainda hoje compõem as tradições da cidade. Foi na condição de criança e acompanhando minha avó que conheci os Cantos de Presépios e a sua propulsora, Dona Laurita Vitoriano da Veiga, atualmente com 81 anos de idade. Embora eu a tenha conhecido na minha infância, foi somente em 2015, durante a missa de sétimo dia da celebração da morte de minha avó, que me reaproximei das rezadeiras e iniciei meus estudos sobre a tradição e os rituais, para concluir minha graduação em jornalismo. Por dois anos consecutivos, acompanhei, diariamente, as rezadeiras nos rituais como observadora de seus costumes.

De acordo com Danielle Gomes do Nascimento (2017, p. 14), “tendo a oralidade como carro chefe”, as rezadeiras

possuem uma importante função na parcela da sociedade que mantém usos e costumes tradicionais: estabelecer relações com o sagrado. [...] Detentoras de um saber religioso são capazes de, por meio das rezas e dos rituais, curar males e devolver o equilíbrio emocional e físico àqueles que as procuram. [...] Por pertencer a uma comunidade religiosa cristã, as rezadeiras apresentam crenças compatíveis com sua formação religiosa: creem e veneram santos, rezam o terço e outras rezas que fazem parte da tradição católica, como Pai Nosso, Ave-Maria, Credo e Salve Rainha e estão sempre envolvidas nos acontecimentos da Igreja (NASCIMENTO, 2017, p. 14-15).

Ao contemplar as celebrações, identifiquei que os hinos que eu havia conhecido na minha infância já vinham sendo difundidos pela família Veiga há diversas gerações. Pude descobrir que foi antes da energia elétrica chegar ao Setor do Bonfim, um setor emblemático da cidade, que Dona Laurita e seus primos, Augusto Pereira da Veiga e Benedito Consuelo da Veiga, este último conhecido como Seu Dito, aprenderam os cantos com suas mães e avós maternos.

O ritual dos Cantos de Presépios principia-se no dia de Natal e deveria, via de regra, se encerrar no dia de Santos Reis. Porém, atualmente o costume termina, aproximadamente, na segunda semana após o Ano Novo. Nos dias em que se antecedem as comemorações natalinas, a comunidade pirenopolina monta o tradicional presépio em suas casas. Alguns devotos, deste modo, entram em contato com Dona Laurita e solicitam a visita das rezadeiras para que aconteça a cerimônia dos Cantos de Presépios. Assim que chegam às residências, essas senhoras são recepcionadas pelo convidador. Em seguida, elas apreciam o presépio, reverenciam as imagens, rezam o terço em algumas oportunidades e cantam os hinos natalinos. Dona Laurita, seu falecido marido e também primo, Seu Dito, catalogaram, em pequenas cadernetas escritas

à mão, aproximadamente 25 hinos. Cada um deles narra, de forma poética, a história do nascimento de Jesus e a representação do Natal. Em cada cerimônia, porém, são cantadas em média sete músicas que são selecionadas de acordo com a representatividade da data e preferência do devoto/anfitrião. Após o encerramento do ritual, o festeiro, as rezadeiras e todos os convidados se reúnem para confraternizar em torno de uma mesa com quitandas e bebidas.

Violeiros, sanfoneiros e quase uma centena de pessoas acompanhavam as rezadeiras no passado, um ritual que estimulava devotos numerosos. Atualmente, poucos fiéis ainda seguem a romaria⁵, e uma pequena parte da comunidade recepciona a tradição em suas casas. Dona Laurita, hoje em dia, conta com o apoio de Dona Narcisa Pereira da Cunha e, às vezes, de Dona Helena Maria de Jesus e Dona Sebastiana Inácia de Amorim. Estas mulheres septuagenárias nem sempre estão presentes nos rituais por motivos de saúde e dificuldades de locomoção, tendo em vista as ladeiras, características da cidade, sendo necessário caminhar até os destinos das cerimônias. O culto, no presente momento, perde força devido à avançada idade das rezadeiras.

Por se tratar de uma tradição religiosa que simboliza um relevante costume da comunidade, decidi divulgá-lo através do meu trabalho de conclusão de curso na graduação de jornalismo, mediante a produção e a apresentação do documentário *Reza Senecta*. No filme são retratados a fé dessas senhoras, suas memórias, o ritual e a inquietude em torno da ameaça de a tradição sucumbir. É uma tradição que está intimamente ligada com a memória. No momento em que essas rezadeiras realizam os rituais, elas fazem uso de rememorações para apresentar as manifestações artísticas e, portanto, servem para a manutenção do costume ao buscar por atividades esquecidas ou em vias de esquecimento.

As paisagens de Pirenópolis já foram escolhidas como cenários de filmes, canções, pinturas, literatura, novelas. Rendeu-lhe, ainda, o reconhecimento de instituições patrimoniais no que se refere ao seu contexto histórico, arquitetônico e paisagístico. Entre tantos reconhecimentos, há ainda o registro da Festa do Divino Espírito Santo, como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, obtido em 15 de abril de 2010. Esses fatos contribuíram para que a cidade fosse bastante estudada nas mais diversas áreas, podendo-se encontrar várias pesquisas entre artigos, monografias, dissertações e teses (FREITAS, 2005; CURADO; LÔBO, 2011; LÔBO, 2011; TEIXEIRA, 2015; SILVA, 2018 e outros).

⁵ “a romaria é um meio pelo qual seus integrantes fazem contato com o núcleo da sua cultura, lançando mão de novos valores e recriando a tradição, o que configura uma determinada visão de mundo” (ALMEIDA, 1997, p. 222).

Ao me aproximar do tema e aprofundar minha investigação, descobri alguns estudos paralelos sobre rezadeiras e festas religiosas de diversas comunidades interioranas (LEITE, 2008; AVELAR, 2015; BERNARDO, 2015; GOZANGA, 2017, entre outros). Entretanto, alusivo à tradição dos Cantos de Presépios de Pirenópolis, especificamente, não encontrei nenhum material de pesquisa científica relacionando o ritual e a sua historicidade à família Veiga.

Já relativo à propulsora Dona Laurita, me deparei com algumas produções culturais e particularidades de sua biografia. Relacionado a esta segunda, é importante ressaltar que Dona Laurita se qualifica como “cantora, folclorista, bordadeira, professora, rezadeira e griô”⁶. Ao citar Thomas Hale, sobre os griôs, Lilian Pacheco (2006, p. 45), diz que “são responsáveis por uma sabedoria e uma arte verbal presente nos rituais da vida social”. É a pessoa que numa coletividade possui a memória do grupo e opera como propagador de tradições; são líderes de comunidades culturais que trabalham com tradições orais.

Sobre suas produções culturais, identifiquei, primeiramente que, junto com o seu esposo Benedito Consuelo da Veiga, participou da gravação do *Long-Play* (LP) *Música do Povo de Goiás*, em 1979, um registro das canções do Grupo Folclórico de Pirenópolis do qual Dona Laurita fazia parte. Além disso, por ser integrante do Grupo dos Griôs, Dona Laurita representou em diversas peças de teatro, sendo algumas: *Domingas e sua Burrinha*, *Opereta Caipira*, *O Tal do Quintal*, *Memorial dos Ossos*.

Na literatura, fez parte da composição e se tornou personagem importante nos livros: *Caminhando com as Guerreiras* (Criação Guaimbê⁷, 2008) e *Flor de Pequi: Brincadeiras Populares* (Criação Guaimbê, 2008) e colaborou também para a elaboração dos livros: *Caminhos de Pirenópolis* (Criação Guaimbê, 2008), *A Vida Diferente* (Criação Guaimbê, 2008), *Andanças pelo Goiás* (Criação Guaimbê, 2008), *Brasil Memória em Rede: Um Novo Jeito de Conhecer o País* (editora Casa Aberta, 2010) e *Criancerias de Quintal* (Criação Guaimbê, 2015). Mais tarde, voltando novamente à música, Dona Laurita participou das gravações de três CDs: *Extremosa Rosa*, em 2001, com Roberto Correa e, pela Coleção Vozes, em 2008, participou de dois projetos: *Cantos de Presépios* e *Cantos de Mutirão*.

⁶ Informações coletadas através de entrevista e em conversas informais durante a realização da pesquisa de campo.

⁷ Guaimbê – Espaço e Movimento CriAtivo – é uma entidade com sede no Setor do Bonfim, em Pirenópolis, que desde 2001 dá apoio “às iniciativas de grupos artísticos-culturais do DF e GO”. Possui o objetivo de proporcionar encontros entre os seres humanos e os seus meios através de suas vivências e atividades culturais. Disponível em: <https://guaimbe.org.br>.

De todo o material acima encontrado, com a participação de Dona Laurita, apenas o CD *Coleção Vozes do Bonfim - Cantos de Presépios*, de 2008, se relaciona diretamente com a minha investigação sobre a tradição das rezadeiras de Pirenópolis. Com o apoio do IPHAN e a realização do grupo *Quintal da Aldeia / Guaimbê – Espaço e Movimento CriAtivo*, a coletânea conta com a gravação de 17 hinos que compõem o costume. Porém, estes são apenas parte das músicas que estão caligrafadas nas cadernetas e que são cantadas pelos integrantes durante o ritual. Alguns hinos não foram compilados no projeto por se tratarem de músicas populares e de autores fora da comunidade pirenopolina. Logo, entendo a importância de catalogar as músicas e transcrevê-las em partituras, para que suas letras, cifras, melodia, ritmo e modulação não se percam no decorrer do tempo.

Diante dos vários trabalhos realizados por Dona Laurita e de outro realizado acerca dos hinos da tradição dos Cantos de Presépios, uma inquietação me chamou a atenção: a significativa ausência da alusão aos rituais e especialmente às percepções das espacialidades das celebrações tradicionais, suas integrantes e sua historicidade. Desta forma, tendo como foco a tradição dos Cantos de Presépios, tenho como objetivo geral realizar investigações a respeito da identidade e cultura da comunidade. Assim, procuro alcançar tal propósito ao: conhecer as origens, a dinâmica da ocupação e elaboração do espaço atual de Pirenópolis; observar e apurar as relações sociais desenvolvidas pela comunidade ao planejar a realização e execução dos rituais, com o intuito de elucidar os impactos no cenário da tradição e na performance social pirenopolina; analisar as ritualidades dos Cantos de Presépios, da influência do cenário local, das imagens e memórias coletivas, que permitam revelar a identidade festiva da comunidade; e ao diagnosticar as questões e circunstâncias das imagens tradicionais de Pirenópolis, através de fotografias, vídeos e áudios. Isso, por conseguinte, permitirá o entendimento da tradição festiva impulsionada por Dona Laurita.

A tradição dos Cantos de Presépios simboliza um ciclo que se repete anualmente, por mais de um século, passando de geração em geração, pela família Veiga, que vem liderando a divulgação desse costume. A partir disso, a pesquisa se orienta pela abordagem do seguinte problema: como as tradições dos Cantos de Presépios influenciam a herança e o legado cultural da comunidade pirenopolina? Uma das prováveis respostas ao problema apresentado pode ser pautada pelos próximos dois questionamentos.

Em primeiro lugar, me pergunto de que maneira o passado é usado como influenciador da comunidade para estabelecer as identidades culturais religiosas perante as mudanças sociais? Recorro a Luís Palacín (1994) e Jarbas Jayme (1971), ao nos relatar sobre as circunstâncias da origem e constituição do arraial, na época chamada de Minas de Nossa Senhora do Rosário de

Meia Ponte, pelos portugueses atraídos pela exploração do ouro. E também a Curado (2011), ao dizer que a coroa portuguesa criou meios para reprimir o contrabando do minério, trazendo a Igreja e seus representantes. Portanto, as datas eram “marcadas todas pelos sacramentos da Igreja [...], assim como o calendário do ano recebia seu ritmo e seu relevo do calendário litúrgico” (PALACIN, 1981, p. 278); um indício do princípio da cultura religiosa nas festividades pirenopolinas.

Além dessa, outra questão me inquieta: quais os fatores influenciaram o enfraquecimento da memória, gerando o comprometimento da identidade e, com isso, a ameaça de sucumbir o ritual dos Cantos de Presépios? Diversas questões me levaram ao exame das percepções pelas rezadeiras sobre o desinteresse dos mais novos pelos rituais. Identifiquei, através de diálogos e entrevistas com as rezadeiras e os devotos, e também pela observação dos rituais com a comunidade, a possibilidade de que o grau de interesse em prosseguir com o ritual esteja enfraquecido pela falta de vivência dos jovens com o costume. A falta de interesse em preservá-los pode ser provocado por fatores externos de miscigenação de valores, ideias e ideais. Para Joel Candau (2011, p. 17), “não há busca identitárias sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente”. Neste ínterim, entende-se que a memória e a identidade estão ligadas indissociavelmente, pois, quando um grupo alinha seu pensamento em torno de interesses que não são mais os mesmos, é possível identificar um enfraquecimento da memória e, simultaneamente, o aparecimento de identidades múltiplas.

A pesquisa sobre os Cantos de Presépios, em parte, foi feita através de leituras de referências e conteúdos já existentes sobre o tema e sobre as performances culturais. Desde o início, optou-se por uma abordagem qualitativa que, de acordo com Roberto Jarry Richardson (1990, p. 80), pode “descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”. Desta forma, neste trabalho terei, como prioridade, as percepções e os aspectos dos objetos através de análise da realidade da comunidade, considerando o universo do ambiente em que as rezadeiras estão inseridas. Além disso, me orientei pela pesquisa descritiva, que “tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p. 28). Considerando este um estudo direcionado a um grupo ou a uma comunidade, a investigação foi pautada no método etnográfico, baseado na multiplicidade de instrumentos: observações, depoimentos, entrevistas, estudos de documentos, coleta de dados, gravações de vídeos e áudios e catalogação dos hinos.

No trabalho de apuração, realizei pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Na primeira categoria, o trabalho foi satisfatório. A pesquisa bibliográfica presencial ocorreu em Goiânia e em Pirenópolis. Na pesquisa virtual, através da internet, acessei um grande número de sites de Programas de Pós-Graduação em Sociologia, Geografia, História e Performances Culturais, bem como sítios de revistas científicas nacionais. A sondagem documental foi limitada às cidades de Goiânia e Pirenópolis.

Os trabalhos de campo⁸ aconteceram em Pirenópolis, sistematicamente, com anotações, entrevistas e registro de imagens (fotográficas, filmicas e áudios) dos rituais dos Cantos de Presépios. Além disso, a pesquisa de campo permite ao pesquisador experimentar uma prática e uma relação direta com o espaço pesquisado e todos os elementos que ele possui. Portanto, introduz o pesquisador no grupo, contribuindo para que haja, para os dois lados, uma “experiência direta do mundo social” (CAPALBO, 1979, p. 66). Deste modo, meu campo de atuação foi se amplificando diante da rotina das rezadeiras e dos rituais.

Passei aproximadamente 45 dias com as rezadeiras, entre dezembro de 2018 e janeiro de 2019, acompanhando as preparações até a conclusão das celebrações pela comunidade. Essa integração me permitiu, ao mesmo tempo em que eu conhecia a dinâmica do ritual, estabelecer um relacionamento de confiança e proximidade e proporcionou conversas mais íntimas sobre a personalidade das rezadeiras. Ainda inserida nesse processo, foram se estabelecendo relações de amizade e surgindo convites de visitas, que foram se expandindo para se conseguir acesso a informações, fotos antigas, imagens de presépios, cadernetas e relatos das celebrações e rezadores do passado.

As gravações dos rituais aconteceram em duas propostas: quando o devoto, dono da casa em que seria celebrado o ritual, ficava constrangido com o pedido de gravação, o que seria um registro e se convertia em uma observação informal; quando autorizadas, tanto as celebrações quanto as entrevistas, foram todas gravadas digitalmente e transcritas conforme as falas.

As ilustrações, os esquemas e mapas, bem como os quadros e tabelas, foram elaborados para melhor compreender os dados e complementar as informações apresentadas na dissertação. As imagens fotográficas foram produzidas especialmente para a dissertação e acondicionadas digitalmente sem o uso de edições, retoques ou aperfeiçoamento.

⁸ Conforme estabelecido na Resolução CNS/MS n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, a proposta para o desenvolvimento do projeto de pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG, em 28 junho de 2018, e acolhida sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – CAAE n.º 92451118.6.0000.5083. Em 11 de outubro de 2018, o Comitê, através do Parecer Circunstanciado de número 2.958.291, considerou o protocolo “Aprovado”, uma vez que considerou o pedido em conformidade com os “princípios éticos vigentes”.

Iniciei minha jornada pela tradição dos Cantos de Presépios de Pirenópolis, com a abordagem do processo histórico da cidade. Buscou-se identificar a constituição de uma identidade social, a memória das celebrações e o entendimento da cultura, visando, assim, a compreensão da espacialidade, que será retratada no primeiro capítulo.

Em seguida, no segundo capítulo, apresento um inventário da tradição dos Cantos de Presépios, seus participantes, memórias, hinos e o ciclo festivo dos rituais e retrato os objetos inseridos, os saberes e fazeres que envolvem a produção das celebrações.

No terceiro capítulo, debato as concepções e práticas relacionadas às celebrações religiosas. Examinando as memórias da festa e a compreensão da tradição, me levo ao exercício de entender os significados do costume dos Cantos de Presépios.

No quarto capítulo, apresento discussões acerca das performances culturais e a tradição dos Cantos de Presépios, por meio das fotografias que são referência para compreender a comunidade. Analiso as redes de relações dentro do ritual, bem como a concepção de identidades e de tradições, e, continuamente, utilizo as imagens como texto visual, permitindo, através destas, que o leitor conheça o ritual.

Arrematando a investigação da tradição dos Cantos de Presépios como identidade de parte da comunidade pirenopolina, apresento as “considerações finais”. Estas, assim como as celebrações das tradições culturais, são passíveis de alterações, o que favorece a compreensão das performances culturais diante, também, de determinadas questões levantadas e que valem novas reflexões.

1 MEMÓRIA COMO CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Quando estou em Pirenópolis,
Na minha sala de jantar,
Olhando pelas janelas,
Vejo uma beleza sem par.
(Pirenópolis – Yvonne de Pina Curado)

Popularmente, de acordo com Camila de Brito Quadros Lara (2016), a memória é considerada a faculdade do ser humano em preservar e relembrar momentos, experiências e conhecimentos pertencentes ao passado, que integram os processos de relação do indivíduo com o meio. Após o início do século XX, a memória tornou-se ponto central de inquietação de alguns teóricos, sendo ela motivo de pesquisa e debates entre pensadores. O filósofo francês Henri Bergson (1999), em sua obra publicada primeiramente em 1896, *Matéria e Memória*, defende que a memória não deve ser examinada somente pelo cérebro, mas, todavia, pelo espírito, uma vez que é resultado do vínculo entre o corporal e o espiritual. Em seguida, o sociólogo francês Maurice Halbwachs (2004), com sua obra, originalmente publicada em 1925, *Les cadres sociaux de la mémoire*, introduziu o conceito de memória social ou coletiva nas ciências sociais, criando oportunidades para que outros teóricos pudessem discutir o encadeamento da memória como motivação de relação social e construção da identidade cultural.

Sendo assim, de acordo com Lara (2016), por meio dos fatores socioculturais, nos ambientes familiares, religiosos, profissionais, políticos etc., a memória é determinada pelas relações entre indivíduos e pela maneira que estes interagem entre si. Esses fatores são componentes essenciais na elaboração das memórias e resultam na construção da história destas pessoas. A ligação entre memória e história é apresentada por Jacques Le Goff (1990), ao dizer que, “tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e, simultaneamente, um nível elementar de elaboração histórica” (LE GOFF, 1990, p. 50).

Pela perspectiva de Halbwachs (1990, p. 51) não é possível avaliar efetivamente o fenômeno de recordação e localização das lembranças sem considerar os contextos sociais, pois, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”. Sendo assim, através da categoria “memória coletiva”, o autor defende que nenhuma lembrança pode existir isolada de um grupo social, tendo apenas

uma dimensão individual, já que considera que as memórias de um indivíduo nunca são apenas suas.

Jean Davallon (2007, p. 25) leva a pensar sobre o que é memória coletiva, levantando seu caráter paradoxal: “sua capacidade de conservar o passado e sua fragilidade devida ao fato de que é vivo na consciência do grupo desaparecerá com o membro deste”. O autor pondera sobre a necessidade de reconstrução do passado restaurado, a partir das lembranças dos integrantes do grupo social por meio de uma memória que se estabelece não só pelo fato de lembrar, mas também de significar. Para ele, é preciso que o acontecimento lembrado reencontre a sua vivacidade, pois, além de conservar o passado, também é viva consciência do grupo e vai desaparecer com os membros deste.

Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (HALBWACHS, 1990, p. 34).

Le Goff (1990, p. 205) indica a memória como parte essencial da identidade. Para ele, a “ausência de um passado conhecido e reconhecido, à míngua de um passado, pode também ser fonte de grandes problemas de mentalidade ou identidade coletivas”. Neste contexto, as rezadeiras dos Cantos de Presépios que serão abordadas de maneira mais aprofundada no próximo capítulo, através de suas cerimônias e mesmo diante dos poucos integrantes que acompanham o grupo, conseguem ainda manter vivas as suas memórias ao realizar cada ritual e se esforçam para que a tradição não acabe, mesmo com a chegada de novos modelos sociais.

Para Candau (2011, p. 35), contrariando Halbwachs (1990), a “existência de atos de memória coletiva não é suficiente para atestar a realidade de uma memória coletiva. Um grupo pode ter os mesmos marcos memoriais sem que por isso compartilhe as mesmas representações do passado”. Desta forma é possível que, diante dos novos preceitos e do desenvolvimento das novas tecnologias, o interesse dos jovens por essas tradições esteja se redirecionando para outros ideais e, por isso, se pode perceber o receio e o interesse das rezadeiras em manter a conservação do costume.

Pensar na cidade de Pirenópolis traz à lembrança uma comunidade festiva e religiosa. De acordo com Halbwachs (1990, p. 157), “toda religião tem também a sua história, ou antes, há uma memória religiosa feitas de tradições que remontam a acontecimentos geralmente muitos distantes do passado, e que aconteceram em lugares determinados”. Para melhor se entender a

manifestação religiosa, seus devotos e os comportamentos criados é necessário primeiramente expor a história e quais vestígios os antecedentes deixaram, já que Le Goff (1990, p. 54) afirma ser “claro que a passagem do oral ao escrito é muito importante, quer para a memória, quer para a história”. Além do tempo, é necessário apresentar também o território onde a comunidade e essas rezadeiras habitam. De acordo com Kevin Lynch (1960, p. 11), “todo o cidadão possui numerosas relações com algumas partes da sua cidade e a sua imagem está impregnada de memórias e significações”. Ou seja, cada habitante possui diversas conexões com alguma parte de sua cidade e, além disso, o cidadão integra esse cenário. A cidade, neste sentido, não é somente percebida, pode ser estática em determinado momento, mas sempre se modifica nos detalhes.

1.1 BREVE HISTÓRICO DE PIRENÓPOLIS

A constituição dos primeiros povoados goianos, de maneira geral, se deu pela formação de centros urbanos nos arredores dos veios de ouro, tendo como grande influência a mineração, a ação de proprietários rurais e o fluxo de gado entre os mercados e a produção. Segundo Horienstes Gomes e Antônio Teixeira Neto, os dois aspectos mais importantes, histórico e geográfico, para o desenvolvimento urbano de Goiás, foram: “a garimpagem de ouro no período colonial (século XVIII) e a agropecuária tradicional após o esgotamento das minas de ouro (séculos XIX e XX)” (GOMES; TEIXEIRA NETO, 1993, p. 67). Além destes, de acordo com os autores, a implantação de ferrovias e das rodovias também foi elemento que favoreceu o surgimento de cidades.

A agricultura, de acordo com Curado (2011), organizou diversos meios de formação populacional, que eram chamados de comércio ou rua, por meio das ocupações espontâneas e oficiais e pela instalação de pouso para as tropas, boiadas e patrimônios, que “normalmente surgem em terras de fazendeiros que, sob o pretexto de agradar a um santo padroeiro, oferece à Igreja um patrimônio (lotes e terras que passam a pertencer à paróquia) no interior de um loteamento da zona rural” (GOMES; TEIXEIRA NETO, 1993, p. 74).

Muitos dos primeiros arraiais, vilas e povoados se firmaram e originaram as presentes cidades goianas. Segundo Jarbas Jayme e José Sisenando Jayme (2002), Pirenópolis surgiu como um dos primeiros arraiais de Goiás, pelo português Manuel Rodrigues Tomar, na época chamada de Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte. A data de fundação da cidade gera divergências entre alguns historiadores, como Luís Palacín (1981), Paulo Bertran (1997) e

August de Saint-Hilaire (1975) afirmam ter ocorrido, em 1731. Para Jarbas Jayme (1971), isso ocorreu em 1727.

De acordo com o historiador Ramir Curado, carta de D. João V ao governador da capitania de São Paulo, no início da estação chuvosa do ano de 1730 desse ano, relata que uma expedição comandada por Urbano do Couto Menezes e Manoel Rodrigues Tomar encontrou ouro no rio das Almas, em cuja margem foi fundado, na páscoa de 1731, o arraial de Meia Ponte, atual Pirenópolis. Jarbas Jayme (1971), juntamente com Alencastre e Americano do Brasil, escreveram que a fundação do arraial se deu em 1727 (07/10/1727). Já Cunha Matos, D'Alincourt e Bertran (1997) apontam 1731, como provável ano dessa fundação (JAIME, 2016, p. 36).

Independente do ano de fundação, foi no início do século XVIII que Pirenópolis se revelou com a mineração do ouro (Figura 7). E, por causa da sua localização privilegiada, se tornou o segundo centro econômico mais importante da capitania. Segundo Palacín e Moraes (1994), as pequenas organizações urbanas se formaram na medida em que os bandeirantes penetravam nas regiões à procura do ouro. De acordo com Palacín (1994), era prática que as novas denominações dos locais tivessem em seu nome características geográficas da região agregadas ao nome do santo que seria comemorado na data mais próxima. Como exemplo, têm-se: Arraial de Sant'Anna; Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte; São José do Tocantins; Nossa Senhora do Pilar e vários outros núcleos populacionais do começo do século XVIII.

Figura 7 - Garimpo e Casa de Câmara e Cadeia construída entre 1916-1919.



Fonte: acervo da família Camargo Correia. Foto: João Basílio.

O local onde está situado o arraial foi descoberto em 1731 por um certo Manoel Rodrigues Tomaz. Os primeiros que se estabeleceram ali foram os caçadores de ouro, que queriam explorar as margens do Rio das Almas. Entretanto, como o povoado que então se formou ficasse situado na junção das principais estradas da província e por ali passasse antigamente um grande número de tropas, os seus habitantes, certos de que poderiam vender proveitosamente os produtos da terra, logo desistiram dos trabalhos de garimpagem, da qual atualmente restam poucos vestígios. Foram eles, ao que parece, os primeiros em toda a capitania que tiveram a glória de se dedicar ao cultivo da terra. As matas, abundantes nos arredores do arraial, favoreceram o trabalho dos agricultores (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 37).

No fim do século XVIII, de acordo com Saint-Hilaire (1975), começou-se a crise na exploração do ouro devido às alterações nas rotas comerciais e à diminuição dos trabalhos de garimpagem. Com a crise da exploração do ouro, na segunda metade do século XVIII, e o abalo da economia, ocorreu a perda do conjunto populacional de Meia Ponte. Durante sua passagem, comenta Saint-Hilaire (1975, p. 37): “Ainda hoje a maioria dos habitantes de Meia-Ponte se dedica à agricultura, e como só vão ao arraial aos domingos, as casas permanecem vazias durante toda a semana”.

Segundo Adriana Mara Vaz de Oliveira (2001), o arraial se estabeleceu como centro urbano da província e se elevou à vila em 10 de julho de 1832, sendo a primeira comarca municipal em abril de 1833. “O arraial foi construído numa pequena planície rodeada de montanhas e coberta de árvores de pequeno porte. Estende-se ao longo da margem esquerda do Rio das Almas, numa encosta suave, e defronta o prolongamento dos Montes Pireneus” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 36).

Através da Lei nº 3, de 02 de agosto de 1853, a Vila de Meia Ponte se elevou à cidade (JAYME, 1971), porém, o acontecimento não significou um retorno do auge econômico. A integração entre os vizinhos era beneficiada pelo traçado urbano do século XVIII, que, conforme exposto por Curado e Lôbo (2010), era o resultado da aparição de novas ruas, sem o cuidado com a organização espacial, uma vez que se fez preciso a edificação de novas residências. Segundo Oliveira (2001), foi no século XIX que a pecuária despontou como atividade complementar à agricultura, o que propiciou um desenvolvimento mais satisfatório.

Foi em 1890 que a cidade recebeu o nome de Pirenópolis, em homenagem à Serra dos Pireneus, que a circunda. “A serra, por sua vez, teve seu nome tirado da cadeia de montanhas que separa a França da Espanha” (IPHAN, 1994, p. 29). Em seguida, nas primeiras décadas do século XX, as rotas comerciais foram transferidas para Anápolis, e a cidade ficou economicamente isolada. “Talvez um dos grandes refluxos migratórios tenha ocorrido por ocasião da entrada da estrada de ferro em Goiás, principalmente com a chegada dos trilhos em Anápolis, por volta da década de 1920” (CURADO; LÔBO, 2010, p. 86). Este fato, de acordo

com os autores, propiciou que várias famílias de Pirenópolis mudassem “para o novo ‘centro comercial’ e lá passam a desenvolver atividades ligadas ao comércio ou à indústria, possibilitando o enriquecimento e escoamento de mercadoria para diversas partes do Brasil” (CURADO; LÔBO, 2010, p. 86). Em 1933, a construção de Goiânia propiciou um aquecimento na economia devido à extração das pedras de quartzito, abundantes na Serra dos Pirineus. São fatores que contribuem para uma nova constituição social e cultural, aspectos que serão expostos nos itens a seguir.

1.1.1 Pirenópolis: cidade religiosa e suas igrejas

Palacín e Moraes (1994, p. 5) afirmam que “Goiás era conhecido e percorrido pelas bandeiras quase que desde os primeiros dias da colonização, mas seu povoamento se deu em decorrência do descobrimento das minas de ouro no século XVIII”. Sendo assim, de acordo com Curado (2011, p. 32), os bandeirantes, então, para não ficarem à mercê dos indígenas, de outros exploradores e negros escravizados, contribuíram para que a coroa portuguesa “criasse mecanismos para tentar fazer a ordem imperar, assim com coibir o contrabando do ouro”. Assim, a coroa trouxe a Igreja e os seus representantes, com a incumbência de levar a fé aos bandeirantes, catequizar os negros e recordar aos mineradores a necessidade de uma vida espiritual voltada para a religião.

O botânico naturalista francês, durante sua viagem a Meia Ponte, em 1819, relatou que “cinco igrejas contribuem para enfeitar o arraial. A igreja paroquial, dedicada à Nossa Senhora do Rosário, é bastante ampla e fica localizada numa praça quadrangular” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 36). Fundamental e de grande importância para propiciar o crescimento urbano, o auge do ciclo do ouro aconteceu em meados do século XVIII. Nesse período, foram construídas as cinco igrejas citadas por Saint-Hilaire: a Matriz Nossa Senhora do Rosário (1732); a arruinada igreja destinada aos escravos e negros de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (1747); Igreja de Nossa Senhora do Carmo; Igreja de Nosso Senhor do Bonfim (1754) e Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte da Lapa (1760), destinada aos mestiços e que também entrou em ruínas.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário (Figura 2), Matriz de Pirenópolis, conforme Curado (2011), foi construída por meio do favorecimento do minerador lusitano Alexandre Pinto Lobo de Sá que, “graças às lisonjeiras promessas de vultoso auxílio, concretizado logo a seguir por aquele pioneiro, as obras prosseguiram e foram levadas a bom termo, em 1732” (JAYME; JAYME, 2002, p. 35). Luiz D’Alincourt, que esteve em Meia Ponte na década de 20,

do século XIX, corrobora a questão econômica, influenciando a construção, ao expor o equívoco do local escolhido, para a edificação da Matriz:

É notável que o mau gosto e nenhum desvelo, que punham os antigos na fundação dos lugares auríferos, no que bem mostraram, que só o ouro formava o seu alvo, e que tudo o mais era nada, em presença de tão precioso ídolo! Por isso, é que sempre davam princípio às povoações o mais perto possível do sítio, em que mineravam; importando-lhes pouco a irregularidade do terreno, das ruas, e edifícios, ainda que próximo houvesse melhor local: assim teve começo, junto ao rio das Almas, que ainda é pequeno, o arraial de Meia-Ponte; e até por um capricho mal entendido, edificaram a matriz no pior sítio do largo, em que existe, com frontispício voltado para o máximo declive do mesmo largo, e os fundos que estão em uma cova, para a parte mais espaçosa; o que executaram só para que o templo ficasse próximo à casa de que tinha concorrido com maior quantia para a sua fundação; o que desta sorte se exigiu. Toda a parte do arraial, que está ao setentrião da matriz, é a pior situada, com as ruas dispostas sem ordem, nem uniformidade, em suas larguras: a outra parte, que fica ao meio-dia da mesma igreja, ocupa terreno mais regular, e as ruas são largas, e direitas; porém menos povoadas, à exceção da Nova (ALINCOURT, 2006, p. 64).

Raimundo José da Cunha Mattos (1836), que chegou em Meia Ponte em 7 de agosto de 1823, descreve:

O arraial tem mais de $\frac{1}{4}$ de lagoa de extensão, e acha-se assentado na margem esquerda do rio das Almas, onde existe uma grande ponte arruinada. O terreno he desigual, mas a parte mais considerável da povoação fica em huma chapada. Tem a bella rua das Bestas, e outra do Rozario, além de diversas de menor extensão; algumas elegantes e espaçosas casas, pela maior parte térreas: as dos Frotas são de sobrado, mas não se achão concluídas; tem Casa do Conselho do Julgado, e Cadeia; a espaçosa igreja de N. S. do Rozario Matriz Paroquial; outra da mesma invocação; a do Senhor do Bom-fim com huma devota Imagem de estatura ordinária e sem nenhuma proporções nos seus membros: nesta igreja há ricos ornamentos; a igreja da Lapa e a do Carmo: estas duas estão mui arruinadas [sic] (MATTOS, 1836, p. 151).

Figura 8 - Desenho de Burchell, do Largo da Matriz, em 14 de setembro de 1827.



Fonte: Wikimedia Commos, 2018.

O desenho de William Burchell⁹ (Figura 8), que compõe um dos primeiros registros dos traços do arraial no começo do século XIX, apresentou como era o Largo da Matriz em 1827, complementando as impressões de Saint-Hilaire (1975, p. 36), que a descreveu: “o encantador Arraial de Meia-Ponte é ao mesmo tempo sede de um julgado e de uma paróquia”.

Nesse sentido, de acordo com o que foi observado por Curado (2011), durante o período colonial, pode-se evidenciar que: “os leigos participavam ativamente da construção das igrejas, dos atos do culto e da promoção de devoções” (CASTRO, 2006, p. 159). De acordo com Curado (2011, p. 34), “alguns outros abastados mineradores de Meia Ponte fizeram questão de demonstrar sua fé e poderio por obras e destinaram parte de seus bens à construção de igrejas menores e mais simples, que eram utilizadas, também, como capelas particulares”.

Segundo Jayme (1973), a acomodação populacional da antiga Meia Ponte se deu à beira do rio e junto à ponte que ligava o centro até a propriedade do rico minerador Antônio Rodrigues Frota, que se localizava à margem direita do Rio das Almas. De acordo com Luiz Ricardo Magalhães e Robson Eleutério (2008), a Igreja de Nossa Senhora do Carmo (Figura 9) foi construída pela abastada família Frota, para cumprir as obrigações e devoções religiosas em suas missas particulares. As terras eram ocupadas apenas por familiares que pouco atravessavam a ponte do Rio das Almas para conviver com os outros habitantes do arraial.

Figura 9 - Capela Nossa Senhora do Carmo sobre o Rio das Almas.



Fonte: Jayme; Jayme, 2002. Foto: Comissão Cruls.

⁹ William John Burchell, botânico e desenhista britânico, visitou o Brasil a partir de 1825.

A catita e encantadora ermida de N. Senhora do Monte do Carmo, único santuário meiapotense na margem direita do Rio das Almas, foi edificado (sic) pelo rico mineiro Luciano Nunes Teixeira, em colaboração com o genro, Sargento-mor Antônio Rodrigues Frota. Ambos portugueses, senhores de bastos cabedais, oriundos da mineração aurífera, possuíam numerosa escravaria [...]. Não nos foi possível documentar a data e tampouco fixar o ano em que a Ermida foi construída pelos dois pioneiros. Todavia, [...] colhemos que a Capela de N. Senhora do Carmo foi a terceira igreja, levantada em Meia Ponte (JAYME; JAYME, 2002, p. 50).

Jayme e Jayme (2002) afirmam que a capela possui uma edificação mais modesta, sendo a igreja mais baixa e a menor da cidade. Conciliando com os hábitos da época, os responsáveis por sua edificação, “o Sargento-mor Antônio Rodrigues Frota, falecido em 22/12/1774, e seu sogro, Luciano Nunes Teixeira, morto a 31/3/1763, estão sepultados em uma das sacristias da Ermida” (JAYME; JAYME, 2002, p. 52).

Já os negros povoaram a margem esquerda do Rio das Almas, no sentido leste, com suas construções de adobe ou pau a pique, edificações simples e baixas. Na época, de acordo com Tereza Caroline Lôbo (2012, p. 06), “havia uma segregação socioespacial que refletia a composição étnica. A segregação residencial dava-se não só pelo distanciamento das habitações em relação à Igreja da Matriz, mas também pela autorização de nela se entrar”.

os negros escravos, obrigados a professarem a religiosidade cristã, mas proibidos, oficialmente, de frequentarem os cultos nas matrizes e nas demais capelas, construíram igrejas a eles destinadas e, em sua maioria, consagradas ao santo que adotaram como devocional: Nossa Senhora do Rosário, quase sempre acompanhada da alcunha “dos Pretos” — uma distinção preconceituosa, mas que, no caso de Meia Ponte, atual Pirenópolis, soava e soa estranho, à vista de vez a padroeira local ser Senhora do Rosário (CURADO, 2011, p. 34).

Jayme e Jayme (2002) afirmam que a edificação da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Figura 10) foi autorizada pelo Diocesano Padre José de Frias e Vasconcelos, através da Provisão de 1742, que coordenou suas atividades por mais de um século. Construída entre os anos de 1743 e 1757, de frente para a Igreja Matriz, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos era sustentada por doações dos empregados que pagavam em ouro para se integrarem na comunidade; era ali que, em grande maioria, os negros, forros e escravos praticavam suas atividades religiosas. “Os escravos labutavam, na construção de sua igreja, nas horas vagas, cedidas pelos senhores; afanavam-se de noite e nos feriados religiosos, além de disporem de poucos recursos financeiros, para a obra tão monumental” (JAYME; JAYME, 2002, p. 46).

Figura 10 - Rua do Rosário, Igreja de N^a. S^a. do Rosário dos Pretos, fim séc. XIX.



Fonte: Miriam de Lourdes Almeida, 2006.

Com o fim do ciclo do ouro e a chegada do ciclo do agropastoreiro, reduziram-se os trabalhos da mineração e o empobrecimento geral dos humildes e negros. Tanto a abolição quanto a miséria, de acordo com Lôbo (2012, p. 08), “fizeram com que as irmandades dos pretos perdessem seu vigor”. Com a libertação dos negros escravizados, a miséria cresceu e foi passada aos descendentes, “aos quais faltou coragem e liderança para conservar, manter limpo e bem cuidado o templo de seus antepassados. Faltou-lhes, principalmente dinheiro” (JAYME; JAYME, 2002, p. 46). Deste modo, por ordem da autoridade diocesana, a Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foi demolida em 1944, onde hoje dá lugar ao coreto da cidade.

A Igreja de Nosso Senhor do Bonfim (Figura 11) foi construída pelo lusitano Sargento-mor Antônio José de Campos, que, segundo Jayme e Jayme (2002, p. 56), foi edificada entre os anos de 1750 e 1754, na região mais alta, “na parte velha da cidade, de onde se ensancha encantador panorama” consta também que “o Sargento-mor Antônio José de Campos adquiriu, pessoalmente, na cidade de Salvador”. A imagem de Jesus crucificado, em tamanho próximo ao natural, hoje ocupa o retábulo-mor da capela, trazida no ano de 1755 em um comboio que contava com 260 escravos. De acordo com os autores, para manter o costume, estão sepultados

na capela o responsável por sua construção, Antônio Campos, e sua esposa, Ana Timóteo Curado.

Figura 11 - Igreja Nosso Senhor do Bonfim.



Foto: acervo pessoal Pompeu de Pina. Fonte: Juliana Pereira Freias, 2005.

Os autores ainda fazem questão de lembrar a tradição de “enterrar, no interior desse Santuário, todos os descendentes do nobre casal, falecidos em Meia Ponte. Os escravos da família eram inumados no adro e nos oitões, sob as calçadas... para continuarem a servir os senhores, lá do outro lado da vida” (JAYME; JAYME, 2002, p. 58).

A quinta igreja observada por Saint-Hilaire, em 1819, Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte e da Lapa, foi erguida no meio da localidade, tradicionalmente e atualmente conhecida por Alto da Lapa. Para Jayme e Jayme (2002, p. 62), “em 1760, a extinta irmandade de Nossa Senhora da Lapa dos Pretos Livres, fundada naquele ano, entendeu que os homens de cor deveriam possuir um Santuário que ombreasse, em tamanho, com a Matriz de Nossa Senhora do Rosário, onde mandavam os brancos”.

Entre os séculos XVIII e XIX, a princípio, os pretos livres e escravizados concluíram a construção apenas da capela-mor e respaldaram as paredes do grande Santuário. Mesmo inacabada, a ermida foi aberta aos cultos. Em sua passagem por Meia Ponte, em 1824, Cunha Mattos (1836, p. 151) relatou: “5ª Igreja da Lapa e Boa Morte, mui pobre e arruinada, tem preciosa imagem de Nossa Senhora no trânsito. Fica esta igreja no princípio do arraial do lado do ocidente”. Administrada pela Confraria dos Pretos Livres e jamais concluída, depois de um século, em 1869, de acordo com Jayme e Jayme (2002), o templo entrou em total ruína. Hoje, nada mais sobrou da igreja que, em tamanho, só perdia para a Igreja Matriz. Atualmente, o local está ocupado, em parte, pela Escola Estadual Professor Ermano da Conceição e por um observatório astronômico.

A partir do século XVIII, as igrejas e capelas organizaram e traçaram o formato urbano da então Meia Ponte e formaram a paisagem da cidade. Ao longo dos séculos, Pirenópolis manteve estável a aparência do arraial das últimas décadas do século XVIII e das primeiras décadas do século XIX. Suas igrejas e a arquitetura mantiveram a estrutura da cidade consolidada e, por preservar a memória dos primeiros períodos da ocupação do território goiano, em 1989, a cidade foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Atualmente, a comunidade possui organização econômica pautada entre outros, pelo turismo, que é fomentado também por suas festas religiosas. É caracterizada pela natureza, arquitetura, religiosidade, pelo folclore e pelas tradições.

Autores como Émile Durkheim (2000) e Pierre Bourdieu (2007) afirmam que a religião tem uma função social. Para Bourdieu (2007), ela se estabelece como princípio de estruturação, reconhece ideologias e práticas de um grupo, e não somente assume uma função social. Porém, ao cumprir a função, que é social, figura para o leigo como forma de justificar sua existência e também algo capaz “de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte” (BOURDIEU, 2007, p. 48).

A religiosidade popular, suas festas e representações, permite a esse outro, nosso interlocutor, reaver sua identidade, reconhecer-se na coletividade, rearticular uma memória social esfacelada, solidarizar-se com os outros, descobrir-se no outro. Porque permite o convívio social – amálgama comunitário –, a festa é um dos momentos de realizar o reencontro com as raízes fundantes, de estabelecer parcerias, de (re)construir uma humanização perdida (MACHADO, 2002, p. 344).

Segundo Antônio Augusto Arantes (1980, p. 54), as festas populares possuem o objetivo de provocar a percepção de si mesmo: “o que define a cultura popular é a consciência de que a cultura tanto pode ser instrumento de conservação, como de transformação social”. Neste

ínterim, de acordo com João Nunes Avelar Filho (2015, p. 35), “pode-se entender que o teor das rezas pode, muitas vezes, reforçar a identidade étnica”. Portanto, essa tem sido a “maneira popularizada de praticar a fé, mantendo os ritos e as crenças, para não esquecer como se fazia antes, reatualizando sempre o que foi aprendido com os antigos” (p. 35).

1.1.2 Movimento religioso e cultural na cidade de Pirenópolis

O termo cultura, de acordo com Daniele Canedo (2009), pode ser convocado para diversos interesses e multidisciplinarmente. Pode ser pensada em diversas áreas e, em cada uma delas, ser trabalhada em diferentes enfoques ou usos, tais como a antropologia, sociologia, história, comunicação e muitas outras. Desta maneira, estabelecer o conceito de cultura não é um trabalho simples. Ademais, de acordo com Denys Cuche (1999, p. 203), a palavra cultura também tem sido suplantada em diversos campos semânticos, em permutação a outros termos, como “mentalidade”, “espírito”, “tradição” e “ideologia”. Neste sentido, pode-se concluir que, ao se mencionar a palavra, é adequado considerar que existem múltiplos conceitos de cultura.

Perante a pluralidade de perspectivas, interpretações e usos do termo, será eleito como parâmetro, neste trabalho, a concepção fundamental de entendimento da cultura como modo de vida que representa numa coletividade. Nesta percepção, a cultura é definida como um conjunto de signos e significados produzido pelos grupos sociais e se concebe, por meio da concepção antropológica, “através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir, constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas” (BOTELHO, 2001, p. 2).

Ao comentar sobre o legado cultural, Margarita Barreto (2000) trata dos vestígios e dos monumentos como um recurso que “mantém a continuidade cultural, representa um nexo dos povos com o seu passado” e complementa que “a continuidade e a contiguidade com o passado dão certezas, permitem traçar uma linha na qual nosso presente se encaixe, permitem que saibamos mais ou menos quem somos e de onde viemos, ou seja, que tenhamos uma identidade” (BARRETO, 2000, p. 43).

O povoamento em Goiás, como já citado anteriormente, bem como em Minas de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, atual Pirenópolis, se deu em decorrência do descobrimento das minas de ouro no século XVIII. Desta forma, Curado (2011, p. 32) explica que “tal política deu-se com o acompanhamento de representantes da Igreja, cuja função mais destacada era levar a fé aos bandeirantes, converter os negros e os que fossem encontrados pelo caminho”. Ainda de acordo com o autor, o princípio da Igreja era reforçar nos mineradores a importância

de uma vida de devoção voltada para a religião e pelo fato de as relações espaço-tempo serem complicadas de determinar:

[...] as grandes datas da existência estavam marcadas todas pelos sacramentos da Igreja saturadas de sentido religioso, assim como o calendário do ano recebia seu ritmo e seu relevo do calendário litúrgico. Continuava em uso o antigo costume medieval de designar uma data não pelo mês e o dia, senão pelo santo litúrgico. E as grandes épocas eram as do ciclo cristão: o advento e o Natal, a quaresma e a Páscoa. Pentecostes, assim como as festas populares eram as festas dos santos universais e as festas dos padroeiros locais (PALACÍN, 1981, p. 278).

Segundo Jerônimo Geraldo de Queiroz (1969, p. 63), “quem primeiramente levou a cultura cristã ao norte goiano foram os franciscanos e os jesuítas”. Curado (2011, p. 34) aponta que a Igreja Nossa Senhora do Rosário, hoje matriz de Pirenópolis, carrega a prerrogativa de estar entre as primeiras igrejas erguidas em Goiás: “as três primeiras paróquias foram as de Santa Ana, situada em Vila Boa, datada de 1729, e as de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte e de São Félix, ambas surgidas no ano de 1736”. Porém, Jayme e Jayme (2002) colocam como hipótese que a edificação da igreja se deu anos antes, por possuir registros históricos de um batismo no templo: “admitiríamos que os primeiros povoadores do solo meiapotense dessem início àquela construção, em 1728, para que nos albores do ano de 1732, isto é, 2 de março, fosse feito, na respectiva pia, o primeiro batismo, conforme nos conta o documento¹⁰” (p. 35).

Aos dous dias do mez de Março de mil e sette centos e trinta e dous annos Baptisei e puz os Stos. Oleos a Franco, filho legitimo de Bartholomeu da Costa e de Maria Cardoza; foram padrinhos Luiz de Brum da Sylveira e Leonor... fiz este termo dia, mez e ra ut supra – Joseph de Frias e Vasconcellos [sic] (LIVRO DE BATIZADOS apud JAYME; JAYME, 2002, p.35).

Nas cidades coloniais goianas, as igrejas eram edificadas dando origem ao “Largo da Matriz, um terreno mais plano, [onde], além de estar implantado o templo da maior devoção, era o sítio escolhido pelas pessoas mais abastadas para a construção de suas residências” (COELHO, 2001, p. 175). Os largos centrais também acomodavam outras instalações, como o chafariz, que além de permitir o consumo de água, era ainda usado para as feiras e festas religiosas promovidas pela Matriz, edificação suprema do terreno. Neste contexto, segundo Curado (2011), os largos eram espaços que, devido ao grande número de festas produzidas pela igreja ou pela comunidade, acomodavam as aglutinações sociais para manifestações como

¹⁰ Documento: Livro de Batizados. Paróquia Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte. 1732-1747. 148p.

batizados, matrimônios e festas dos sacramentos dos ciclos da vida. Portanto, “é bem sabido que, na prática, o desenvolvimento e o funcionamento do espaço público refletem as circunstâncias históricas, culturais ou socioeconômicas nos quais ele se encontra” (BERDOULAY *apud* CURADO, 2011, p. 62).

O fato é que quase nada sobre as festas religiosas goianas havia sido registrado até então. As menções eram dispersas nas páginas de diários ou em fragmentos de cartas, nos livros de tombo das igrejas e a vivência supria as necessidades de relatos. A exemplo disso, não há registros conhecidos da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis anterior à passagem de Pohl e Saint-Hilaire pela antiga Meia Ponte, bem como de outras manifestações que aqui ocorriam antes da visita deles e dos demais viajantes europeus pelas paisagens goianas (CURADO, 2011, p. 63).

Em sua passagem por Goiás, Johann Emanuel Pohl¹¹ (1976, p. 112), diante das festividades, narra que “com alegria, decidi passar o Natal em sua casa [João Teixeira Álvares, vigário de Santa Luzia], como ele desejava”. Continuando, em sequência, narra sobre a sua participação no costume natalino daquela noite:

a festa de Natal excitou a minha curiosidade. Na véspera (24 de dezembro), almoçou-se como de costume; aliás, como aqui não foi possível obter peixe algum, comeu-se carne. À noite, reuniu-se uma sociedade dos homens e mulheres mais distintos da cidade na casa do vigário. Travei conhecimento, entre outros, com o Ouvidor José Francisco Leal. Acha-se de passagem para o Rio de Janeiro. Vinha de Mato Grosso e muito me recomendou viajar por essa província, pois ali podia esperar abundante colheita de plantas e fósseis. À meia-noite, seguiram todos para a igreja, onde o vigário me conferiu a distinção de ser eu o primeiro a tocar a água benta. Ao som de uma marcha executada por dois violinos e um clarinete, penetramos na igreja, ocupando os nossos lugares em frente ao altar-mor. Celebrou-se missa cantada com bom acompanhamento vocal e instrumental. Depois, o vigário trocou a casula pela capa de asperges para dar-nos a beijar uma imagem do Menino Jesus, sendo eu o primeiro leigo a fazê-lo. Com isso, encerrou-se a cerimônia e, ao som de outra marcha, fomos para casa. Na manhã seguinte, trocamos votos de boas festas. Ao meio-dia, houve farta refeição na casa do vigário (POHL, 1976, p. 113).

Saint-Hilaire (1975), por sua vez, que esteve em Goiás entre maio e setembro de 1819, não demonstrava entusiasmo com as festividades e escrevia que “se, para assistir à festa de Bom-Fim, me bastasse permanecer no arraial apenas mais um dia, eu teria feito esse sacrifício. Mas não me achava disposto a perder muito tempo”. Essa insatisfação fica mais evidente quando, em seguida, demonstra a sua impressão quanto à sua retirada: “não creio, aliás, que

¹¹ Johann Emanuel Pohl, médico, geólogo austríaco e botânico, integrou a missão austríaca no Brasil entre 1817 e 1821. “Na condição de integrante da expedição científica da Corte de Viena, empreendeu curtas expedições e regiões vizinhas [...]. Ao desligar-se da expedição, Pohl traçou seu próprio roteiro e empreendeu uma viagem de quatro anos pelo interior do Brasil (1817-1821), percorrendo as regiões que compreendem o Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás” (REZENDE, 2017, p. 62).

minha partida tenha desgostado alguém, pois desconfio de que certa pessoa receasse que eu fosse ficar chocado com certas inconveniências que os participantes da festa não se envergonham de cometer, mas das quais tinham plena consciência, o que já era alguma coisa” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 105).

Com os relatos de Pohl (1976) e Saint-Hilaire (1975), tem-se ciência dos acontecimentos ocorridos no século XIX, uma vez que ambos deixam para as novas gerações relevantes informações sobre os eventos e as festas religiosas longínquas. Além das festividades católicas, vale ressaltar aqui também o outro lado do legado cultural, pautado pela literatura, música e pelos espetáculos.

Mesmo com o declínio da mineração, a queda da economia e, consequentemente, a perda populacional de Pirenópolis, na época Vila de Meia Ponte, foi considerada como “berço da cultura goiana” durante o século XIX. Isso porque Joaquim Alves de Oliveira, de acordo com Curado e Lôbo (2010), produziu o primeiro jornal do Centro-Oeste do Brasil, em 5 de março de 1830, o *Matutina Meyapontense*. Além do jornal, Joaquim (2010, p. 84) também criou “uma biblioteca pública, uma banda marcial composta por negros, reformou Igrejas, construiu diversas casas [...] atuou também nas irmandades religiosas locais”.

Rosana Maria Ribeiro Borges e Angelita Pereira de Lima (2008) declararam que, em 1829, o Império vetou o pedido do Marechal Miguel Lino de Goiás para a instalação de uma tipografia. O comendador Joaquim Alves de Oliveira, por meio da produção do Engenho São Joaquim (atual Fazenda Babilônia), de suas atividades agrícolas e comerciais, que vendia alimentos em diversas cidades brasileiras, era considerado um dos homens mais ricos do seu tempo. Diante da negativa do imperador, Joaquim adquiriu uma oficina tipográfica com os próprios recursos, no Rio de Janeiro, no mesmo ano, e a trouxe em lombos de mulas para Meia Ponte. O jornal, lançado em 1830, “publicava atas de reuniões dos dirigentes da província, atos oficiais, correspondências civis e oficiais, literatura, crônicas, cartas dos leitores, tendo ainda alguns anúncios” (BORGES; LIMA, 2008, p. 73). A partir de maio de 1831, passou a portar, em seu cabeçalho, expressões de “uma ação política da imprensa nacional que ganhou força e destaque nas lutas pela Independência: ‘Os Reis só são legítimos quando governam com a Constituição’ e ‘O Direito de resistência é direito público de todo povo livre’” (p.73). O jornal circulou até 24 de maio de 1834, com um total de 526 edições. Com uma abrangência que extrapolava os limites do estado de Goiás, destacou-se como símbolo de fortalecimento cultural e berço do jornalismo goiano.

Nessa mesma época, o arraial foi promovido à vila, uma vez que se estabeleceu como centro urbano da Província e, de acordo com Saint-Hilaire (1975, p. 36), o arraial teria

“praticamente o formato de um quadrado e conta com mais de trezentas casas”, em 1819. A elevação da Vila de Meia Ponte a cidade, em 1853, segundo Curado e Lôbo (2010, p. 85), “apesar das comemorações, isso não representou uma volta ao cenário econômico da região, mas a cidade fecha-se para o mundo exterior, sendo lembrada apenas por ocasião de suas festas tradicionais, como Semana Santa e a Festa do Divino Espírito Santo”, que era o que movimentava a população local. Segundo Curado e Lôbo (2010, p. 85), o espaço urbano manteve a mesma essência da organização do século XVIII, porém, foram aparecendo ruas sem cuidado com a disposição espacial, o que, conseqüentemente, propiciava a integração entre os vizinhos.

No século XIX, como exposto por Oliveira (2001), é que a pecuária surgiu como atividade econômica e permitiu um desenvolvimento mais satisfatório. Meia Ponte prosperou comercialmente ao mesmo tempo em que sua cultura se consolidou.

O comércio movimentava a economia local, mas o que movia a população eram as inúmeras manifestações culturais. Em todas as casas, por mais humildes que fossem, sempre havia alguém que se dedicava à música, à pintura, aos bordados, às leituras e aos trabalhos artesanais (CURADO; LÔBO, 2010 p. 85).

As festividades, encenações e expressões folclóricas afirmavam as tradições locais. “As festas, comumente ligadas aos preceitos sagrados, contavam com um calendário bastante agitado. A maioria dos santos era festejada, alguns com maior destaque e pompa, outros nem tanto” (CURADO; LÔBO, 2010, p. 86).

Após receber o nome de Pirenópolis e com a chegada dos trilhos da estrada de ferro a Anápolis, de acordo com Curado e Lôbo (2010), muitas famílias se mudaram, deixando a cidade pirenopolina economicamente isolada. “O reflexo desse ‘apito do trem’ é que várias casas passaram a permanecer fechadas durante a semana e até mesmo aos domingos, vindo a abrir-se apenas nos períodos festivos” (CURADO; LÔBO, 2010, p. 86).

Jayme (1971), devido ao isolamento, para evitar que a cidade se transformasse em uma urbe mirrada, menciona que a população se curvou para as tradições e manifestações artísticas, o que provocou na comunidade o desejo de buscar novas possibilidades de criação e manutenção para o crescimento cultural. Neste período, no fim do século XIX, havia uma necessidade de se construir um lugar para apresentação das peças teatrais que eram encenadas no palco, devido ao trabalho do teatrólogo Sebastião Pompeu de Pina. Ao adquirir um terreno em 1889, Sebastião iniciou a edificação do prédio do “Theatro de Pirenópolis”. Para isso, “concorreu o povo, com donativos que eram vendidos em leilões, e a municipalidade com

pequena importância. Além disso, Pompeu de Pina fazia loterias, cujos rendimentos eram aplicados àquele fim” (JAYME, 1971, p. 153). Somente em 1899, depois de quase 12 anos de construção, sua inauguração se deu com a peça de Antônio José da Silva, *O Judeu*, encenado por atores pirenopolinos e superlotando o salão com os expectadores.

A primeira versão do “Cine Theatro Pireneus”, como historiado por Jayme (1971), foi construída em 1919, em estilo neoclássico, pelo padre espanhol Santiago Uchoa, para exercer a atividade de teatro. Foi reformado, em 1936, por Antônio Puglisi, e sua fachada foi alterada para o estilo Art déco, aderindo à maneira artística de vanguarda daquele tempo. Com isso, ficou mais adequado para a função de cinema, à qual foi destinado. Nos anos que se seguiram, o cinema foi o auge da cidade trazendo as pessoas da zona rural para as exhibições. “Era comum que moradores da zona rural viessem a cavalo para ver filmes, amarrando seus animais em argolas metálicas espalhadas no transcurso da Rua Direita, uma rua mista até então, com residências e comércios” (CURADO; LÔBO, 2010, p. 87).

A construção de Goiânia, em 1933, aqueceu a economia da cidade de Pirenópolis, em razão do interesse pela extração das pedras de quartzito. Depois, a década de 1980 foi um período marcado pela chegada dos hippies, que estabeleceram a produção de artesanato e joalheria em prata e incrementaram o turismo. Em 1989, a cidade foi tombada pelo IPHAN, por manter sólida a feição do arraial das primeiras décadas do séc. XIX, por ter a estrutura da cidade preservada e permanecer como testemunha viva dos primeiros tempos da ocupação do território goiano. Hoje, a cidade possui sua economia fundamentada pelo turismo, artesanato, pela prataria e extração de pedras, e é reconhecida pelo folclore, pelos costumes, pela arquitetura, religiosidade e pelas suas festas.

Nessas festas, tradições e cultura, que hoje movimentam o turismo e compõem o cenário da cidade, “coube à Igreja o papel de difusão dessas manifestações, embora muitas delas fizessem gosto da população portuguesa que, mesmo em terras distantes, procurava praticá-las” (SILVA, 2000, p. 24). As festas religiosas que se mantiveram ao longo do tempo em Pirenópolis, assim como hoje, ainda de acordo com Mônica Martins da Silva (2000, p. 31), no passado, eram fortes demonstrações de sociabilidade: “as comemorações religiosas desta cidade e, calcada no sincretismo, na diversidade simbólica e na circularidade, cultural [organizaram] formas específicas que estiveram, todavia, relacionadas com a sociedade participante”.

1.2 PIRENÓPOLIS E SUAS PAISAGENS

Sandra Jatahy Pesavento (2007), em seu artigo “Cidades invisíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias”, mostra que a urbe é envolvente, uma vez que se coloca como a origem das coisas e que se concebe como evidência do nascer de uma civilização: em seu traçado concreto, pelas socializações, pelo poder regulador e, até, na transcendência do divino.

[...] sobretudo, a cidade foi, desde cedo, reduto de uma nova sensibilidade. Ser citadino, portar um ethos urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam (PESAVENTO, 2007, p. 11).

Sobre a paisagem, Nádia Maria Weber Santos (2013, p. 61) remete ao pensamento de Lucie Morriset, ao retratar o espaço urbano como uma quarta dimensão, “aquela da significação, do sentido, do simbólico, perpetuados por uma memória que, em paralelo aos atributos físicos do lugar, constituem sua ‘personalidade’, sua identidade”. Deste modo, a autora complementa e leva a refletir sobre a paisagem “dotada de memória, onde se presta mais atenção aos traços abstratos, imaginários, que fazem parte da história da cidade e estão (ou podem estar) inscritos no concreto e em muitas práticas sociais” (p. 61).

De acordo com Jayme e Jayme (2002), no decorrer dos primeiros anos em Meia Ponte e devido à relevância das areias auríferas e o cultivo, “o número de povoadores aumentou rapidamente: portugueses, paulistas e escravos (índios e negros). E o acampamento das primeiras horas virou arraial, com ruas e becos. Era o começo da organização urbana” (2002, p. 26). Com a descoberta do ouro e começo da vida urbana intensa, deu-se início a ideia de controle de território,

Nos séculos XVII e XVIII os planos das cidades são cada vez mais definidas através de traçados geométricos regulares, muitas vezes ortogonais, que estruturam toda a cidade. As praças, com forma regular e localizadas centralmente na malha urbana, assumiam o papel de elemento gerador do traçado: era nelas que se implantavam os principais edifícios institucionais da cidade – nomeadamente a casa de câmara e cadeia, a misericórdia, e a igreja Matriz – e era a partir delas que se definiam as principais direções e o traçado ortogonal das ruas (TEIXEIRA, 2004, p. 26).

Em conformidade com a primeira planta da cidade (Figura 12), produzida pela Comissão Exploradora do Planalto Central, Comissão Cruls¹², pode-se observar que, em torno da Igreja Nossa Senhora do Rosário, surgiu o Largo da Matriz, e dele se difundiu “o aranhol [sic] das ruas e travessas (becos): A Rua Direita (Rua das Bestas) e a do Rosário, a Rua Cisplatina, a das Dores e a da Prata, a Rua Nova, o Largo e a Rua Santa Cruz, a Rua Lavapés e o Alto da Lapa” (JAYME; JAYME, 2002, p. 26). Segundo Gustavo Neiva Coelho (1996, p. 33), “quase sem nenhuma preocupação com a ordenação espacial, as ruas foram surgindo como resultado da necessidade de construção de novas residências”.

Figura 12 - Planta baixa da cidade de Pirenópolis.

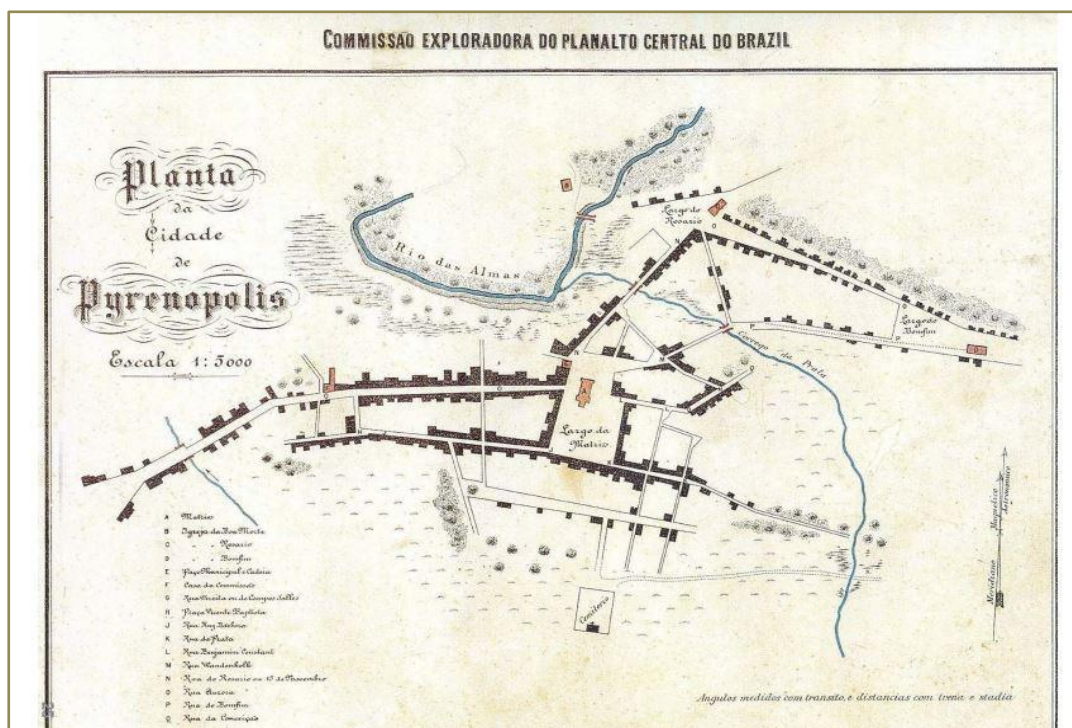


Foto: Comissão Cruls. Fonte: Jayme; Jayme, 2002.

Oscar Leal (1892), viajante lusitano, ao passar por Pirenópolis, em 1816, a descreveu:

O largo da matriz é o ponto mais central da cidade e para lá convergem as Ruas Direita, Prata, Bonfim e ladeira do Rosário. São geralmente calçadas de grandes lajes e em todas existem casas que até hoje conservam o velho estilo dos primeiros colonizadores do estado goiano [...] Perynópolis [sic] compõem-se de sete ruas, três praças grandes, duas pequenas e alguns becos e travessas pouco edificadas. É a melhor

¹² A chamada Comissão Exploradora do Planalto Brasileiro, popularmente “Comissão Cruls”, teve em 1892 a incumbência de “demarcar uma área de 1.440 quilômetros quadrados no Planalto Central do Brasil, a fim de instalar a futura capital da nação brasileira”. Chefiada por Luiz Cruls, e vinda do Rio de Janeiro, a caravana chegou a Pirenópolis em 1º de agosto de 1892, onde se instalaram. Os homens hospedaram-se num casarão da Rua Direita, onde tiraram a famosa foto em frente à jabuticabeira e, por serem bem recebidos pelos pirenopolinos, à época, em retribuição à hospitalidade, doaram uma planta baixa da cidade muito bem elaborada (JAYME, 1971).

cidade de Goiás, depois da Capital, porém pobre, e com poucos recursos para desenvolvimento. Uma ponte de madeira antiquíssima, mas de bom estado une a cidade baixa ao bairro do Carmo, na margem direita do rio que banha a povoação (LEAL, 1892, p. 72-74).

A cidade originária, no decorrer dos séculos XVIII e XIX, não se estendeu muito. Somente a Rua do Campo, em decorrência da edificação do Cemitério de São Miguel (1869), se transformou em bairro. E, de acordo com Jayme e Jayme (2002, p. 26), “surgiu um bairro de gente pobre, ‘detrás do Bonfim’, como se dizia e ainda se diz. E cresceu o bairro, já existente nos primeiros tempos, na margem direita do Rio das Almas, o bairro ‘detrás do Carmo’”. Sendo assim, o que transforma a paisagem é a quantidade de casas que vão surgindo no decorrer dos anos e, portanto, essa quantidade de “habitantes exigia espaço e rapidez na elaboração dos edifícios residenciais, o que provocou a busca de novos conhecimentos construtivos que de melhor maneira atendessem a tais necessidades, além de uma adaptação mais de acordo com as exigências do terreno” (COELHO, 1996, p. 11).

Adensaram-se as construções nas primeiras e velhas ruas, agora com o emprego de material de melhor qualidade e muito durável: alicerces de pedra; paredes de taipa-pilão ou de adobes enormes, madeira de lei (aroeira, pau d’arco, bálsamo, etc.) e telhas coloniais. As portas e janelas traduziam, no estilo, a saudade do velho Portugal. Desapareceram quase todos os muros, nas principais ruas e travessas, graças à justaposição das casas, em fiadas contínuas, também cópias lusitanas, deslembados os povoadores (JAYME; JAYME, 2002, p. 26).

Figura 13 - Rua Direita, década de 1930.



Foto: João Basílio de Oliveira. Fonte: Miriam de Lourdes Almeida, 2016.

De acordo com Curado e Lôbo (2010, p. 85), as construções das casas possuíam um estilo colonial, “geminadas (Figura 13), em adobe ou pau a pique, cobertas por telhas de barro, com o pé direito alto e com portas e janelas, altas e largas, em madeira. As casas, por apresentarem ‘parede-meia’, possibilitaram uma maior integração e participação na vida dos vizinhos”. Devido ao surto migratório e também pelo fato de a cidade não ter tido novos moradores, por um longo tempo, como já mencionado no item anterior, por causa do reflexo do balanço da economia, muitos vizinhos que residiam do outro lado da parede eram parentes. Em consequência da arquitetura, a cada nova receita testada em uma das residências, o aroma era gozado pelo morador da parede ao lado. De acordo com Maria Izilda Santos de Matos (1995, p. 100), “a arquitetura das casas, com muitas janelas voltadas para a rua, favorecia o intercâmbio social, não havendo uma preocupação de isolamento”. Em Meia Ponte, era costume, no fim da tarde, os adultos se sentarem na porta para prostrar, ao mesmo tempo em que as crianças ficavam livres para brincar espontaneamente pelas ruas estreitas de terra.

Em Meia Ponte, os lotes atingiam grandes profundidades, alcançando, em muitos casos, o outro lado da rua paralela, situada atrás. Tais quintais proporcionavam disposição para uma vasta arborização e espaços para criação doméstica, como por exemplo, de porcos e galinhas. Como já observado por Saint-Hilaire, no arraial, as casas eram “todas muito limpas, caprichosamente caiadas, cobertas de telhas e bastante altas para a região. Cada uma delas, [...], tem um quintal onde se vêem bananeiras, laranjeiras e cafeeiros plantados desordenadamente” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 36). A arquitetura, em formato de quarteirões, era associada às antigas tradições portuguesas:

A estrutura dos quarteirões e a estrutura de loteamento caracterizam igualmente as formas urbanas portuguesas, apresentando três tipos fundamentais que se desenvolvem ao longo do tempo, mas ao mesmo tempo coexistindo em várias situações. O primeiro tipo de quarteirão é o quarteirão medieval, estreito e comprido, com lotes que vão de lado a lado do quarteirão, definindo uma alternância de ruas de frente e de traseiras. O segundo, mais tardio, é o quarteirão em que existem lotes dispostos costas-com-costas virados para faces opostas do quarteirão. O terceiro tipo de quarteirão é quadrado, ou tendendo para o quadrado, e tem lotes virados para as suas quatro faces; este último, permitindo uma melhor utilização do espaço urbano, surge a partir do século XVI. Em todos estes tipos de quarteirão, a frente de lote tende a situar-se entre os 25 e 30 palmos. Encontram-se estas dimensões de frente de lote nas cidades medievais planejadas dos séculos XIII e XIV, nas cidades das ilhas atlânticas a partir do século XV, em Portugal e nas cidades brasileiras dos séculos XVI a XVIII (TEIXEIRA, 2004, p. 29).

Essa configuração e a aparência externa da cidade de Pirenópolis ficaram conservadas. Até a década de 1960 era possível notar poucas alterações, e a cidade manteve a sua estrutura organizacional urbana. De acordo com Miriam de Lourdes Almeida (2006), embora não tenha

tido mudanças significativas em seu traçado citadino, as grandes mudanças puderam ser vistas “apenas no uso dos espaços públicos, como o Largo do Rosário, que com a demolição da Igreja do Rosário dos Pretos, configurou um grande vazio, o que proporcionou sua ocupação por algumas edificações particulares” (ALMEIDA, 2006, p. 48).

A criação de Brasília, na década de 1960, levou progresso à região e interferiu nos hábitos da população de Pirenópolis, que se viu inserida na modernidade da capital. Na arquitetura dos casarões coloniais, pode-se salientar a implantação de platibandas e garagens nas antigas construções do Centro-Histórico.

A abertura de estradas como a Belém-Brasília e a Brasília-Cuiabá, facilitou a movimentação pelo interior do Estado, criando vias de escoamento para a produção e intensificando o comércio com o restante do país. Simultaneamente, a cidade – até então com sua economia baseada na agricultura e extração mineral – descobriu um mercado cada vez maior para o ‘xisto quartzífero’ ou pedra de Pirenópolis, bastante usada na construção civil. A pedra, que já estava incorporada à algumas edificações e o calçamento da cidade, passou a ser vendida por todo Brasil, criando um mercado de trabalho bastante intenso não só na extração como também na comercialização do produto (ALMEIDA, 2006, p. 50).

Figura 14 - Casarão Largo da Matriz, em 1976.



Foto: Valdomiro de Araújo Godinho (1976). Fonte: Miriam de Lourdes Almeida, 2006.

Para Adelmo Carvalho (2001), a partir de 1970, iniciou-se uma mudança no perfil da cidade. O que antes era predominantemente rural, com 84,53%, começou a assumir um padrão de concentração urbana e, na década de 1990, a posição ficou em 57,80% urbana, contra 42,20% rural. Nesse intervalo de tempo, em meados dos anos 1980, devido às casas e igrejas da cidade

se encontrarem em estado de má conservação (Figura 14), teve início uma ação de valorização do patrimônio histórico. Na cidade, então, segundo Carvalho (2001), a partir de 1985, decorreu-se o processo de tombamento, que foi finalizado em 1989.

Os acessos a Pirenópolis foram melhorados com a finalidade de facilitar a locomoção de matéria-prima até as capitais do país e do estado. Com isso, abriram-se as portas também para o tráfego de pessoas e turistas de diversas regiões, que começaram a visitar a cidade. De acordo com Glória Grace Curado (1980), Brasília fez ressurgir Pirenópolis no cenário goiano, dando visibilidade ao turismo como uma “redescoberta” para sua história, tradição, seu folclore e patrimônio natural.

Ao dizer sobre o ‘lugar’, Luiz Felipe Ferreira (2002, p. 47) o coloca como o “centro profundo da existência humana”. Para o autor, a relação da comunidade com o espaço, “através do tempo, faz com que as modificações sofridas no lugar sejam incorporadas e reforçadas, propiciando o surgimento da sensação de que o lugar teria mantido suas características e persistido como entidade distinta” (FERREIRA, 2002, p. 47). Deste modo, Curado e Lôbo (2010, p. 89) mostram “o pirenopolino, apoiado na concretude do mundo vivido, sedimentado de emoções e experiências, constrói de maneira singular sua história, ‘seu modo de ser no mundo’”.

É do bairro Alto do Bonfim que sairão as responsáveis pela manifestação estudada neste trabalho, as rezadeiras do ritual dos Cantos de Presépios. Trata-se de um bairro que cresceu beneficiado por sua localização, próximo às imediações das pias de extração de pedras de quartzito. A pedreira, que se estabeleceu como um “meio de sobrevivência, influenciou na economia e favoreceu o crescimento do bairro Alto do Bonfim (zona leste da cidade)”, que “desenvolveu-se com características típicas de um bairro popular, de formação espontânea” (ALMEIDA, 2006, p. 50). Segundo Karla Alves Araújo França Castanheira (2013, p. 26), “o bairro é composto por pessoas de baixa renda, como funcionários e ex-funcionários das pedreiras da região”.

Weberson Ferreira Dias, Sara Pereira de Deus e Geovanna de Lourdes Alves Ramos (2018, p. 207) afirmaram, “em relação ao lado social, o Alto do Bonfim é o setor mais populoso do município de Pirenópolis, e, por ser considerado periférico, possui um grande número de moradores carentes”. Pode-se observar que, mesmo não tendo uma arquitetura colonial, o bairro absorve a paisagem do centro histórico na edificação de suas casas, com suas portas e janelas dispostas diretamente para a rua (Figura 15). Ao falar do bairro, Castanheira (2013) o define:

Com o crescimento da zona urbana, o Alto do Bonfim acolheu as pessoas simples da roça e da cidade. Vila popular de roceiros-garimpeiros, o Alto do Bonfim é o bairro onde mora a grande maioria dos trabalhadores das pedreiras de Pirenópolis - a economia nº 1 da cidade [hoje não mais] - situadas nos arredores dos antigos caminhos do ouro e atual Parque Estadual dos Pirineus (sic). É também o bairro mais populoso (30% da população de todo o município, incluindo a zona rural) e o que apresenta maior vulnerabilidade social (GUAIMBÊ *apud* CASTANHEIRA, 2012).

Figura 15 - Casa de Dona Laurita (rezadeira), no Alto do Bonfim.



Foto: Letícia Matteucci, 2018.

Nesse sentido, Castanheira (2013, p. 27) leva a refletir sobre o termo “centro histórico” de Pirenópolis como a representação das classes mais altas, concebido pelos discursos elitistas, uma vez que este centro é constituído “pelas ‘famílias mais antigas e abastadas’ da cidade, pelos coronéis, pelas classes dominantes”. Que a autora considera, ainda hoje, como integrantes que mantêm um processo sociocultural de divisão de classes em relação aos “moradores do Alto do Bonfim e de sua condição social”. Nesta perspectiva, observa que, devido à fixação desse grupo burguês e também de novos proprietários vindos de Brasília e Goiânia (com redes hoteleiras, donos de lojas, bares, restaurantes, etc.), esse processo se acentua com a promoção do turismo.

Rua do Rosário, a primeira rua da cidade. Atualmente chamada de rua do lazer ou do prazer, o que descaracteriza e desmerece sua história. Grande concentração de turistas e também moradores das classes mais abastadas. Bares. Restaurantes. Muitos. A maioria dos trabalhadores pertence às classes sociais menos abastadas da cidade, em

sua maioria moradores do bairro do Alto do Bonfim, mesmo bairro em que está localizado o Ponto de Cultura (CURURU, 2016, p. 32).

Alguns rituais religiosos, segundo Carlos Rodrigues Brandão (2004), representam uma maneira de conservação dessas diferenças e de reiteração da hierarquia social. Trata-se de uma organização naturalizada da sociedade, em que se preconizam o trabalho e a não ambição que, ao salientar esses valores, se reverte em uma maneira de manutenção das diferenças sociais. Ao citar os rituais religiosos de Pirenópolis, Brandão (2004) esclarece que

são modos de simbolização pelos quais a sociedade repete para si as verdades que seus membros já conhecem. Muitas dessas verdades não são certamente repetidas porque são verdadeiras; mas acabam sendo verdadeiras porque são frequente e solenemente repetidas. Por debaixo de um rito histórico há sempre uma pedagogia de legitimação social (BRANDÃO, 2004, p. 44).

Ao contemplar as comemorações dos Cantos de Presépios, é possível observar que, quando os rituais são celebrados em casas de famílias tradicionais e mais abastadas, o evento tem uma conotação mais de tradição e legitimação social do que de fé. Muitas delas são marcadas por grandes banquetes, cerimoniais e muitos convidados, fato este que será ressaltado nos capítulos seguintes. Ao presenciar as expressões culturais representadas na comunidade de Pirenópolis, especialmente na tradição dos Cantos de Presépios, pode-se perceber as diferentes relações sociais. Dona Laurita, sendo de origem mais humilde e mesmo, atualmente, tendo em sua formação familiar parentesco com o grupo burguês da cidade, através dos seus genros, em seu depoimento, diz:

[...] dependendo da casa, você vê que você está levando um benefício, você está levando mais fé para eles. Porque tem muitos que fazem com fé. Agora, muitos não. É só tradição. Muitos, você vê, você está rezando, eles estão conversando, eles estão andando para lá e para cá. Ainda atrapalha. Muitas casas, é assim. É só para ter uma tradição. Mas muitos são por fé (informação verbal¹³).

A reza dos Cantos de Presépios, ritualizada pelas rezadeiras do Alto do Bonfim, é uma expressão cultural, religiosa e popular que favorece a coletivização dos seus participantes. Ao remeter a Brandão (2004, p. 29), através deste ritual pesquisado, observa-se que essa demonstração da cerimônia apresentada nessa dissertação é uma “fração mínima de uma forma coletiva de devoção”. Ela compõe um cenário de esperança por dádivas divinas e o reconhecimento pelas graças recebidas. Além de constituir a cultura, são rituais relevantes,

¹³ Entrevista concedida por: VEIGA, Laurita Vitoriano. 57:34 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

tradicionais e cheios de significados e valores que determinam comportamentos e integram a história da cidade.

No próximo capítulo, penetrarei nas celebrações dos Cantos de Presépios, apresentando cada um dos entrevistados, que contará suas memórias, as significações de sua fé e como é o ciclo festivo do ritual. Além disso, por meio de fotografias, tornarão públicos os objetos que fazem parte das decorações dos presépios, transcreverão os hinos catalogados e a narrativa de quem presenciou os saberes que envolve as cerimônias.

2 CANTOS DE PRESÉPIOS

Figura 16 - Dona Laurita em seu presépio.



Foto: Letícia Matteucci, 2018.

Viver é prover e conviver, com os homens e os problemas.
E só a cultura é a chave universal das soluções.
E nesta batalha comum a mulher goiana já responde presente,
em alta voz (QUEIROZ, 1969, p. 153).

Neste capítulo, pretende-se descrever as composições dos presépios montados por parte dos moradores de Pirenópolis e relatar sobre os preparativos da comunidade e da cidade para a comemoração do Natal, como: confecção de presépios nas casas, iluminação das praças e, especialmente, das igrejas, nas paisagens da urbe. Além disso, analisar e comparar a religiosidade local, que se mobiliza para as celebrações natalinas com o turismo, que é impulsionado pela festividade do *Réveillon*.

O termo presépio, do latim *proesepium* ou *praeseptiu*, de acordo com o Minidicionário Luft (2000, p. 563), é o “lugar onde se recolhe o gado; curral; estábulo”. Como já citado anteriormente na Introdução, o presépio é composto por um conjunto de imagens que possuía, em sua origem, a finalidade de permitir que a liturgia do Natal fosse mais compreensível aos fiéis. Na obra *Dicionário do Folclore Brasileiro*, Luís da Câmara Cascudo (2001, p. 532)

esclarece sobre o presépio como um “grupo feito de barro ou massa representando a cena de adoração ao Menino Jesus na manjedoura de Belém”. Já Eliana Ribeiro Ambrósio relata que:

A existência de presépios tanto no ambiente doméstico quanto nos locais sacros direcionou o desenvolvimento de duas tipologias básicas. De um lado, surge o presépio erudito e narrativo destinado às Ordens religiosas. Nele há uma prevalência didático-pedagógica, uma influência do teatro de marionetes e das máquinas festivas e uma ligação com as esculturas religiosas devocionais, tais como o retábulo ou as vias sacras. Sua narrativa é predominantemente bíblica, dentro de um cenário que articula a cena da Natividade com outros episódios da infância de Cristo, como ocorre nos presépios ibéricos. Em Portugal, essa tipologia esteve presente nos grandes conjuntos edificadas no interior de mosteiros e conventos, muitas vezes, com acesso restrito ao público. Já em Nápoles, esse tipo esteve relacionado aos núcleos com figuras em escala humana, sem grande variedade de cenas e que eram regularmente expostos em ambientes públicos da Igreja, como altares e retábulos ou confeccionado para os mosteiros masculinos. De outro lado, temos o presépio votivo ou oratório, destinado ao culto doméstico e à devoção feminina conventual. Ele possui uma ligação com as práticas domésticas vinculadas aos ex-votos, aos oraórios, à escultura processional de vestir e à manipulação concreta da imagem sacra dentro do âmbito do culto familiar. Sua narrativa costuma ser limitada ao grupo da Natividade, por vezes com a presença de alguns pastores. Contudo, está aberta a contaminações diversas e pode apresentar grupos ligados à representação do cotidiano. Dentro da ideia da oferta votiva, seu cenário pode ser ornamentado com flores, frutas e demais miniaturas de objetos. Em Portugal, essa tradição deu origem às caixas de presépio, miniaturas das composições monásticas. Em Nápoles, foi dentro dos conventos femininos que surgiram as variações cênicas, a diminuição do número de personagens e as demais inovações que permitiram a criação do presépio setecentista, marcado pela contaminação e descrição de cenas do cotidiano (AMBRÓSIO, 2012, p. 63-64).

A segunda tipologia apontada acima é uma prática comum e muito disseminada por grande parte da comunidade de Pirenópolis que, durante o mês de novembro, inicia a ornamentação dos presépios em suas residências. Este momento é considerado um acontecimento de grande importância que, para alguns, demanda grande dedicação. Na casa 19, da rua da Pratinha, atrás da Igreja do Bonfim, um mês antes do Natal, Sérgio, de 12 anos, inicia os preparativos para a montagem da natividade de Jesus. Com a intenção de ampliar cada vez mais a representação, no ano de 2018 foi escolhido um estrado de cama de solteiro como suporte para a armação do presépio. Entre pedras, areia, madeiras, ramos, arroz, fonte de água, tecidos e muitas luzes, as imagens de Maria, José e Jesus são envolvidas. Além disso, é muito comum encontrar nos presépios pirenopolinos os ramos de arroz que, de acordo com Dona Laurita, é usado para que possa enfeitar a mesa do presépio, prática que será explorada e explicada mais à frente. Outra preferência é o bambu (Figura 16), segundo a fala de Laurita: “antigamente eu conhecia os presépios... todos os presépios tinham o bambu. No bambu colocavam muito

enfeitinho, muita coisa. Eu continuo. Enquanto eu achar bambu eu vou colocando, o bambu” (informação verbal¹⁴).

Figura 17 - Presépio sobre o estrado de solteiro de Sérgio, 12 anos.



Foto: Letícia Matteucci, 28 dez. 2018.

O principal é a Sagrada Família: São José, Nossa Senhora e o Menino Jesus. Tem os pastores que chegaram primeiro, porque ele nasceu numa estrebaria, então os pastores que estavam por perto, ouviram o galo cantar e como diz os cantos “do céu se ouviram uma linda melodia”, e os pastores foram ver o que era. Foram os primeiros a chegar na estrebaria. Do que a gente sabe é só o que a gente sabe, foram os pastores que chegaram. A vaca, o burro, os animais que estavam, foram visitar. Foram as primeiras visitas que o Menino Jesus teve. E depois os três reis chegaram. Viram a estrela, seguiram a estrela e acharam o menino. Passaram por Herodes, já tinham ouvido falar nele, ele queria ser o único rei. Queria matar o menino, e os reis desconfiaram e voltaram pelo mesmo caminho. Então são os mais importantes do presépio: a Sagrada Família, os Pastores com os carneiros, a vaca, os cavalos, os animais que estavam no pasto, e os três reis. São os mais... agora a gente coloca... o galo que cantou também. Agora, as outras coisas, a gente põe também. Igual eu coloco os anjinhos, que falam que os anjos vieram também visitar o nascimento de Jesus. Então, as outras coisas a gente incrementam, põe mais coisas, põe todos os bichos que tem a gente põe. Mas o essencial dos presépios, são eles (informação verbal¹⁵).

Segundo Ambrósio (2012, p. 514), “a tradição latino-americana de culto aos presépios, advém das práticas cotidianas da devoção e do culto doméstico reforçadas no século XVII pela Igreja Católica com o intuito de educar e promover o hábito contínuo da oração”. Dona Laurita, que vivencia o ritual desde criança, relata que somente depois de casada é que montou o

¹⁴ Ibid. jan. 2019.

¹⁵ Ibid. jan. 2019.

primeiro cenário da natividade de Jesus, e que o primeiro contato com as peças não foi, de imediato, dentro da própria casa:

Não. Foi rezando nas casas dos outros. Nós não tínhamos presépio. O primeiro presépio que eu tive, foi daqueles de plástico, pequenininho. O Padre Primo deu para o Dito [Benedito, seu marido] e a gente ficou rezando com esse presépio. A Josélia [filha] nasceu e a gente passou a rezar todo dia 25 [dezembro], aniversário dela. Depois eu comprei um, o Padre Primo trouxe para vender, ele vendia, e eu comprei um. Depois o Dito... eu comprei esse Menino Jesus, achei muito bonito, o que o Padre Primo trouxe. Eu acho que comprei esse menino Jesus, depois o Nezinho pediu... a pessoa fez o pedido e não quis as imagens e deu o tamanho certo com o meu menino Jesus. O Dito comprou e a Maria de Beni fez os três Reis de conformidade com o tamanho das imagens, das outras imagens. Tem muito trabalho aí que é da Maria Beni (informação verbal¹⁶).

As peças expostas nos presépios (imagens) são confeccionadas de materiais variados, desde as mais tradicionais, como argila, barro, porcelana e madeira, até aos industrializados, como o plástico, vidro e os sintéticos. A artista responsável pelas peças, que hoje enfeitam a sala e o presépio de Dona Laurita, conhecida por Maria de Beni por ser filha de Benedita (Beni), é Maria de Fleury, professora, escultora, pintora e artesã. Essa figura artística importante da cidade possui, como trabalho reconhecido, a modelagem com barro de cavalos e cavaleiros em miniaturas, das Cavalcadas. Foi impulsionada por Olympo Jayme quando este “encomendou uma reprodução da Cavalcada completa. Fabricadas em barro, [...] as miniaturas deram início à atividade que, ainda hoje, integra as tipicidades do local” (FREITAS, 2005, p. 83). Teve também as suas obras escolhidas e expostas na Europa por escolha da UNESCO. Segundo Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado (2013, p. 220), eram produções da artista, “bonecos modelados em barro de cavalos e cavaleiros vestidos e enfeitados com roupas e diversos adereços para a Cavalcada tradicional”. Complementa, ainda, que “esses trabalhos de Maria de Beni estão como acervo de importantes museus e coleções particulares no Rio de Janeiro e em Goiás, como símbolo da importância dos beijudos¹⁷ para a legitimação de nossa identidade e de nossa memória cultural” (p. 220).

Nesse sentido, ao se lembrar da figura de Maria de Beni e ao analisar as manifestações culturais da cidade, é possível observar que as tradições de Pirenópolis estão intrinsicamente ligadas e possuem vínculos em seus ciclos festivos. Embora a Festa do Divino aconteça 50 dias após a Páscoa, no período de Pentecostes, entre maio ou junho, ainda muito antes do Natal, é durante essa festividade que se depara com As Pastorinhas. Trata-se de um auto natalino da

¹⁶ Ibid. jan. 2019.

¹⁷ “[...] animais de cativeiro (cavalos, éguas, bois, vacas, mulas, jegues, asnos, jumentos, bestas)” (CURADO, 2013, p. 4).

representação do presépio, uma peça teatral cantada que, assim como as rezas dos Cantos de Presépios, relata e anuncia o nascimento de Jesus.

Entre as familiaridades das duas teatralizações, está, além dos cantos de adoração, o significado simbólico da representação das três virtudes: fé, esperança e caridade. Sendo assim, “a representação de um semideus nascido em uma manjedoura com palhas, numa gruta, rodeado por animais rurais e pastores” em ambos os casos, “traz em seu significado a associação com a humildade como virtude e, em sua natividade, o símbolo da esperança de renovações para o próximo ano” (MATTEUCCI; OLIVEIRA, 2020, p. 98).

Outra relação é a diversidade de aparatos que compõem e enriquecem a expressão estética e artística, além dos cantos, dos efeitos visuais e da iluminação para a apresentação das celebrações. As Pastorinhas é um espetáculo encenado no palco do Theatro Sebastião Pompeu de Pina ou em outros espaços cênicos populares. Os Cantos de Presépios é um culto celebrado nas residências da comunidade, igrejas e, assim como a peça, também se realizam em locais públicos que, na época do Natal, recebem caracterização e muitas luzes.

Figura 18 - Igreja Nosso Senhor do Bonfim, na véspera do Natal.



Foto: Letícia Matteucci, 24 dez. 2018.

Dezembro, em Pirenópolis, é uma época em que ruas, praças, igrejas, casarões e árvores ganham decorações especiais. É um momento em que a religiosidade local se mobiliza para as celebrações natalinas, ao mesmo tempo em que o turismo é impulsionado pela festividade do

Réveillon, neste momento, representando uma festa profana com muita bebida alcoólica, música e desordem.

A calma da cidade nos dias em que se aproxima o Natal é contraditória ao movimento que se estabelece nas principais avenidas, praças e ruas, com a proximidade das comemorações do *Réveillon*. Ao avaliar esses dois momentos, exemplificados nas fotos tiradas em 24 e 31 de dezembro, no Centro-Histórico (Figuras 18 e 19), se depara com uma dicotomia de significados entre os dois momentos que remetem ao sagrado e ao profano, e que levam novamente à similaridade da teatralização final de *As Pastorinhas*. Em seu último Ato, representa a luta do bem contra o mal, louvando a vitória da religião em desvantagem ao diabo:

No Terceiro Ato [...] aparecem as personagens alegóricas Fé, Esperança e Caridade e, a seguir, a Religião. O significado simbólico dessa alegoria ganha em profundidade quando se percebe que o Demônio tenta destruí-la, negando sua importância. Uma vez mais o Anjo Gabriel aparece em cena e impede o personagem, representante do mal, de executar seu intuito. A Apoteose final representa a luta do Bem contra o Mal, louva a vitória da Religião sobre o Demônio e o canto de adoração de nº 48 (igual ao canto de nº 9) ao Menino Jesus encerra o espetáculo (LOPES NETO, 2018, p. 108).

Figura 19 - Igreja Nossa Senhora do Rosário (matriz), nas proximidades do Ano Novo.



Foto: Letícia Matteucci, 30 dez. 2018.

De acordo com Mircea Eliade (1992, p. 13), “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”. Para Antônio Lopes Neto (2018, p. 164), “o bem e o mal são ambos categoria do sagrado, como Deus e o Diabo”. Portanto, tanto o sagrado quanto o profano implicam o pensamento religioso, no qual “o limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, profano e religioso” (ELIADE, 1992, p. 19). Durkheim (1996) defende que a oposição do sagrado e do profano é uma maneira de pensar e viver a realidade. Para ele, todas as crenças religiosas

apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras *profano* e *sagrado* traduzem bastante bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem, um, tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas (DURKHEIM, 1996, p. 19-20).

Figura 20 - Paisagem iluminada com a Igreja matriz ao fundo; movimento do turismo devido à proximidade do *Réveillon*.



Foto: Letícia Matteucci, 30 dez. 2018.

Essas posições são, ao mesmo tempo, complementares e indivisíveis, ou seja, um não pode subsistir ou ser reduzido ao outro. Sendo assim, as crenças religiosas, segundo Durkheim (1996, p. 24), “são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que têm entre si e com as coisas profanas. Os ritos são, afinal, regras de conduta que prescrevem o modo como o homem se deve comportar perante as coisas sagradas”. Destarte, pode-se observar que, ao cultuar a natividade através da representação dos Cantos de Presépios, de certa forma, as rezadeiras expressam o sagrado em sua totalidade, enquanto as festas de *Réveillon*, desconsagra essa religiosidade. Para Luiz Gonzaga de Mello e Alba Regina Mendonça Pereira (1990, p. 38), o profano “é o corpo e sagrado o espírito [...]. O mundo do sagrado é povoado de tabus e de proibições, de respeito e de temor”. Sendo assim, depois de alimentar o espírito (sagrado), o *Réveillon* vem alimentar as necessidades do corpo físico, dionisiaco. Portanto, dando continuidade à purificação após as festas profanas, os rituais são celebrados até o Dia de Santos Reis, que é quando, simbolicamente, o corpo é consagrado de um “poder sagrado” de esperança.

No próximo item é proposta uma imersão ao Rito de Pesquisa, uma vez que as relações mais básicas estabelecidas com o universo religioso e simbólico dos rituais são partes essenciais para o entendimento das performances culturais. Desta maneira, a natureza do próximo título é se concentrar na tradição dos Cantos de Presépios, em suas memórias, hinos e rituais.

2.1 O RITO DE PESQUISA

Pesquisar é, segundo Wayne C. Booth *et al.* (2008, p. 07), “reunir informações necessárias para encontrar resposta para uma pergunta e assim chegar à solução de um problema”. A partir da orientação desses autores, esta investigação, como já pincelado na Introdução, se orienta pelo seguinte problema: como os Cantos de Presépios influenciam a herança e o legado cultural da comunidade pirenopolina? Tendo essa problemática como ponto de partida, as indagações que norteiam é a busca pela compreensão dos fatores que influenciam o enfraquecimento e comprometimento da identidade desta comunidade. Com a intenção de identificar, registrar e analisar os aspectos, elementos ou variáveis que poderão se correlacionar com o objeto estudado, optou-se pela pesquisa descritiva que, na definição de Cervo, Bervian e Silva (2007):

observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com a maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tomado

isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas. A pesquisa descritiva pode assumir diversas formas, como: estudos descritivos e pesquisa documental (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2007, p. 62).

Dessa forma, uma das etapas escolhidas se deu através do estudo de campo que, de acordo com Gil (2008, p. 57), “estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes”. Neste ínterim, o campo desta pesquisa se debruçou sobre os rituais religiosos dos Cantos de Presépios, que acontecem na cidade de Pirenópolis, durante as comemorações natalinas.

A produção da pesquisa de campo ocorreu em etapas. Embora eu tivesse familiaridade com o ritual, foi necessária a interferência de uma prima que reside na cidade para intermediar o contato com Dona Laurita e verificar o interesse da rezadeira em participar do projeto, uma vez que ela é a responsável por disseminar, entre a comunidade, a reza dos Cantos de Presépios. A partir do interesse dela em se envolver na proposta, me desloquei até a cidade para discutirmos sobre a realização da pesquisa. Para entendermos sobre o ambiente estudado, antes é necessário compreender o conceito de comunidade que, de acordo com Maria Júlia Goldwasser,

tem sido convencionalmente compreendido ou, como um determinado segmento populacional ocupando uma área territorial contígua, ou como um certo tipo de relação social evocando os aspectos mais positivos dos processos de associação humana. As definições explícitas de comunidade têm de certa forma se ligado mais enfaticamente a um ou outro destes ângulos, algumas vezes salientando variáveis de natureza ecológica ou demográfica, **outras vezes acentuando processos sociais ou psicológicos catalizadores da unidade comunitária**. As orientações dominantes nos estudos de comunidade acompanham necessariamente o dualismo interior ao conceito: distinguem-se no conjunto dos estudos de comunidade, de um lado, uma tendência mais caracteristicamente associada a um tratamento morfológico, em contraste com um enfoque mais recente, explorando mais especificamente os fenômenos processuais afetando a organização comunitária; relativamente, temas relacionados à ecologia e demografia predominam nos primeiros; **enquanto nos últimos observa-se realçar-se o exame do sistema de relações interpessoais** (GOLDWASSER, 1974, p. 70, grifos nossos).

As relações humanas e interpessoais e os aspectos mais lógicos dos processos de associação humana nos remetem ao processo de pesquisa. Para iniciar o estudo de campo, viajei os 129 quilômetros de distância que separam a cidade de Goiânia de Pirenópolis. Para preparar e acompanhar os registros dos rituais, cheguei à cidade no dia 21 de dezembro de 2018 e permaneci por lá 45 dias, até o dia 3 de fevereiro de 2019. Porém, em novembro, alguns finais de semana antes, eu já havia estado na cidade para observar a montagem de alguns presépios por parte de alguns integrantes da comunidade.

Durante a minha infância, eu contava com a hospedagem calorosa da casa da minha avó. Atualmente, minha mãe dispõe de uma casa para o nosso acolhimento, onde me alberguei durante o período de investigação. A casa se localiza no Jardim Santa Bárbara, bairro vizinho ao Alto do Bonfim, onde as rezadeiras residem, e grande parte das minhas fontes de pesquisa se situa.

Figura 21 - Presépio montado na casa da senhora Deusdete.



Foto: Letícia Matteucci, 2018.

Durante o período das celebrações dos rituais, eu me ocupava diariamente com o material coletado nas cerimônias e nos preparativos para o culto do dia seguinte. Conforme o calendário estipulado por Dona Laurita, eu dedicava as minhas noites e algumas tardes para acompanhar as rezadeiras e os rituais que, em grande parte, eram agendados para as 20h. Sendo assim, a fim de se ter apoio para a investigação, o método escolhido foi a etnografia, pois esta busca o significado da cultura e procura a interpretação. Enquanto descrição densa, nas palavras de Geertz (1978),

o que o etnógrafo enfrenta, de fato - a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados - é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas irregulares e inexplícitas, e que ele tem

que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico...escrever seu diário. Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios do comportamento modelado (GEERTZ, 1978, p. 20).

A partir do dia 25 de dezembro, minha rotina se limitava a registrar as rezas e acompanhar as rodas de conversas das integrantes durante os rituais. Nos dias seguintes aos ritos, pela manhã, eu me dedicava a planejar e programar para a próxima noite. Descarregava o material gravado para o computador e analisava o conteúdo capturado, recarregando as baterias das câmeras e filmadoras e registrando, por escrito, acontecimentos e falas consideradas mais relevantes. Por ser a propulsora do costume em Pirenópolis, Dona Laurita comparecia a todas as cerimônias e, portanto, era ela quem eu acompanhava. Alguns rituais eram marcados para o período noturno e outros para o período da tarde. Foram documentadas em vídeos as cerimônias realizadas em 12 casas distintas. Não foi possível registrar, em vídeo, todos os rituais, pois um anfitrião não me autorizou a gravar o evento e não deu nenhuma justificativa. Desta forma, em todas as cerimônias, a observação foi elemento fundamental para a pesquisa, nada mais do que “o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano” (GIL, 2008, p. 100).

Em seguida, na segunda quinzena de janeiro, depois de ter uma vasta bagagem sobre as rezas e de tudo o que registrei dos rituais, comecei a gravar entrevistas com as rezadeiras, durante o período da tarde. Nove anfitriões conversaram informalmente, pois não ficaram confortáveis em gravar após os encerramentos das celebrações. Os depoimentos foram gravados separadamente na casa de cada rezadeira e tiveram uma duração média de 45 minutos cada. Nem todos os participantes estavam disponíveis para registrar os seus depoimentos e, portanto, gravei as entrevistas com as rezadeiras que ainda estão ativas: Dona Laurita, Dona Narcisa, Dona Helena e Dona Sebastiana, estas duas últimas, participantes de algumas rezas. Também gravei entrevista com o Seu Augusto e sua esposa Dona Celina, antigos participantes e propulsores da tradição. A entrevista é uma técnica de interação social e, de acordo com Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira (2009, p. 72), “uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação”. Optou-se pela entrevista de caráter exploratório por ser esta relativamente estruturada, uma vez que “a coleta de informações exploratórias pode ser realizada através de entrevistas, de observações

ou de busca de informações/dados em bancos de dados secundários, documentos, etc.” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 50).

No dia da sua entrevista, fui recepcionada por Dona Laurita, na sua casa de construção contemporânea (Figura 15), porém, como muitas outras, influenciada pela arquitetura histórica da cidade, na qual a porta de entrada se posiciona diretamente na calçada, sem intermediações de muros ou portões. De oratória simples e personalidade receptiva, sentou-se ao meu lado, no sofá, de frente a representação do presépio que se encontrava em um dos cantos da sala. Depois de prestar informações verbais sobre a tradição e suas memórias por mais de uma hora, a rezadeira me apresentou também documentos que embasassem as suas narrativas, como, por exemplo, as cadernetas, algumas escrituras de hinos e panfletos de rezas. Todos foram fotografados e de grande importância para a pesquisa. Uma vez que se trata de materiais, “não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa [...] tais como: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes, fotografias, gravações etc.” (GIL, 2008, p. 51).

Essas fontes documentais são capazes de proporcionar ao pesquisador dados em quantidade e qualidade suficiente para evitar a perda de tempo e o constrangimento que caracterizam muitas das pesquisas em que os dados são obtidos diretamente das pessoas. Sem contar que em muitos casos só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documentos. Para fins de pesquisa científica são considerados documentos não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno. Assim, a pesquisa documental tradicionalmente vale-se dos registros cursivos, que são persistentes e continuados (GIL, 2008, p. 147).

Além de Dona Laurita, que sempre atende as solicitações das rezas na comunidade pirenopolina, se destacam na história do ritual Dona Helena e Dona Narcisa, que são as únicas que ainda tentam manter frequência. Todas me acolheram muito bem. Entusiasmadas, confiaram na proposta da pesquisa. Assim, na tentativa de explicar como se dá o envolvimento entre pesquisador e pesquisados no trabalho etnográfico, Lecy Consuelo Neves (1986, p. 93) explica que “tem como uma de suas exigências um atributo compatível com essa condição de arte: a sensibilidade”. Sendo a sensibilidade um elemento difícil de ser instrumentalizado, complementa a autora que a “sua presença é indispensável para esse tipo de trabalho. Esta é uma das condições que faz da atividade de campo como um todo uma experiência intransferível” (p. 93). No entender de Roberto Da Matta,

seria possível dizer que o elemento que se insinua no trabalho de campo é o sentimento e a emoção. Estes seriam, para parafrasear Lévi-Strauss, os hóspedes não convidados da situação etnográfica. E tudo indica que tal intrusão da subjetividade e da carga

afetiva que vem com ela, dentro da rotina intelectualizada da pesquisa antropológica, é um dado sistemático da situação (DA MATTA, 1987, p. 169).

Dona Narcisa reside em uma casa muito humilde, é dona de uma história triste e é, mulher resiliente, que conviveu por muitos anos com um marido alcoólatra e foi sempre muito receptiva. No dia da entrevista, no horário marcado, me esperava ansiosa na calçada, próximo ao portão de sua casa. Após a gravação do seu depoimento, me presenteou com o seu último exemplar do livro *Na trilha das Guerreiras* (2008), pois disse que “queria que alguém importante ficasse com a lembrança de sua história”. Dona Helena, uma senhora muito cordial, me recebeu em sua casa e, após a gravação da sua entrevista, me presenteou com uma das obras da qual se tornou parte pelo Grupo Guaimbê: “Esse dom que alguém me deu” (2016). Dona Sebastiana, uma senhora expansiva, demonstrou satisfação com a câmera e me deixou muito à vontade para entrevistá-la. Por fim, o Seu Augusto e Dona Celina, que muito pouco acompanha as rezas atualmente devido às dificuldades de locomoção, ao saberem que eu registraria as rezas, entraram em contato comigo solicitando que eu lhes permitisse contar parte de suas memórias. Todas as falas foram registradas por meio de um “discurso espontâneo” que, segundo Labov (*apud* BAUMAN, 2014, p. 730), “se refere a padrões utilizados em discurso inflamado, carregado de emoções, quando se passa por cima de constrangimentos (ou seja, da autoconsciência) de uma situação formal”.

Gil (2008, p. 60) afirma que “o trabalho de consulta à biblioteca, após essas fases iniciais, tende a se tornar mais intenso, pois é justamente na biblioteca que se processa a coleta de dados”, uma vez que, “os trabalhos de análise e interpretação exigem o cotejo dos dados coligidos em campo com os dados disponíveis, que habitualmente são encontrados na biblioteca”. Portanto, para amparar e ampliar minha possibilidade de análise dos materiais coletados durante a pesquisa de campo, recorri aos órgãos de pesquisa da cidade, que ficaram fechados na primeira semana, devido ao recesso para as festas de fim de ano. Somente depois do dia 10 de janeiro tive acesso ao Centro Municipal de Artes e Música Ita e Alaor, a biblioteca da cidade. Nesta, os livros que tratavam especificamente sobre a cidade não podiam sair de dentro do espaço por se tratarem de obras raras. Era preciso ter um cuidado especial para que eles não sumissem ou estragassem, então eu passava a tarde fotografando folha por folha dos livros que poderiam atender a minha pesquisa. Em fevereiro, retornei para Goiânia com aproximadamente 40 gigas de filmes, áudio e imagens para serem catalogados e analisados.

De acordo com Mariza Peirano (1995, p.16), “na antropologia não existe fato social, mas ‘fatos etnográficos’, salientando que houve seleção no que foi observado e interpretação no relato”. Neste contexto,

as monografias, construídas dentre inúmeras possibilidades, que deixam transparecer o percurso intelectual do pesquisador e que permitem situá-lo em determinado contexto disciplinar e, mais importante, fazem justiça ao autor porque, dando a ele a palavra, admitem eventualmente nele 'redescobrir' uma riqueza inesperada. Em outros termos, meros trechos de monografias não bastam (PEIRANO, 1995, p. 28).

Dessa forma, Peirano (1995) diz que a personalidade individual do pesquisador, associada ao contexto da comunidade pesquisada, e a bagagem teórica permitem que, ao analisar um mesmo problema, pesquisadores etnógrafos criem monografias diferentes. “Tal fato, no entanto, não afeta a credibilidade das descobertas, pois o efeito das idiossincrasias tende, de um lado, a enriquecer o acervo da antropologia e, de outro, a corrigir-se no contexto maior da disciplina” (PEIRANO, 1995, p. 138). Além disso, é importante ressaltar a necessidade de, nesta pesquisa, fazer recortes da realidade analisada, uma vez que há no trabalho desenvolvido um certo etnocentrismo da pesquisa de campo, pois se deve considerar a inviabilidade de se absorver tudo o que se realiza na comunidade.

Evans-Pritchard confiava bastante no poder do confronto de experiências e suas consequências emocionais e intelectuais. Para ele as impressões de campo não eram apenas recebidas pelo intelecto, mas exerciam ‘um verdadeiro impacto na personalidade total do etnógrafo’, fazendo com que diferentes culturas se comunicassem via a experiência singular de uma única pessoa (PEIRANO, 1995, p. 41).

Sendo assim, o pesquisador não depende apenas da capacidade intelectual e técnica, mas, na mesma medida, de personalidade e temperamento. Assim, ele poderá, com sensibilidade e habilidade literária, interpretar as suas descobertas sobre a cultura pesquisada e, sobretudo, conquistar a confiança e cumplicidade dos entrevistados.

2.1.1 Um ritual de graças e bênçãos

Ao falar sobre as rezadeiras, João Nunes Avelar Filho (2013 p. 300) explica que estas “contam uma história, falam de um ‘saber’, transmitem aquilo que sabem sobre acontecimentos, os anseios e as necessidades da sua comunidade”. Nesse sentido, “assumem o papel de líderes espirituais, conscientes de sua realidade, constituindo a identidade de seu grupo e resgatando velhos costumes”. Além disso, a cultura popular, de acordo com Sebastião Rios (2014, p. 794), “é constituída por bens simbólicos criados por trabalhadores, homens e mulheres do povo, normalmente com baixo poder aquisitivo e baixo nível de instrução formal”. Em Pirenópolis, pude identificar que a cultura de rezas é desenvolvida, sobretudo, por senhoras idosas, de

origem humilde e baixa escolaridade. Procurando compreender melhor o papel e o universo das rezadeiras, notei que são as “mulheres na sua maioria, sensíveis aos problemas de suas comunidades, que fazem mais que rezar, representam muitas vezes a única alternativa que algumas pessoas têm de serem ouvidas em suas dores físicas e espirituais” (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 14).

Ao falar a respeito da sensibilidade, Carl Jung (1987) salienta que esta está associada a *anima* – motivação ao encontro, às relações sociais, ao acolhimento, à vaidade e à estética – e o *animus* – à necessidade de poder e força. Para o teórico, o arquétipo *anima* se relaciona ao lado feminino da psique masculina, enquanto que o arquétipo *animus*, o lado masculino da psique feminina. Segundo Maria Zélia de Alvarenga (2015, p. 6), “a *anima* cria, inventa e o *animus* faz, realiza. A *anima* é o ‘coração’ e o *animus* é o verbo, a ação”. No entanto, a expressão do feminino no consciente da mulher é muito mais ampla do que a expressão da feminilidade inconsciente do homem: “a feminilidade de uma mulher mostra uma força e vitalidade, uma presença iniciadora muito mais vivida que a feminilidade da anima de um homem que, apropriadamente, é secundária” (KOSS, 2000, p. 198). Neste sentido, a sensibilidade dessas rezadeiras é uma função de organização arquetípica, que se trata de funções estruturantes que a mulher exerce na família, tais como “o aconchego e o carinho para os filhos, o acolhimento da sua vulnerabilidade e do seu sofrimento, sua dedicação e zelo, sua ternura e delicadeza, a cultura dos sentidos” (BYINGTON, 2019, p. 64).

Além disso, a cultura, segundo Roque de Barros Laraia (2009, p. 77), “é capaz de provocar curas de doenças, reais ou imaginárias. Essas curas ocorrem quando existe a fé do doente na eficácia do remédio ou no poder dos agentes culturais”. Sendo assim, as rezadeiras são mulheres que desempenham o papel de agentes culturais, com sensibilidade e poderes de curas através da fé. Junto à comunidade pirenopolina, são como guardiãs legítimas da memória religiosa da tradição dos Cantos de Presépios, que corre o risco de ter seu referencial cultural esquecido devido à opressão da realidade moderna e ao desinteresse dos mais jovens pelo costume.

Para Jung (1978), a religiosidade é uma competência natural e intrínseca ao homem, e a religião é uma atitude da mente como experiência transpessoal. Portanto, faz-se uso do ritual para afirmar a crença e materializar, de alguma maneira, aquilo que é numinoso, isto é, de acordo com Rudolf Otto (2007), representa a forma mais abstrata do sagrado: a essência divina.

Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: “religio”, poderíamos qualificar a modo de uma *consideração e observação cuidadosas* de certos fatores dinâmicos concebidos como

“potências”: espíritos, demônios, deuses, leis, ideias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado, suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados (JUNG, 1978, p. 10).

“Por meio das crenças, a sociedade define a qualidade das coisas sagradas, e, pelo rito, sanciona institucionalmente as modalidades autorizadas de atitudes do homem diante do sagrado” (MONTEIRO, 2014, p. 128). É através, então, das ações das rezadeiras de Pirenópolis que o ritual dos Cantos de Presépios se inicia ainda no fim do mês de novembro, quando a comunidade pirenopolina prepara e começa a montagem dos presépios em suas casas. Como já mencionado anteriormente, além de José, Maria, o menino Jesus, os Reis Magos, os bois e as ovelhas, a população pirenopolina ornamenta os presépios com grutas, bambus, ramos, fontes, pedras e areia. O cultivo do arroz é uma prática comum entre muitas famílias para ornamentar a paisagem da representação do nascimento de Jesus na manjedoura. Segundo Dona Laurita, que aprendeu a prática com seus antepassados e, mesmo não sabendo os motivos do cultivo, mantém a tradição, o ideal é colocar a semente de molho na água no dia 8 de dezembro, para que a folhagem não fique nem grande e nem pequena demais. De acordo com Sérgio, o mais jovem anfitrião das rezas e acólito da Paróquia Santa Bárbara, o objetivo é que haja mato de verdade no presépio e, por isso, cultive-se o arroz com casca em pequenas tigelas para que tenha capim ao redor da gruta do menino Jesus na época do Natal.

A prática realizada em Pirenópolis é passada de geração em geração, de acordo com o Padre José da Cunha Duarte (2002), se trata do plantio de sementes, que era popular nos presépios tradicionais de Algarve. As searas de cereais (aveia, cevada, lentilhas, arroz etc.) eram semeadas dentro de pratos ou tigelas com um pouco de água, no início de dezembro, e colocadas no altar no dia de Nossa Senhora Conceição, dia 8. A tradição, criada pelo cardeal Bérulle em Avignon (França), compreendia a presença das “searinhas” de trigo no presépio como uma bênção. Sendo assim, as searas eram expostas aos pés do menino Jesus para serem bentas e darem muito pão às sementeiras, uma vez que, após as comemorações, havia o costume de plantar as searas no campo para crescerem depois da festa de Natal. Além das “searinhas”, nos presépios Algarvios, é costume colocar laranjas ao lado do menino Jesus, para que Ele possa abençoar tanto as sementes quanto as árvores de frutos.

De volta à tradição pirenopolina, após a preparação dos arranjos e enfeites natalinos, os devotos entram em contato com Dona Laurita e agendam a visita das rezadeiras para que seja realizada a celebração em suas casas. A rezadeira explica:

A gente é convidada. A gente já avisa as outras porque geralmente eles falam comigo. Eu já aviso a turma. Hoje que a gente não aguenta mais ficar andando, as pessoas vêm buscar. Quando é perto, a gente vai sozinho. Cada um vai... outras horas reúne todos aqui. Quando é mais longe, vem todo mundo aqui para casa. A gente reúne e desce tudo, vai tudo junto. A gente chega, geralmente espera alguns convidado chegar. E a gente canta ali uns... que não é tradição de rezar o terço. A tradição é dos cantos mesmo. Mas, muitos querem que reza o terço, então a gente reza. O terço... outros rezam só um Pai Nosso e uma Ave Maria. Outros já rezam um Mistério. E assim é... dependendo do gosto do dono da casa. É como lá na... nos filhos, menino da Fiica... lá reza terço, rezam muitos... rezava o ofício, rezava ladainha.... Agora a gente não dá conta. Eles pedem muitos hinos, são onze hinos que a gente canta ali, aí é muita coisa... A gente foi deixando o ofício e a ladainha. E aí a gente... sempre oferecem um lanche, a turma lancha e esparrama. Quando o... o que não é do mesmo lado... mas geralmente está daqui... tem muito pouco, né, tudo só daqui de cima mesmo [do Bonfim]. Mas tem muitas pessoas que já vão, outros de lá já vão para outros lugares, já.... Na volta a gente não é muito unida não, mas pra ir geralmente vai todo mundo reunido (informação verbal¹⁸).

Figura 22 - Presépio de Dona Laurita.



Foto: Letícia Matteucci, 25 dez. 2018.

Figura 23 - Presépio de Seu Augusto.



Foto: Letícia Matteucci, 5 jan. 2019.

A cerimônia dos Cantos de Presépios é inaugurada anualmente no dia 25 de dezembro, rigorosamente na casa de Dona Laurita. Deveria, em vias de regra, se encerrar no dia 6 de janeiro, no dia de Santos Reis, mas, devido à dificuldade de locomoção e às limitações das rezadeiras em celebrar mais de um ritual por noite, o costume se estende até, aproximadamente, a segunda semana após o Ano Novo. Dona Helena, uma das poucas rezadeiras que ainda acompanha a tradição, comenta:

Eles ligam para a Laurita. Quando não tinha telefone, eles iam na casa. Agora ligam. Sempre o primeiro presépio que a gente reza é dia 25 de dezembro. Lá na casa da Laurita, era o dia de aniversário da filha dela. E daí, depois daquele dia, a gente abria as portas do presépio. Mas hoje tem muita gente que pede dois, três dias antes porque são muitos. Eles vão ligando e a Laurita vai marcando. Ela vai falando “tal dia na casa de fulano, casa de ciclano, casa de beltrano”. Agora só tem mais dois, o de hoje na

¹⁸ Ibid., jan. 2019.

Cerise, na Rua Direita, e o outro é na Tânia, terça-feira. O último. Mas antigamente a gente rezava era todos os dias: dois, três! Todos os dias. Na Rua da Aurora... agora está bem menos. Algumas pessoas mudaram, outros morreram, outros passaram para evangélico, mas eram muitos terços. E muito bonito. Antigamente, ia o Augusto, ia sanfoneiro para tocar. Ia o Augusto para tocar e o Augusto é muito bom, ele tem uma garganta muito boa para cantar. Ajudava muito. Mas, um trabalha a noite, outra coisa, agora você vê, tem que carro ficar buscando a gente. Em primeiro, era aquela ‘turmona’, era a pé e ninguém reclamava. Ia velho, criança e tudo. Hoje vai acabando, as mocinhas não estão querendo rezar, outras estão para a escola a noite e vai atrapalhando. Mas nós estamos firme aí no pedaço. Agora está indo, parece que três, quatro. Mas vai, não é? Tem uns lá que já ajuda. (informação verbal¹⁹).

Atualmente, a celebração conta com a presença assídua de Dona Laurita, que é quem organiza e agenda as cerimônias. Dona Narcisa se esforça para confirmar presença em todos os rituais, mas, por problemas de saúde, esteve ausente em algumas poucas datas. Em relação à Dona Helena e à Dona Sebastiana, estas são participantes incertas. Já Seu Augusto que, além de cantor, é também violeiro, marcou presença em dois dos 12 eventos registrados nesse ano de 2019, sendo que um deles foi em sua casa, por sua própria organização. Os rezadores que se esforçam para manter a tradição dos Cantos de Presépios são pessoas que nos remete a Durkheim (1996, p. 28), ao dizer que “onde quer que observemos uma vida religiosa, ela tem por substrato um grupo definido”. O autor ainda expõe que:

as crenças propriamente religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhes são solidários. Tais crenças não são apenas admitidas, a título individual, por todos os membros dessa coletividade, mas são próprias do grupo e fazem por sua unidade. Os indivíduos que compõem essa coletividade sentem-se ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum (DURKHEIM, 1996, p. 28).

Em geral, nos dias de reza, os integrantes dos Cantos de Presépios combinam de se encontrar na casa de Dona Laurita e de lá se deslocam até a casa do devoto na qual serão recepcionados. Muitos dos anfitriões oferecem locomoção, porém, em alguns casos, quando se trata de famílias mais humildes, as rezadeiras precisam se deslocar e caminhar para atender o pedido do convidador. Quando chegam às residências, as rezadeiras são recepcionadas. Elas contemplam o presépio e as imagens e, em muitas situações, aguardam alguns convidados chegarem para a celebração do rito. Roberto Da Matta define rito como:

[...] aquilo que está aquém e além da repetição das coisas “reais” e “concretas” do mundo rotineiro. Pois o rito igualmente sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de

¹⁹ Entrevista concedida por: JESUS, Helena Maria de. 39:54 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

controlar e liberar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que está inscrita no verbo viver em sociedade (DAMATTA, 1977, p. 11).

Ainda é necessário destacar a natureza simbólica imposta aos rituais que, de acordo com Peirano (2003, p. 11), “é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios”. Tal definição pode ser observada nos Cantos de Presépios, pois, assim que todos estão reunidos, inaugura-se a celebração que, em regra, se inicia com o hino “Vinde ó Deus”, o canto que convida todos a reverenciarem o presépio. Após o primeiro hino, são feitos os agradecimentos pelas graças recebidas no ano que está finalizando e é feita a intenção da reza – os pedidos de proteção para o próximo ano –, ora por Dona Narcisa, ora por Dona Laurita ou pelo dono da casa. Em seguida, dá-se seguimento aos cantos, porém, alguns devotos pedem para rezar o terço, o Mistério, a Ladainha, Salve Rainha ou um Pai Nosso e uma Ave Maria, e estes são atendidos pelas rezadeiras, que celebram conforme o pedido do dono da casa que está acolhendo a tradição. Para uma melhor exemplificação, segue o roteiro em três ritos importantes de diferentes datas, no início, meio e fim das comemorações:

Figura 24 - Dona Laurita em reza na casa do Seu Valdo Lúcio.



Foto: Letícia Matteucci, 26 dez. 2018.

1º - A celebração na casa de Dona Laurita, no dia 25/12/2018, às 20h30min, que inaugurou os ritos, seguiu da seguinte maneira:

- ✓ Hino *Vinde ó Deus* (que simboliza a abertura do culto);
- ✓ Todos os convidados: “Pelo sinal da santíssima Cruz, livrai-nos, Deus nosso Senhor, dos nossos inimigos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”;
- ✓ Todos os convidados: “Divino Jesus, nós vos oferecemos este terço que vamos rezar, meditando nos mistérios da Vossa Redenção. Concedei-nos, por intercessão da Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, as virtudes que nos são necessárias para bem rezá-lo e a graça de ganharmos as indulgências desta santa devoção”;
- ✓ Dona Laurita verbaliza a intenção da reza, fazendo um agradecimento pela vida e saúde, agradecendo o ano que passou e pedindo para que no ano novo, todos possam estar presentes novamente para o culto, com saúde e paz e com todos seus familiares. Em seguida, pediu pela alma de Josélia [sua falecida filha], pelo seu aniversário. E, com a voz embargada, disse: “que o Menino Jesus dê descanso eterno para a alma dela, dê a ela um bom lugar”. Nesse momento, Dona Narcisa complementa, pedindo: “Pelo Seu Dito que rezou essa reza muitos anos, Menino Jesus e Nossa Senhora, dê a eles um bom lugar”. Dona Laurita, novamente: “A todos os falecidos que rezavam com a gente: Dona Albertina, Zeco, Seu Pedro, todos que rezavam com a gente no presépio e já foram, Menino Jesus e Sagrada Família, dê todos a eles um bom lugar”;
- ✓ Todos os convidados rezaram o Credo;
- ✓ Seguiu a reza do terço puxado por Dona Laurita;
- ✓ Todos os convidados rezaram a Salve Rainha;
- ✓ Hino 3: *Para Belém*;
- ✓ Hino 9: *Ao Menino Jesus*;
- ✓ Hino 8: *Dizem que chora*;
- ✓ Hino 13: *Que noite é esta*;
- ✓ Hino 21: *Lapinha da Mata* e;
- ✓ Hino 10: *Em Belém Nasceu* (que simboliza o encerramento do culto);
- ✓ A celebração, que durou cerca de 50 minutos, se encerrou com Dona Laurita desejando paz e saúde a todos os convidados, abençoando e pedindo que estejam

presentes no ano seguinte. Logo, convidou os devotos presentes para prestigiarem o lanche preparado.

2º - A celebração na casa de Dona Faraíldes e Seu Túlio, no dia 1º/1/2019, às 14 horas, no meio das comemorações dos ritos, seguiu da seguinte maneira:

- ✓ Hino *Vinde ó Deus* (que simboliza a abertura do culto);
- ✓ Padre convidado verbaliza: “uma grande característica da nossa fé católica é rezarmos. Porque quando rezamos, falamos a mesma língua. Cristo, clameis à nossa espiritualidade. Para iniciar essa solene oração, vamos invocar a benção de Deus e de misericórdia para que nos acompanhe ao longo deste ano, abençoando e protegendo a todos”;
- ✓ Todos os convidados: “Pelo sinal da santíssima Cruz, livrai-nos, Deus nosso Senhor, dos nossos inimigos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”;
- ✓ Todos os convidados: “Divino Jesus, nós vos oferecemos este terço que vamos rezar, meditando nos mistérios da Vossa Redenção. Concedei-nos, por intercessão da Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, as virtudes que nos são necessárias para bem rezá-lo e a graça de ganharmos as indulgências desta santa devoção”;
- ✓ Todos os convidados rezaram o Credo;
- ✓ Todos os convidados, a convite do Padre, rezaram o Pai Nosso [ao som de fogos de artifícios];
- ✓ Padre verbaliza: “Ao Menino Jesus, Glorioso São José, à Virgem Mãe de Deus e ao anjo da guarda, protejam vocês. Abençoe e projeta o ninho, dando força, coragem e, sobretudo, nós venceremos essa caminhada. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém”.
- ✓ Hino 3: *Para Belém*;
- ✓ A pedido de Dona Abadia, organizadora do culto: “Vamos contemplar o terço com a intenção de nosso Presidente da República fazer um bom governo. Amém”;
- ✓ Algum devoto ao fundo: “Nossa Senhora passa na frente dele”;
- ✓ Todos os convidados rezaram o Credo;
- ✓ Todos os convidados rezaram o Pai Nosso;
- ✓ Dona Abadia, filha de Dona Fiica (figura que será retratada no parágrafo abaixo) e uma das anfitriãs do evento, verbaliza a intenção: “Essas três Aves Marias nós

vamos pedir para Nossa Senhora passar na frente das pessoas que estão fazendo tratamento de câncer”;

- ✓ Todos os convidados rezaram Ave Maria;
- ✓ Todos rezaram o Terço / Mistério [ao som de fogos de artifícios soltados pelos organizadores, especialmente nesta reza do dia primeiro, convidando a comunidade para o evento];
- ✓ Todos cantaram “Glória seja ao Pai, Glória seja o Filho, o Espírito Santo, sempre Amém. Ele é um só Deus, em pessoa três. Agora e sempre, sempre. Amém”.
- ✓ Todos os convidados rezaram a Salve Rainha;
- ✓ Hino 8: *Dizem que chora*;
- ✓ Hino 21: *Lapinha da Mata*;
- ✓ Hino 12: *Róseo*;
- ✓ Hino 19: *Hino de Natal*;
- ✓ Hino 07: *Reis Magos*;
- ✓ Hino 10: *Em Belém Nasceu* (que simboliza o encerramento do culto);
- ✓ A celebração se encerrou às 16 horas, com Dona Abadia louvando e convidando os devotos presentes para prestigiarem o lanche preparado.

3º - A celebração na casa de Dona Cerise, no dia 06/01/2019, às 20 horas, no dia de Santos Reis, dia que simboliza o encerramento dos ritos, seguiu da seguinte maneira:

- ✓ Hino *Vinde ó Deus* (que simboliza a abertura do culto);
- ✓ Todos os convidados: “Pelo sinal da santíssima Cruz, livrai-nos, Deus nosso Senhor, dos nossos inimigos. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém”;
- ✓ Todos os convidados: “Divino Jesus, nós vos oferecemos este terço que vamos rezar, meditando nos mistérios da Vossa Redenção. Concedei-nos, por intercessão da Virgem Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, as virtudes que nos são necessárias para bem rezá-lo e a graça de ganharmos as indulgências desta santa devoção”;
- ✓ Dona Laurita oferece o terço da Sagrada Família e dos Reis para Cerise, para os filhos e toda a família: “Que os Reis e a Sagrada Família continuem abençoando essa família, hoje e sempre. Que guie os passos deles, dos filhos, netos, genro, noras, que há de acompanhar cada um deles. Por todos que pediram as nossas orações, pela nossa cidade, pelo nosso estado, nosso país. Que Nossa Senhora dê

paz para nós e para o mundo inteiro. Porque a gente está com muita falta de paz. Que a Sagrada Família abençoe nosso mundo que está precisando muito de paz”.

- ✓ Todos os convidados rezaram o Credo;
- ✓ Seguiu a reza do terço puxado por Dona Laurita;
- ✓ Todos os convidados rezaram a Salve Rainha;
- ✓ Hino 3: *Para Belém*;
- ✓ Hino 20: *Rosa Jericó*;
- ✓ Hino 21: *Lapinha da Mata*;
- ✓ Hino 07: *Reis Magos*;
- ✓ Hino 23: *Recolher* (que simboliza o encerramento do culto e das cerimônias do ano; representa o recolhimento do presépio até o ano seguinte);
- ✓ No momento em que as rezadeiras e os convidados cantam o último hino e se deslocam até o presépio para se despedirem do Menino Jesus, Dona Cerise, a anfitriã da noite, passa entre os devotos distribuindo sementes de romã, e Dona Helena explica como utilizá-las, na tradicional simpatia do Dia de Reis:

[...] é o Belchior, Gaspar e Baltasar. Então nos dias de hoje o povo gosta de fazer com a semente de romã, você sabe como faz? Eu estou até com a romã ali. Você põe três sementes... nove sementes de romã na mão. Você vira as costas e engole uma semente e joga a outra para trás. Engole uma, joga uma e põe uma na mão e fala: *Belchior, Gaspar e Baltasar, não deixa o meu dinheiro faltar*”. É três, duas vezes. Quando você fazer assim, você fica com três sementes na mão, jogou três e engoliu três. Sem mastigar elas, só engolir. Essas três que ficou na sua mão, você enrola, faz uma maletinha, coloca um embrulhinho e põe na sua bolsa. Nunca que você fica sem um dinheirinho na bolsa. Pode ser pouquinho, mas sempre tem (informação verbal)²⁰.

- ✓ Logo em seguida, ao fim do hino, convida os devotos presentes para prestigiarem o lanche preparado.

Dentre os três exemplos citados acima, a primeira celebração é a que marca a abertura dos rituais e, como já mencionado anteriormente, acontece na casa de Dona Laurita, no bairro do Alto do Bonfim. Os dois últimos exemplos, no entanto, ocorrem no Centro-Histórico da cidade.

²⁰ Entrevista concedida por: JESUS, Helena Maria de. 39:54 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

Figura 25 - Dona Helena e Dona Laurita em reza, na casa de Dona Neidia



Foto: Letícia Matteucci, 27 dez. 2018.

A celebração do dia 1º de janeiro (segundo exemplo) é a mais conhecida e movimentada de todos os rituais, sendo organizada, atualmente, pela família Batista - que além de ocupar alguns imóveis em Pirenópolis, os filhos e netos da falecida Dona Fiica (Domitília de Oliveira Batista) se dividem entre Goiânia, Brasília e Palmas, mas se reúnem no início do ano para a comemoração. A festividade possui uma corrente histórica que passa por algumas famílias e várias gerações, Dona Helena, ao recordar as cerimônias, relembra como eram seus antepassados:

E, onde eu morava ali perto da Dona Laurita, tinha uma velhinha antiga, chamava Dona Arlinda. Esse presépio era dela, esse Menino Jesus. Ela foi ficando velhinha, velhinha, velhinha, sem aguentar mais nada, aí ela pegou e passou ele para outra parente dela, essa parente morreu e passou para a Dona Augusta. A Dona Augusta morreu e passou para aquela sobrinha dela, a Faraíldes. Só que o povo de Batista, aquele povo que reza no dia primeiro, eles são parentes do meu marido, a família de Batista é muito grande, da minha sogra, parente da minha sogra. Aí o José Maurício, filho da Dona Fiica, estava estudando para medicina, ele estava longe em outra cidade estudando, e estava muito difícil, naquele tempo era muito difícil, as provas, aquelas coisas.... A mãe dele, a Dona Fiica fez [a reza]. Aquela família inteirinha lá... eles fazem a festa e depois faz o sorteio [para ver quem vai fazer a festa no ano seguinte], o outro irmão que pega, mas todo mundo ajuda, cada um leva uma coisa, é muito bonito. Lá na Dona Augusta, era muito pequenininha a casa. Aquela rua Santa Bárbara, abaixo da Dona Laurita ali. Eles faziam uma barraca na frente, atravessando a rua e fazia a festa. Agora lá [Dona Faraíldes] tem mais espaço e junta a família inteira e o José Maurício é o médico, formou com o milagre do Menino Jesus (informação verbal)²¹.

²¹ Ibid., 2019, 39:54 min.

José Maurício Batista, mencionado por Dona Helena, um dos filhos e organizador do evento, relata:

Além deste acontecimento anual, a minha mãe, em todas as suas dificuldades e alegrias nos levava aos pés do Menino Jesus para pedir proteção ou agradecer por alguma graça alcançada. Foi assim com nosso irmão caçula, o Preto, quando foi acometido de meningite. Foi assim também comigo. Desde a minha saída de Pirenópolis em 1958 para cursar o ginásio em Silvânia e, até me formar em Medicina na UnB (Universidade de Brasília), em 1972, ela me levava todo início e fim de semestre, ano após ano, à casinha de Dona Arlinda e aos pés da imagem do Menino Jesus acendíamos três velas e juntos rezávamos o terço. [...] uma senhora [Dona Fiica] sem instrução escolar e que por circunstâncias financeiras e de saúde do meu pai fora obrigada a sustentar a família trabalhando na boca de um forno de barro assando biscoito para vender. Só mesmo a fé e a grande determinação poderiam dar forças necessárias para esta senhora alimentar e educar uma família numerosa, principalmente naquela época e naquele lugar (Coleta documental, relato Anexo D)²².

Todos os anos, filhos, netos e bisnetos de Dona Fiica se revezam na preparação do evento. Alguns destes se deslocam de outras cidades para prestigiar a cerimônia. Um microônibus, que é alugado pela família, traz, estaciona e desembarca as rezadeiras e os violeiros que animarão a solenidade. Em seguida, o pároco da cidade marca presença para abençoar o início do ritual. São os fogos de artifícios disparados no início da tarde que convidam os moradores para a prática do Culto ao Menino Jesus de Arlinda²³ (Figura 26), uma escultura de origem portuguesa e que pertenceu à Dona Arlinda Costa Amorim e, posteriormente, aos seus descendentes que mantiveram a tradição do culto. Atualmente, a imagem possui um altar na casa de Dona Faralões, casa muito conhecida em frente à Rodoviária, depois que esta herdou a obra de Dona Augusta, sua tia. Especialmente nesta celebração, ao invés de os convidados se direcionarem para o presépio como nos outros eventos, neste as rezadeiras e os devotos se posicionam frente ao altar, que é ordenado para recepcionar o Menino Jesus. A cerimônia que conta com um número expressivo de convidados se encerra no fim da tarde, sempre regada com muita fartura de quitandas, bebidas e doces.

²² Relato de José Maurício Batista através de informação documental, Anexo D.

²³ “Em Pirenópolis, cidade do ciclo do ouro, o escultor Joaquim da Veiga Valle, no século XIX, foi responsável por dezenas de esculturas retratando Jesus criança. Aliado à representação de Jesus Infante, difundiu-se o hábito de costurar vestes preciosas e fazer joias para a imagem do Menino Jesus, estabelecendo relação de intimidade com o santo, numa devoção de caráter individual, privado e sem o controle da Igreja. Essa tradição, surgida no século XIX, se prolonga até os dias atuais. É costume cultuar o Menino Deus nos oratórios particulares. Hoje são duas as imagens consideradas milagrosas pelos devotos: o Menino Jesus de Arlinda e o Menino Jesus de Chico Sá, práticas que ocorrem há mais de um século” (IESA, 2014).

Figura 26 - Menino Jesus de Arlinda, casa de Dona Faraíldes e Seu Getúlio.



Foto: Leticia Matteucci, 1º jan. 2019.

Além dos rituais de agradecimento às graças ofertadas pela imagem, é costume da comunidade doar roupinhas ao Menino Jesus como forma de reconhecer e retribuir as bênçãos recebidas e, também, como promessas de dádivas a serem acolhidas. Dona Helena rememora:

Uma vez, eu estava esperando um neném, o meu filho que mora em Campo Grande. Eu tinha brigado com a minha sogra lá na primeira aparição, ela não queria subir para a cidade, nem nada e eu estava com um barrigão muito grande, muito inchada. Aí a Dona Arlinda, velhinha mesmo, me viu com aquele barrigão e me chamou lá. Ela falou assim: “você vai ganhar o seu neném quando?” e eu falei para ela que era em outubro, ele nasceu dia 18 de outubro. Ela pegou a camisinha do Menino Jesus e emprestou para mim. Ele (a imagem do Menino Jesus) tinha muita roupa. Um fazia uma promessa, levava um vestidinho. Outro... Ele tinha muitas, muitas roupinhas. Ela pegou, e me emprestou um vestidinho, ele é azulzinho com umas pedrinhas brilhosas. Ela falou para mim “você vai dormindo com o vestidinho do Menino Jesus debaixo do seu travesseiro até você ganhar esse neném. O dia que você ganhar e que seu neném já estiver com três meses, você traz ele de volta para você ser feliz”. Menina, eu ganhei meu menino sozinha. Chamou parteira, a parteira chegou e meu neném já tinha nascido, eu já tinha cortado o umbigo, eu já tinha feito o meu parto (informação verbal)²⁴.

Dona Cerise (a terceira exemplificação), moradora da Rua Direita – que, diferentemente das demais ruas da cidade, possui seu calçamento em bloquetes de concreto, sendo esta uma das mais importantes Rua do Centro-Histórico, com o cenário composto por casarões coloridos, pelo Museu das Cavalhadas e pelo cinema da cidade, o Cine Pireneus –, numa casa com traços

²⁴ Entrevista concedida por: JESUS, Helena Maria de. 39:54 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Leticia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

portugueses, no Centro-Histórico da cidade, é quem faz os encerramentos dos rituais no Dia de Santos Reis, todos os anos. Para comparecer à cerimônia, Dona Laurita conta com a disposição dos anfitriões, que a buscam de carro. Por se tratar de uma celebração reconhecida e marcar o encerramento simbólico das comemorações, esta também conta com um número razoável de convidados e familiares.

É, portanto, importante destacar um fato. Considerando-se que alguns dos anfitriões possuem datas definidas, vale ressaltar as rezas que aconteciam todos os dias 31 de dezembro, véspera do *Réveillon*, na Rua Nova, na casa de Dona Conceição. Seus rituais eram sempre marcados pela falta de energia elétrica, pois, com o grande número de turistas na cidade, havia uma sobrecarga no abastecimento de energia, e suas cerimônias eram consagradas pelas luzes das velas. Porém, nos últimos dois anos, por não conseguir disponibilizar uma condução que pudesse trazer Dona Laurita até a sua casa, a devota deixou de solicitar as cerimônias.

As datas definidas por determinados devotos possuem motivos variados, como porque coincidem com aniversários ou dias simbólicos para a família (rememoração de finado, casamento etc.). Mas, em geral, além de evitar a concorrência, os anfitriões determinam as datas para que se mantenham permanentes (em todos os anos) na agenda de Dona Laurita, que, por ser considerada, por alguns, muito sistemática, não é de fácil contato, pois é sabido pela comunidade que a rezadeira não tem muita empatia pela comunicação via telefone. Percebi isso durante a pesquisa, pois a rezadeira se demonstrou incomodada em me dispor o número do telefone de sua casa e, portanto, os nossos encontros eram pré-definidos, sempre com antecedência, enquanto estávamos unidas nas celebrações das rezas. Caso ocorresse algum imprevisto, os contatos eram feitos por intermédio do whatsapp da filha ou das outras rezadeiras.

Além disso, outro fato importante que vale ressaltar é a presença do pároco, que somente foi identificada em três celebrações: na casa do Seu Valdo Lúcio, no dia 26 de dezembro (Figura 30); de Dona Faraíldes e Seu Getúlio do dia 1º de janeiro e, por último, na própria Igreja Matriz. Nas demais celebrações registradas não foi identificada qualquer presença religiosa do clero. Embora também as rezadeiras tenham sido convidadas para celebrarem o ritual no presépio da Igreja Santa Bárbara, no dia 5 de janeiro, logo após a missa da noite, nenhuma figura religiosa se manteve presente para prestigiar a ritualização, fato que gerou incômodo nas rezadeiras e que deixou Dona Narcisa insatisfeita:

Eu fiquei descrente. Fiquei mesmo, não fiquei satisfeita. Falando para você a verdade. [...] Podia contar as pessoas que tinham lá, não tinha pouca? Pois é! O dia que eu ver

ele pessoalmente eu vou ser franca! Eu quero falar para ele: “olha Padre Carlito, por que você não foi sentar lá, eu reparei que você não foi, o que é que foi? Estava doente? O que é que foi Padre Carlito?” Vou perguntar ele. O que dia que eu ver ele (informação verbal)²⁵.

Figura 27 - Ritual na Igreja Santa Bárbara, no início da celebração.



Foto: Letícia Matteucci, 5 jan. 2018.

Figura 28 - Ritual na Igreja Santa Bárbara, no meio da celebração.



Foto: Letícia Matteucci, 5 jan. 2018.

Ao observar a presença dos devotos, na Igreja Santa Bárbara, por exemplo, pode-se notar um esvaziamento fracionado da sala paroquial (Figuras 27 e 28) no momento em que as rezadeiras celebravam os hinos. Na visão de Dona Narcisa, faltou engajamento da igreja para motivar a participação dos devotos e, em seu desabafo, a rezadeira disse: “Cadê que ficou gente lá na igreja? Não saiu tudo? Eu vou falar isso tudo para o Padre Carlito. [...] Ele tem que ouvir a verdade. Eu vou falar para ele porque eu fiquei irritada. Saiu todo mundo” (informação verbal)²⁶.

Outro evento que não teve público foi a cerimônia realizada na Igreja Matriz. Mesmo com o convite feito pelo pároco e tendo sido anunciado que seria realizado o ritual antes da celebração da missa, o evento não teve a presença da comunidade, contando apenas com a presença do padre, do coroinha e de duas rezadeiras – Dona Laurita e Dona Narcisa. Conforme o ritual foi se aproximando do horário da missa, alguns poucos devotos foram chegando e acompanharam o encerramento da celebração. O que pude observar de característica comum e que se assemelhou às solenidades nas duas igrejas, além do baixo número de participantes, foi a questão de não haver lanche após a comemoração ao presépio. Na visão de Dona Sebastiana,

olha [pensativa], eu vou falar uma coisa para você... [...], acho que já deu até para você observar. Tem gente que só vai para comer. Gente! A gente vai porque você gosta,

²⁵ Entrevista concedida por: CUNHA, Narcisa Pereira da. 44:50 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

²⁶ Ibid. 2019.

vai agradecer a Deus por você estar vivo. Você vai agradecer a Deus... [...] mas a gente sente que tem gente que só vai para... para marcar presença. A gente vai não é para... mas tem gente que é. Tem gente que é. Se tem uma festa lá, vai muita gente, enche o carro e vai. Eu acho o carro perfeito para quem reza porque nós já estamos todas velhas, caindo a turma nos buracos... então, se achar uma carona nós vamos. Mas não é porque a gente vai para comer não. Comer você come todos os dias [...] Eu sinto que a pessoa gosta muito de banquete. Tinha um padre aqui que o povo fala que ele era doido. Mas ele falava uma coisa que sempre eu gravo comigo mesma. Ele dizia que em Pirenópolis o povo gosta muito de comer e que enquanto tiver comida, o Brasil cresce, não é assim? [gargalhada] (informação verbal)²⁷.

Figura 29 - Convidados casa reza
Seu Rafael.



Foto: Letícia Matteucci, 26 dez. 2018.

Figura 30 - Convidados reza na casa Seu Valdo
Lúcio com a presença de figura religiosa.



Foto: Letícia Matteucci, 2 jan. 2019.

Em outras solenidades, no entanto, há um contraste nos números de devotos (que será demonstrado no quadro mais à frente), o que impossibilita dizer a quantidade deles por aproximação em cada ritual, pois vários fatores contribuem para que os rituais tenham mais ou menos convidados. Entre os diversos motivos citados durante a observação, estão: afinidade com o convidador; empatia (ou falta dela) pelo anfitrião; alguns alegam falta de convite ou não saber do evento, outros dizem não ir por motivos de saúde ou outros compromissos, como, por exemplo, missa, trabalho, encontros familiares etc. Além da divulgação, que a maioria faz pelo “boca a boca” ou via telefone, outro requisito é que, quanto mais popular, sociável e conhecido pela comunidade é o anfitrião, mais devotos estarão presentes na cerimônia (Figuras 29 e 30). Exemplificado nas imagens abaixo, na cerimônia do Seu Rafael, morador do Alto do Bonfim, somente as filhas e duas rezadeiras estiveram presentes, enquanto que, na comemoração do Seu Valdo Lúcio, na qual pude perceber uma maior organização, decoração e banquete (Figura 31), um número expressivo de convidados prestigiou a celebração.

²⁷ Entrevista concedida por: AMORIM, Sebastiana Inácia da. 35:56 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

Figura 31 - Mesa do lanche ofertado por anfitrião: casa Seu Valdo Lúcio.



Foto: Letícia Matteucci, 26 dez. 2018.

Conforme já explanado na Introdução, este é um costume que acompanho desde criança e que estudo desde a minha graduação em Jornalismo. Deste modo, durante as visitas de campo realizadas para esta pesquisa, pude perceber uma diminuição de agendamentos, devotos e rituais celebrados em relação às cerimônias executadas tanto na minha infância quanto em 2016, durante a graduação. Porém, é importante ressaltar que, quando somos pequenos, tudo parece ser mais grandioso e, considerando a maior capacidade de uma criança em se admirar pelas luzes, pelos sons e paladares, sinto que minha propriedade de analisar por meio dessa perspectiva fica comprometida, especialmente porque acessa a minha memória afetiva de estar na presença da minha avó falecida. Mas, a redução das celebrações é um fato que pode ser observado nos quadros abaixo, com a agenda de rituais que acompanhei, em 2016, durante a graduação, e em 2018, durante esta pesquisa.

Quadro 1 - Agenda das cerimônias 2016/2017.

Data	Hora	Anfitrião	Local	Quantidade de convidados
25/12/16	20h	Dona Laurita Vitoriano	Setor Bonfim	Média 40
26/12/16	19h30	Sérgio Augusto	Setor Bonfim	Remarcado
26/12/16	20h	Valdo Lucio Cardoso	Vila Matutina	Média 40
27/12/16	20h30	Carmelita Souza França	Setor Bonfim	Média 25
28/12/16	20h	Luís Carlos e Neidia	Centro-Histórico	Média 25
29/12/16	21h	Não autorizado registro	Centro-Histórico	Média 40
30/12/16	20h	Sérgio Augusto	Setor Bonfim	Média 30
31/12/16	21h	Conceição Teixeira	Centro-Histórico	Média 20
01/01/17	14h	Faraíldes e Getúlio	Centro-Histórico	Média 50
01/01/17	20h	Igreja Santa Bárbara	Bairro S. Bárbara	Média 30
02/01/17	19h15	Nilva Aparecida	Área Rural	Média 15
03/01/17	20h	Rafael Samuel Nonato	Setor Bonfim	Média 15
04/01/17	20h	Danisete Pavelkonsky	Centro-Histórico	Média 25
05/01/17	19h30	Dona Narcisa	Setor Bonfim	Média 10
05/01/17	20h30	Dona Helena	Bairro S. Bárbara	Média 30
06/01/17	20h	Cerise Amorim Frota	Centro-Histórico	Média 30
08/01/17	19h	Igreja Matriz	Centro-Histórico	Média 20
09/01/17	20h30	Dona Ana Almeida	Bairro Carmo	Média 10
14/01/17	20h	Augusto Pereira Veiga	Setor Bonfim	Média 30

Quadro 2 - Agenda das cerimônias 2018/2019.

Data	Hora	Anfitrião	Local	Quantidade de convidados
25/12/18	20h30	Dona Laurita Vitoriano	Setor Bonfim	Média 30

26/12/18	21h	Valdo Lúcio Cardoso	Vila Matutina	Média 40
27/12/18	20h	Luís Carlos e Neidia	Centro-Histórico	Média 20
28/12/18	20h	Sérgio Augusto	Setor Bonfim	Média 20
29/12/18	21h	Não autorizado registro	Centro-Histórico	Média 40
30/12/18	----	Sem agendamento		Não houve ritual
31/12/18	----	Sem agendamento		Não houve ritual
01/01/19	14h	Faraíldes e Getúlio	Centro-Histórico	Média 50
02/01/19	20h30	Rafael Samuel Nonato	Setor Bonfim	Média 10
03/01/19	----	Sem agendamento		Não houve ritual
04/01/19	19h30	Danisete Pavelkowsky	Centro-Histórico	Média 15
05/01/19	20h30	Igreja Santa Bárbara	Bairro S. Bárbara	Média 10
05/01/19	21h30	Seu Augusto Veiga	Setor Bonfim	Média 30
06/01/19	20h	Cerise Amorim Frota	Centro-Histórico	Média 25
07/01/19	----	Sem agendamento		Não houve ritual
08/01/19	----	Sem agendamento		Não houve ritual
09/01/19	20h30	Dona Ana Almeida	Bairro do Carmo	Média 10
10/01/19	19h	Igreja Matriz	Centro-Histórico	Rezadeiras e pároco

Os quadros acima, exemplificando a agenda de rituais celebrados pelas rezadeiras, demonstram as datas, os horários, os locais e a quantidade, aproximada, de devotos e convidados presentes em cada cerimônia. Ao analisar as duas agendas de eventos, em 2016/2017, acompanhei 18 rituais, enquanto que, em 2018/2019, foram 13. Em dois anos, visualizei uma redução de quase 30% em cerimônias realizadas. Para esta pesquisa, levarei em consideração, especialmente, a agenda e as celebrações acompanhadas em 2018/2019 (Quadro 2).

Considerando-se, portanto, o retroativo das rezas, mesmo tendo a capacidade de analisar esses números comprometidos pelo olhar de uma criança que tudo se amplia, pode-se, sobretudo, levar em conta os depoimentos das rezadeiras e suas narrativas, através de suas memórias, em rezar mais de três presépios em um único dia, fato este que atualmente não se repete mais. Se, por média, triplicasse o número de cerimônias que acompanhei, se poderia

observar uma diminuição ainda mais significativa na quantidade de rituais celebrados hoje em relação ao passado.

Analisando-se o Quadro 2, as rezadeiras iniciam sua agenda de rituais no dia 25, na casa da Dona Laurita, tendo, entre os convidados, vizinhos, amigos e familiares, finalizando na Igreja Matriz com a presença apenas das figuras religiosas e duas rezadeiras, Dona Laurita e Dona Narcisa. As cerimônias mais populares e de maior público aconteceram nas casas do Seu Valdo Lúcio e da Dona Faraíldes – localizadas na Vila Pequizeiro (Vila Matutina), próximo ao centro da cidade. Nessas residências, além de familiares e amigos, contam ainda com a presença de figuras religiosas e muitos integrantes da comunidade, uma vez que as rezas destes dois possuem datas tradicionalmente conhecidas. Além destas, há ainda a cerimônia realizada no dia 29, na casa de um falecido e famoso festeiro que deixou o legado da reza para os descendentes. Embora não se tenha autorizado o registro fílmico, permitiu-se que eu acompanhasse e observasse que a notoriedade da família engajada na cultura popular pirenopolina lhes rende muitos convidados no evento. Neste, além de familiares, contava-se ainda com figuras públicas, amigos e devotos que são informados da cerimônia através do “boca a boca”. Nos demais anfitriões citados no quadro, alguns localizados à margem do Centro-Histórico, com menor número de público, os rituais tiveram a participação, em sua maioria, de familiares e alguns amigos.

Como já mencionado anteriormente, Seu Dito, o falecido marido e primo de Dona Laurita, teve a ideia de catalogar, em pequenas cadernetas, as letras dos hinos para facilitar que os demais integrantes pudessem acompanhar o ritual. Em muitos casos, ele mesmo escrevia as letras e presenteava os demais rezadores com a caderneta, como é o caso de Dona Narcisa, que ainda hoje guarda o seu livrete de lembrança e conta como foi o convite para participar do grupo: “A Laurita me convidou para ajudar ela, sabe. Eu falei que não sabia os hinos. E ela falou: ‘não, vou falar... traz a caderneta, o Dito copia para você’. E o Seu Dito copiou. A cadernetinha que eu tenho foi o Seu Dito que copiou. Copiou e eu enturmei com ela” (informação verbal)²⁸.

Dona Laurita ainda hoje possui algumas poucas cadernetas escritas e as guarda de recordação do esposo falecido. Por estarem danificadas e por terem um valor significativo de recordação, somente são usadas em cerimônias que contam com um menor número de devotos. Dona Laurita leva e empresta os cadernos para que os devotos possam acompanhar as letras

²⁸ Entrevista concedida por: CUNHA, Narcisa Pereira da. 44:50 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

dos hinos. Em cada ritual, são entoados em média sete cantos, que são selecionados de acordo com a representatividade da data e preferência do devoto/anfitrião.

Figura 32 - Dona Narcisa e Dona Laurita em reza na casa de Seu Augusto.



Foto: Letícia Matteucci, 5 jan. 2019.

Assim que soube da realização da pesquisa e da minha presença nas celebrações, Seu Augusto, durante a ritualização do evento do Menino Jesus de Arlinda – já descrito acima, realizado no dia 1º –, me abordou e perguntou se eu estaria presente na cerimônia que ele iria realizar em sua casa. Expliquei, então, que eu estava acompanhando Dona Laurita em todas as rezas e que, se fosse permitido, gostaria de presenciar e registrar a comemoração em sua residência. Ele sorriu e disse que iria caprichar. No dia combinado, observei que, diferentemente da maioria das outras celebrações, a sua estava rica em instrumentos musicais (Figura 32). Isso acabou incomodando um pouco as rezadeiras, pois elas disseram que o saxofone aumentou o tom dos hinos e fez com que cantassem mais alto do que o de costume, tendo, assim, que “forçar” mais a voz.

No passado, o grupo de rezadores, além de vocal, contava também com violeiros, sanfoneiros e uma vasta gama de instrumentos que acompanhavam a romaria. Era um ritual que estimulava a presença de numerosos devotos que caminhavam pela cidade e cantavam em diversas casas numa única noite, como conta Dona Laurita. Atualmente poucos fiéis ainda seguem o grupo, e uma pequena parte da comunidade recepciona a tradição em suas casas; por exemplo, durante a pesquisa de campo, as 13 celebrações realizadas foram observadas. Dona Laurita, em depoimento, relembra a época em que havia duas turmas de rezadores para atender a comunidade:

Ah... rezadeiras... tinham umas vinte rezadeiras ou mais. Tinham muitas rezadeiras, tinham homens também que acompanhavam. Então tinham umas vinte rezadeiras ou mais. Foram acabando. Uns mudaram, outros mudaram de religião. Não mudou de cidade, mas mudou de religião. Outros já não quiseram mais cantar e hoje... tem dias que eu rezo sozinha. Não tem uma companhia pra ir e como eu faço o compromisso, eu falo que vou, se a pessoa pede e eu falo que vou... então muitas vezes eu vou sozinha. Hoje quem me acompanha mesmo é a Narcisa. A Tania, de vez em quando ela acompanha, aquela Tânia de Dertrudes, vez em quando ela acompanha. A Helena também é de vez em quando.... Agora mesmo você viu, tem muitos dias que ela não está indo. Então tem muitas vezes que eu vou sozinha. Chegando lá a gente acha quem ajuda. Muita gente... a gente já leva a letra. Muita gente ajuda, mas tem muitas vezes que eu saio de casa para cantar assim: *Deus e eu para cantar...* Quem tinha uma turma grande [suspiro], que dividia em duas... (informação verbal)²⁹.

Dona Narcisa também faz comparações das rezas de sua memória e dos rituais vivenciados atualmente e conta:

A Laurita dizia que antigamente, quando ela começou a rezar, eram duas turmas. Uma para um lado e outra para o outro. Rezava até meia-noite ou mais. Agora, depois que enturmei com ela, já era convidada das casas. Teve dia de ir em até três casas de noite. Chegava lá pelas meia-noite também. Até três casas nós rezávamos. Mas agora mudou [...]. Olha, tinha muito convidado. Antigamente tinha muito. Na casa da Laurita também chegava a encher. Enchia até o terreiro. Hoje que... pouca gente demais, para todo lugar. Era gente, mas era gente mesmo. Hoje na... cas [gaguejando] na casa do... desse homem que... nós... lá no.... no festeiro... [Seu Luís Carlos]. Que eu contei foi dezessete pessoas. Cheguei a contar! Capricho! Conte dezessete pessoas. E lá ficava cheinho... [inaudível] no passado, ficava cheinho aquela área aonde a gente lancha. Ficava cheinho de gente, a sala cheia, chega não cabia... e esse ano... (informação verbal)³⁰.

Figura 33 - Quitandas oferecidas aos devotos. Figura 34 - Dona Helena confraternizando após reza.



Foto: Letícia Matteucci, 5 jan. 2019.



Foto: Letícia Matteucci, 27 dez. 2018.

²⁹ Entrevista concedida por: VEIGA, Laurita Vitoriano. 57:34 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

³⁰ Entrevista concedida por: CUNHA, Narcisa Pereira da. 44:50 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

O anfitrião que recebe as rezadeiras prepara uma recepção com bolos, doces, quitandas, biscoitos tradicionais da cidade, chás, café, refrigerantes, sucos etc., para após o encerramento da celebração dos cantos. É uma maneira de agradecer a presença, as orações e intenções por elas realizadas. Os devotos, as rezadeiras e todos os convidados se reúnem para conversarem e confraternizarem.

2.1.2 Cadernetas e cantos

Pretende-se, nesse momento, apresentar as letras dos hinos, analisando e explicando o enredo litúrgico que compõe os rituais. Os hinos não podem ser cantados em todas as cerimônias, pois possuem uma dinâmica, contam a trajetória do nascimento de Jesus e, portanto, dispõem de uma ordem cronológica de apresentação. Além disso, pretendem compreender as narrativas das canções através de análises simbólicas das letras que foram catalogadas pelo Seu Dito, esposo de Dona Laurita, em cadernetas, para auxiliar as rezadeiras durante as cerimônias.

Figura 35 - Cadernetas de Dona Laurita, confeccionadas por Seu Dito.



Foto: Letícia Matteucci, jan. 2019.

A fim de contextualizar a liturgia da tradição dos Cantos de Presépios, antes é importante ressaltar que, embora a música tenha sido pouco citada no Novo Testamento, há um aspecto importante que Itatiara Teles Oliveira observa:

Mesmo que o comportamento religioso e litúrgico cristão fosse herdado, em muitos aspectos, do judaísmo essa herança foi reinterpretada, ou seja, os judeus louvavam a Deus através da música por acreditarem em sua suprema força, grandeza e livramento. No cristianismo essa crença foi (re) significada na pessoa de Cristo. Todos os rituais do sacrifício expiatório que eram símbolos de uma libertação, significando também a misericórdia e o perdão divino, foram em Cristo (re) significados, pois para seus seguidores ele era não o símbolo da promessa de libertação, mas era o cumprimento vivo, morto e ressuscitado dessa promessa, a qual foi reinterpretada por eles como libertação contra a escravidão do pecado e não somente da dominação estrangeira como interpretavam os judeus. Assim, a música judaica que refletia essa crença foi legada e praticada pelo cristianismo com um novo significado: o da gratidão pelo livramento que o Deus/Homem (Cristo) proporcionou sobre o pecado garantindo-lhes a vida eterna. Essa música não era então um instrumento de pregação ou atração de novos fiéis como ocorre atualmente no neopentecostalismo, pois era apenas uma expressão de louvor ao seu Deus libertador (OLIVEIRA, 2006, p. 50-51).

Nesse contexto, entende-se que, no Antigo Testamento, a música era somente uma demonstração de louvor ao seu Deus e, no cristianismo, essa crença foi ressignificada na pessoa de Cristo, no Novo Testamento. Sendo assim, de acordo com Oliveira (2006, p. 53), “já nos primórdios do cristianismo alguns grupos, mesmo que considerados pelo cristianismo oficial como hereges, já reconheciam o valor da música como meio de difusão de suas ideias”. Portanto, “o que se deve observar é que já no início da era medieval a eficácia da música na propagação de doutrinas religiosas era reconhecida”. Talvez, por isso, “qualquer história da música [...] começa inevitavelmente com a igreja, pois só esta oferece dados verificáveis em registros precisos” (RAYNOR, 1972, p. 26).

Segundo já explanado na Introdução, Dona Laurita e Seu Dito catalogaram em cadernetas os hinos cantados nos rituais. Na caderneta de Dona Laurita, ao manusear delicadamente as folhas que estão amareladas e frágeis, transparecendo a história e as memórias nelas arraigadas, identifiquei elencados 23 cânticos e exponho, abaixo, a descrição de alguns, considerados mais expressivos pelas rezadeiras e pelos devotos que os solicitam mais frequentemente. Dona Helena diz que, para cantar os hinos,

hoje acompanho ela eu não preciso nem de caderneta. Acompanhando, a gente reza. A do presépio fui aprendendo com ela, com as cadernetinhas. O Seu Dito, marido dela, tirava a cadernetinha para um, uma caderneta para outro, a gente copiava, a gente foi aprendendo. Mas hoje... tem muitas músicas e a gente canta mais pouco, mas tem muito mais. Assim, as músicas são muitas. Um pede uma, outro pede outra. Mas, canta mais as tradicionais (informação verbal)³¹.

Rigorosamente, em todos os rituais, iniciam-se as cerimônias com o primeiro hino catalogado como número 1 nas cadernetas de todos os devotos: *Vinde ó Deus*. Atualmente, as

³¹ Entrevista concedida por: JESUS, Helena Maria de. 39:54 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Leticia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

rezas recebem um agendamento prévio, porém, em décadas anteriores, de acordo com Seu Augusto, era necessária somente a informação de que:

‘Na casa de fulano tem presépio’. Chegava na porta e já cantava: “*Vinde ó Deus*”... E todo mundo [gestos com a mão indicando pessoal entrando na casa]. O pessoal abria a porta, recebia, rezava o terço e... [gestos com a mão indicando indo embora]. Outros, não rezavam nem o terço, só cantava o *Vinde* e cantava mais uns dois hinos... e ia para a casa do outro lá (informação verbal)³².

Vinde ó Deus é o hino que representa a abertura de todos os rituais e, em sua narrativa, expressa a necessidade de os devotos se permitirem a receber as bênçãos das comemorações:

Vinde ó Deus, de toda luz
Santa luz dos corações
Luz nenhuma nos conduz
Sem vós, sem vossos dons

Dai-nos o dom de sabedoria
Que nos inclina ao Santo Amor
Que infunde em nossa alma alegria
Em vos servir ao bom senhor

Para Dona Laurita, o Natal significa “mais aconchego da família, estar mais perto de Deus, estar mais unidos... não que a gente nunca esteja com Deus, mas é que nessa época eu acho que é maior. Que a união da gente com Deus permaneça [emocionada]”. Ao observar as narrativas, em consonância com a melodia, executadas através dos cantos, entende-se que se constituem como símbolos de Natal para uma parte da comunidade pirenopolina. O símbolo, de acordo com Jung (1991), exerce a função de vincular o consciente e o inconsciente, permitindo-se, assim, uma amplificação da consciência, que é encarregada pelos processos criativos, culturais e religiosos. Logo, pode-se observar que, na simbologia dos hinos, essas rezadeiras exploram o sentido invisível nas situações concretas da vida. Ao cantar, essas senhoras exteriorizam as suas almas e discursam sobre a relação da pessoa humana com Deus.

Todo produto psíquico que tiver sido por algum momento a melhor expressão possível de um fato até então desconhecido ou apenas relativamente conhecido pode ser considerado um símbolo se aceitarmos que a expressão pretende designar o que é apenas pressentido e não está ainda claramente consciente... todo fenômeno psicológico é um símbolo, na suposição que enuncie ou signifique algo a mais e algo diferente que escape ao conhecimento atual (JUNG, 1991, p. 488).

³² Entrevista concedida por: VEIGA, Augusto Pereira da. 26:33 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

Ao explicar a dinâmica do enredo litúrgico, Dona Laurita expõe como conheceu as músicas, ouvindo, através de seus familiares: “a minha mãe, a minha tia, o meu bisavô já cantava. Deve ter aprendido com os pais... não sei como surgiu. É daqui de Pirenópolis porque lugar nenhum tem. É daqui, mas ninguém sabe quem fez”. Segundo a rezadeira, algumas músicas são universalmente conhecidas; já outras são, na sua perspectiva, de origem pirenopolina. Explica, ainda, que as letras possuem uma narrativa que orienta a história do nascimento de Jesus e que, portanto, os cantos possuem uma ordem cronológica de apresentação nos cultos e seguem nas cadernetas expostas sob os seguintes números de identificação:

Quadro 3 - Hinos registrados em cadernetas.

Nº exposto na Caderneta	Hino	Tom	De acordo com Dona Laurita, os hinos podem ser apresentados nos cultos nas seguintes datas:
01	Vinde ó Deus	Ré	Abertura de todos os rituais.
02	Meia Noite		Entre os dias 25/12 a 31/12.
03	Para Belém	Ré	Entre os dias 25/12 a 31/12.
04	Jesus Nascido	Ré	Entre os dias 25/12 a 31/12.
05	Circuncisão	Dó	Nos dias 31/12 e 1º/1.
06	Hino Menino Jesus	Lá	Pode ser cantado sempre.
07	Reis Magos	Ré	A partir do dia 1º/1.
08	Dizem que chora	Dó	Pode ser cantado sempre.
09	Ao Menino Jesus	Ré	Retirado do livro de Santa Cecília. Pode ser cantado sempre.
10	Em Belém Nasceu	Dó	Encerramento de todos os rituais.
11	Cantemos	Sol	Domínio público.
12	Róseo	Ré	Retirado do livro de Santa Cecília.
13	Que Noite é Esta	Ré	Entre os dias 25/12 a 31/12.
14	Vinde Cristãos	Ré	Domínio público.
15	Já nasceu	Fá	Retirado do livro de Santa Cecília.
16	Noite Feliz	Lá	Domínio público.

17	Nasceu Jesus	Ré	Domínio público.
18	Glória	Ré	Domínio público.
19	Hino de Natal	Dó	Lembrança de infância de Seu Dito e o seu irmão Apurco de Carvalho.
20	Rosa Jericó	Dó	
21	Lapinha da Mata	Ré	Copiado de um CD apresentado pela irmã da creche das Ordens das irmãs Maria de Deus.
22	Hino ao Presépio		Música de Alaor de Siqueira.
23	Recolher		Somente a partir do dia 05/01.

Figura 36 - Letra do *Hino ao Presépio*, de autoria de Alaor Siqueira.

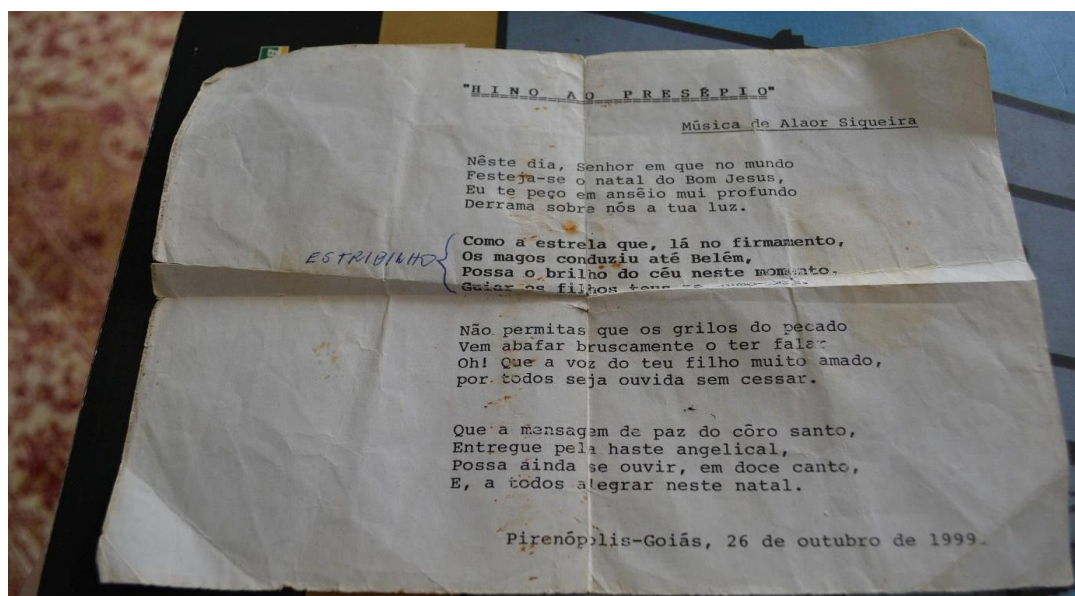


Foto: Letícia Matteucci, jan. 2019.

Hino ao Presépio é um dos cantos que pode ser executado em qualquer cerimônia. Foi escrito pelo compositor e violinista Alaor de Siqueira³³, uma figura famosa e importante da cidade de Pirenópolis. A rezadeira Dona Sebastiana, ao se referir ao cântico, diz que se trata de

³³ Alaor de Siqueira e sua esposa Ita Lopes de Siqueira eram um casal de violinistas e compositores muito conhecido na cidade. Atualmente, a biblioteca da cidade recebe o nome do casal em homenagem à figura cultural da dupla.

“um canto que Alaor fez. Ele é muito bonito, muito bonito de a gente cantar ele. Mas a Laurita não está cantando porque recorda esses velhos que já acabou, entendeu? Mas esse canto é de arrepiar de tão bonito” (informação verbal)³⁴.

Circuncisão é o hino que anuncia a passagem do ano e, portanto, pode ser cantado nos dias 31/12 e 1º/1:

Meu Jesus, por mim nascido
Já por mim quereis sofrer
Já de amor teu peito ardido
Mal podia chamas conter

Já te vejo ensanguentado
Por cruel circuncisão
Já teu sangue derramado
Me anuncia redenção

Hoje quereis meu cordeiro
Vítima te oferecer
De Deus filho verdadeiro

Por um rei satisfazer

Hoje dar-te por minh'alma
A Deus Divino penhor
Hoje teu sangue proclama
Que és do mundo redentor

Salve sangue precioso
Que nos vais justificar
És do mundo criminoso
Vens a chama apagar

Salve ó fonte de pureza
Que entre nós Deus vem abrir
Que original beleza
Vens as almas restituir

Para se compreender o sentido do sofrimento do Menino Jesus narrado na canção acima, é preciso, primeiramente, compreender o significado do termo “circuncisão”. Trata-se, no entanto, de uma expressão originária do latim *circumcidere*, que quer dizer “cortar em volta”.

³⁴ Entrevista concedida por: AMORIM, Sebastiana Inácia da. 35:56 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

Enquanto prática religiosa explícita na Bíblia Sagrada, a circuncisão simboliza, no livro de Gênesis, a aliança de Deus com Abraão, que se oficializou da seguinte maneira:

Esta é a minha aliança que deveis observar entre mim e vós e tua descendência futura: circuncidai todos os homens de vosso meio. Circundareis a carne do prepúcio: esse será o sinal de aliança entre mim e vós. No oitavo dia do nascimento todos os meninos serão circuncidados, em cada geração, mesmo os filhos dos escravos nascidos em casa ou comprados de algum estrangeiro, não pertencentes a tua raça. Seja circuncidado tanto o escravo nascido em casa como comprado a dinheiro. Assim trareis em vossa carne o sinal de minha aliança sempre. O circunciso, porém, que não circuncidar a carne de seu prepúcio, seja extirpado do povo, porque rompeu a aliança (BÍBLIA SAGRADA, Gn 17:10-14, 1982, p. 43).

Sendo assim, como ordenado na citação bíblica acima, é mencionado somente no evangelho de Lucas que: “completados que foram os oito dias para a circuncisão do menino, foi-lhe imposto o nome de Jesus, como o havia chamado o anjo, antes de ser concebido no seio materno” (BÍBLIA SAGRADA, Lc 2:21, 1982, p. 1239).

Ao tratar a circuncisão como significação social, Arnold Van Gennep (2011, p. 75) expõe que, através dessas práticas da mutilação, promove-se a alteração da personalidade do indivíduo de maneira visível a todos. O objetivo é retirá-lo da massa comum e, assim, levá-lo a se incorporar permanentemente a um grupo específico por meio de características fixas. Destarte, o ritual de circuncisão se relaciona tanto à pessoa quanto ao grupo participante e, portanto, perante a ótica antropológica, solidifica a identidade de uma comunidade religiosa ou social. O autor ainda observa que a circuncisão judaica se trata de uma aliança, uma inclusão a um grupo de fiéis.

Desse modo, o hino na tradição de Cantos de Presépios pode representar a união desse grupo religioso que também renova a ligação com a sua divindade. Além de explicar a dinâmica da tradição e esclarecer sobre os hinos, Dona Laurita relembra a juventude e conta:

As famílias eram todas pequenas, não tinha diversão. Todo mundo vinha esperar meia-noite na porta da Igreja do Nosso Senhor do Bonfim. Era despedir do ano que passou e agradecer, pedir um ano novo feliz, com saúde e paz. Então vinha todo mundo. Abria a Igreja, tocava o sino, eram muitos fogos, muito... e a gente cantava *Meia Noite e Circuncisão*. E na missa do dia primeiro também. A gente cantava essas mesmas músicas. A missa era toda cantada com os hinos do Menino Jesus. Depois o povo foi deixando, foi tudo mudando (informação verbal)³⁵.

De acordo com Jung (1991, p. 258), a influência de um símbolo é intrigante, pois há uma grande carga energética que se manifesta através de uma tensão afetiva, na qual “o símbolo

³⁵ Entrevista concedida por: VEIGA, Laurita Vitoriano. 57:34 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

estimula todos os conteúdos reprimidos e não reconhecidos”. Ao descrever sobre a importância dos cultos, Dona Laurita afirma que “tem família que é maravilhoso você rezar [*emocionada*] nas casas deles. A família toda está ali unida e com fé, você vê que eles têm fé”. O símbolo, segundo Jung (1991), abrange as circunstâncias individuais e coletiva, histórica e universal dos processos psíquicos. As criações simbólicas, ou seja, as manifestações do inconsciente para a consciência acontecem através de fantasias, devaneios, expressões culturais, sonhos, entre outros. A tradição dos Cantos de Presépios, na fala de Dona Laurita, “significa tudo, a minha fé, que toda a vida Deus está com a gente. Mas nessa época, a gente está com a imagem dele ali, você não pensa nem em esquecer que Deus está com você, está na sua casa. E a gente, é um tempo que se dedica mais nas orações”.

A essência do símbolo consiste em apresentar uma situação que não é totalmente compreensível em si e só aponta intuitivamente para seu possível significado. A criação de um símbolo não é um *processo* racional, pois este não poderia gerar uma imagem que apresentasse um conteúdo, no fundo, incompreensível. A compreensão do símbolo exige uma certa intuição que capta, aproximadamente, o sentido desse símbolo criado e o incorpora na consciência (JUNG, 1991, p. 110-111).

Figura 37 - Caderneta escrita por Seu Dito para Dona Narcisa, em outubro de 1998.

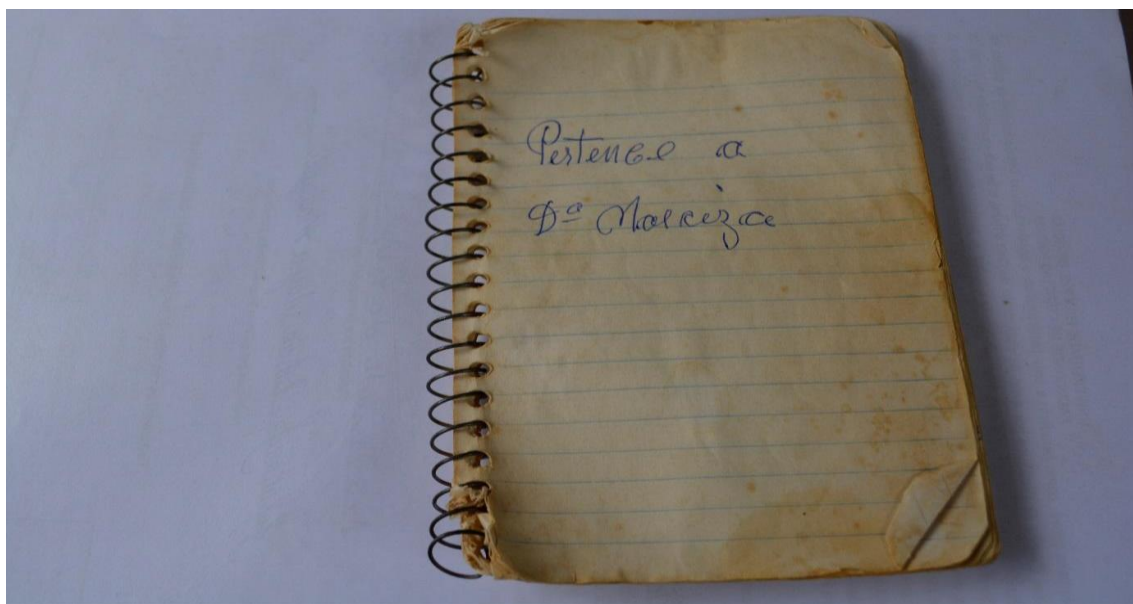


Foto: Letícia Matteucci, 2019.

Para Adriana Fernandes *et al.* (2008, p. 155), “as experiências musicais constituem eventos que conjugam as sensibilidades do indivíduo e da coletividade, compondo um tecido social denso de significados”. Perguntou-se à Dona Narcisa se ela tem um cântico preferido, e ela diz que: “tem umas que eu gosto mais. Eu canto todas, mas tem umas que gosto mais”.

Martine Segalen (2002, p. 59) diz que “muitas vezes o rito não está mais lá, na medida em que o grupo reunido não é mais uma ‘coletividade’ que participa de uma emoção comum”, mas uma lembrança que permanece viva diante das emoções. Desta forma, pode-se observar o rito vivo na memória da rezadeira, ao complementar:

Aquela: Já nasceu o Menino Deus, vinde cantar vinde vós pastores. Já nasceu o Menino Deus, celebremos o seu louvor.... Essa, eu gosto dela e me lembro do finado Pompeu [Pompeu Christovam de Pina, festeiro e folclorista, muito popular na cidade]. Ele cantava ela se balançando assim [remexendo, rindo] mas eu achava graça [gargalhando] (informação verbal)³⁶.

Para Belém é um dos hinos mais pedidos durante as cerimônias. O canto narra a peregrinação de Maria e José em busca de um local seguro:

Para Belém partiu Maria
Confiada em Deus justo
Para o seu nome alistar
Como manda a Lei de Augusto

Em procura logo vai
A Virgem Imaculada
De algum lugar que lhe sirva
De pronto abrigo e pousada

Imenso povo que então
A cidade concorria
Ocupado já estava
As estalagens que havia

Nenhum recurso Maria
José podendo achar
Abrigaram-se num presépio
Para a noite ali passar

Completo os nove meses
Nasceu o infante Sagrado
Deixando o ventre da Virgem
Puro e sempre imaculado

Oh! Noite, ditosa noite
Do Natal do Salvador
Nela dos anjos se escutam
Hinos de Glória e Louvor

³⁶ Entrevista concedida por: CUNHA, Narcisa Pereira da. 44:50 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

Apenas Maria tem
 Um lençol para enfaixá-lo
 Mas não tem um pobre berço
 Onde possa recliná-lo

Meia Noite narra sobre a humildade e a simplicidade do nascimento de Jesus:

Meia Noite já é dada
 Prazer santo respiramos
 Em honra do filho da Virgem
 Alegres hinos cantemos

Nasceu nosso Redentor
 Nosso suspirado bem
 Em uma rochosa lapa
 Na cidade de Belém

Sofrendo o rigor do frio
 Em braços maternos
 Depois numa manjedoura
 Bafejando de animais

Ó Deus de imensa grandeza
 De poder e majestade
 Reclinado em um presépio
 Dando o exemplo de humildade

Em Belém Nasceu narra o nascimento de Jesus, demonstra o anúncio Dele como Salvador e indica o encerramento de todas as celebrações:

Em Belém Nasceu
 Entre os pastores
 O grande messias
 Senhor dos Senhores

Pois tem um presépio
 O verbo divino
 Nos braços da Virgem
 Jaz o Deus Menino

Na gruta, nascido
 Entre os animais
 O filho de Deus
 Bendito sejais

Meu infante

Meu menino
Sois dos anjos
Doce mimo

Figura 38 - Letra escrita por Seu Dito, em outubro de 1986.

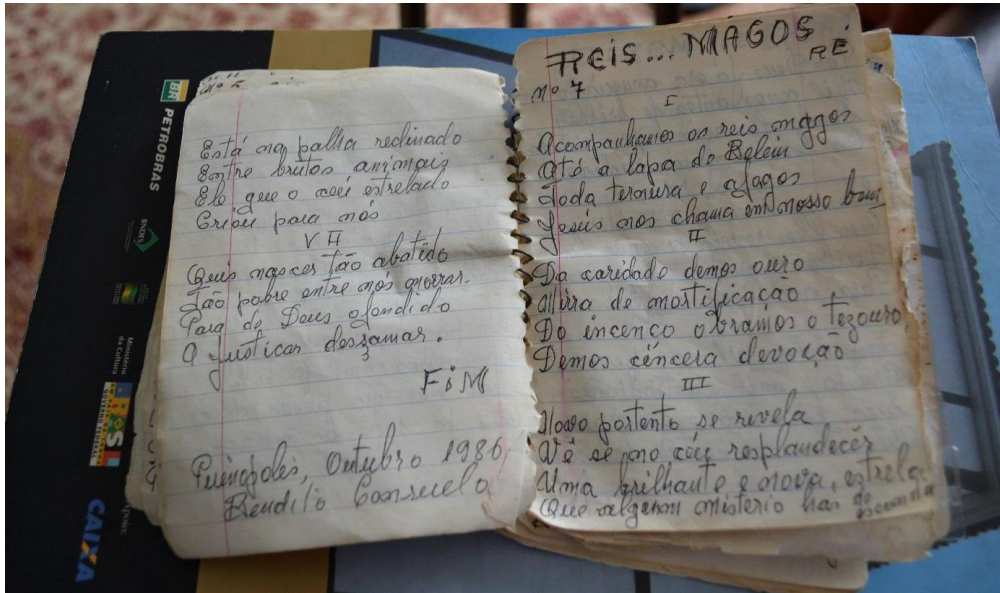


Foto: Letícia Mateucci, jan. 2019.

Porém, a partir do dia 5 de janeiro, todas as cerimônias se encerram com o hino *Recolher*:

Vamos meu Jesus
Vamos recolher
Também mostrar milagre
Do vosso grande poder

Do vosso grande poder
Com muita alegria
Deixai por nossa mãe
A virgem Santa Maria

Ao som do canto, todos os devotos – e, no fim, as rezadeiras – se aproximam do presépio e se despedem tocando os pés da imagem do Menino Jesus. Em seguida, se ajoelham e fazem o sinal da cruz, um gesto que representa a recolhida do presépio e das celebrações até o próximo ano.

3 PERFORMANCE CULTURAL RELIGIOSA

É impossível chegar a um sujeito, a não ser que seja pelas suas próprias posições culturais.

(SCHECHNER, 2006, p. 33).

Neste capítulo, a intenção é buscar diálogos com autores sobre performances (especialmente Van Gennep, Schechner e Turner), religiosidade (Carl Jung e Joseph Campbell) e tradição, para promover uma análise acerca dos rituais dos Cantos de Presépios. Pretende-se debater a prática da celebração religiosa da coletividade pirenopolina. Por meio das memórias das rezadeiras, dos devotos e das fotografias, pretendo exemplificar, amparada nas referências teóricas para entender a comunidade de Pirenópolis, suas transformações e suas identidades.

Tendo em vista a extensão de conceitos em Performances Culturais, pretendo, nesta parte do trabalho, dialogar especialmente com Richard Schechner (1994; 2006; 2012), Victor Turner (1974; 2005; 2015), Arnold Van Gennep (2011) e, em algumas ocasiões, com outros autores que possam vir a enriquecer a discussão, proporcionando melhor compreensão sobre o tema.

Figura 39 - Cerimônia do ritual dos Cantos de Presépios na casa do Seu Rafael.



Foto: Letícia Matteucci, 2 jan. 2019.

Preliminarmente, antes de se iniciar a discussão, é importante trazer o entendimento de Richard Schechner (2006, p. 31) sobre performance, ao defender que esta “acontece enquanto ação, interação e relação [...] A performance não está “em” nada, mas “entre”. Em segundo, a fim de compreender a análise que será tratada, a seguir, sobre a definição de ritual, apresento Claude Lévis-Strauss (1958), que ressalta a importância de se apontar as diferenças entre mito e rito. Enquanto o mito trata dos “dizeres da palavra”, o rito se refere ao “modo como são ditas”, ou seja, o ritual é a ação do mito. Neste sentido:

Alguns vêem em cada mito a projeção ideológica de um rito, destinada a fundamentá-lo. Outros invertem a relação, tratando o rito como uma espécie de ilustração do mito, na forma de uma encenação. Em ambos os casos postula-se, entre mito e rito, uma correspondência ordenada, ou seja, uma homologia; quer se atribua a um ou a outro o papel de origem ou de reflexo, o mito e o rito se reproduzem entre si, um no plano da ação, o outro no das noções (LÉVIS-STRAUSS, 1958, p. 249).

Victor Turner (2015) define ritual como uma exteriorização religiosa que, por meio de reproduções simbólicas, ocasiona um estado liminar dos indivíduos que representa o momento de pausa da realidade cotidiana. “As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial” (TURNER, 1974, p.117). O ritual é, então, encarado como uma performance passível de transformação e revelação dos pontos centrais em relação ao processo cultural de uma comunidade. Aproximando-se da definição de ritual de Turner (1974), em sua obra *Environmental Theatre*, ao destacar o momento da realização do espetáculo como um tempo deslocado da realidade, Richard Schechner (1994) explica:

To find examples of the continuous systematic exchange of space between performers and spectators we must look into ethnographic reports of ritual. There, two circumstances deserve attention. First, the performing group is sometimes the entire population of a village. [...] Secondly, these performances are not isolated ‘shows’ but part of on going cycles that may extended for months or longer. [...] The ritual performances are an integral part of community life, knitted into the ecology of the society (SCHECHNER, 1994, p. XXVII).

Para encontrar exemplos de mudança contínua e sistemática do espaço entre intérpretes e espectadores nós devemos olhar para os relatos etnográficos dos rituais. Existem duas circunstâncias que merecem atenção. Primeira, o grupo envolvido na performance às vezes é constituído por toda a vila. [...] Em segundo, estas performances não são ‘apresentações’ isoladas, mas como parte de ciclos contínuo que podem se estender por meses ou mais. [...] A performance ritual é uma parte integrante da vida da comunidade, entrelaçada no ecossistema da sociedade³⁷ (SCHECHNER, 1994, p. XXVII).

³⁷ Tradução livre: Letícia Wayne Matteucci.

Antes de se aprofundar na liminaridade, é importante esclarecer que Arnold Van Gennep (2011, p. 30), em sua teoria, analisa a organização dos rituais de passagem, em que os indivíduos percorrem de um estado a outro, passando por uma sequência sistematizada que “admite em teoria ritos *preliminares* (separação), *liminares* (margem) e *pós-liminares* (agregação)”.

Segundo Van Gennep (2011), a separação, compreendida como a primeira fase, é quando o grupo ou os indivíduos são afastados da estrutura social à qual pertencem; a margem ou liminar é a segunda fase, quando o indivíduo vive um processo de ambiguidade e está submisso às novas formas sociais; no momento da agregação, a terceira fase, o indivíduo é devolvido à sua estrutura de origem, porém, é transformado na sociedade.

Acompanhando as comemorações dos rituais dos Cantos de Presépios, sob o ponto de vista da pesquisadora, o momento de separação pode ser estabelecido pela separação física das rezadeiras e dos devotos do restante da sociedade no momento das cerimônias. Neste instante, todos mentalizam e se concentram para o início da celebração, adornando-se com a presença simbólica do presépio, das suas cadernetas e dos terços. Van Gennep (2011, p. 16) enxerga “o mundo social como um ato de deslocar-se no tempo e no espaço”, no qual o sagrado e o profano são vistos “como cerne da raiz do próprio mundo social”. Ao se subordinarem aos cultos, os devotos, sob a autoridade de Dona Laurita, agradecem as graças recebidas e pedem remissão de culpas e pecados do ano que passou. As rezadeiras têm como símbolo o apagamento de uma fase anterior para dar início a um novo ciclo de vivências. O profano fica no passado, e o espaço ritualístico coloca em cena o sagrado e profetiza um futuro abençoado.

(é muito mais que simplesmente uma questão de entrar num templo – deve haver também um rito que mude a qualidade do tempo ou construa um âmbito cultural que é definido como “fora do tempo”, ou seja, além ou exterior ao tempo que mede os processos e as rotinas seculares). Isso inclui o comportamento simbólico, especialmente os símbolos de reversão ou inversão das coisas, dos relacionamentos e dos processos seculares. Esse comportamento simbólico representa o desligamento dos sujeitos rituais de seus status sociais anteriores (TURNER, 2015, p. 30-31).

Dona Laurita, idosa humilde, com o terço enlaçado na palma da mão esquerda, enrugada pelos longos anos octogenários de passadeira e bordadeira e com a caderneta envolta pela mão direita, em silêncio se levanta, ajusta a saia e, a passos lentos, se dirige à frente de todos, inclusive da juvenil elite da cidade. Diante do presépio, aquece a voz aguda e inicia o ritual: “Vinde ó Deus, de tanta luz...”. A partir deste momento, para ela, dá-se início ao momento de margem.

Figura 40 - Dona Narcisa e Dona Laurita.



Foto: Letícia Matteucci, 2 jan. 2019.

O processo do ritual, de acordo com Van Gennep (2011), se sobressai pela fase intermediária de transição, chamada de margem ou limiar, que reproduz aspectos simbólicos característicos. É o momento em que, como já dito, ocorre um distanciamento do indivíduo ou do grupo da estrutura social em que vive, aproximando-o de uma antiestrutura. Logo, “os sujeitos rituais passam por um período e por uma área de ambiguidade, uma espécie de limbo social que tem poucos dos atributos dos status sociais ou estados culturais precedentes ou subsequentes” (TURNER, 2015, p. 31).

Um idoso ativo é, em sua essência, um ser subversivo, uma vez que contraria a ideia majoritária de que pessoas de idade avançada estão relacionadas ao descanso e à aposentadoria de ofícios. Da mesma maneira, a fase de liminaridade em um ritual é um momento de subversão da ordem, uma vez que “pode envolver uma sequência complexa de episódios no espaço-tempo sagrado, e pode também incluir eventos subversivos ou lúdicos” (TURNER, 2015, p. 35). Neste sentido, pode-se observar que as rezadeiras, mulheres idosas de origem pobre e humilde, durante as celebrações dos rituais e execuções dos hinos, pedindo graças e bênçãos, se colocam em posição de destaque e poder em relação aos mais jovens e à elite pirenopolina.

A liminaridade se faz presente nos rituais dos Cantos de Presépios assim que se executa a vocalização do cântico inicial. Neste período, Dona Laurita já se encontra em um estado liminar e atrai as colegas de cura e seus devotos para um estado simbólico de remissão, misericórdia e absolvição. É nesta fase que as rezadeiras – em posição de evidência – e seus devotos intencionam bênçãos e dádivas. Durante a execução da reza do terço, das ladainhas e dos hinos subsequentes, acontecem as transições, momento em que os anfitriões das rezas são levados a um estado alusivo “de uniformidade, invisibilidade estrutural e anonimato” (TURNER, 2015, p. 34).

Turner (1974, p. 126) menciona que “na liminaridade o subordinado torna-se o predominante”, uma característica chamada de “rito de inversão de status” (1974, p. 203). Sendo assim, no momento das ritualizações dos Cantos de Presépios, pode-se verificar que ocorre uma ruptura da estrutura social vigente. É nesta fase de liminaridade que se pode gerar, nessas pessoas, a percepção de *communitas*, o sentimento de pertencimento a um grupo e a um mundo em especial:

A *communitas* é um relacionamento não-estruturado que muitas vezes se desenvolve entre liminares. É um relacionamento entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos. Esses indivíduos não estão segmentados em funções e status, mas encaram-se como seres humanos totais (TURNER, 1974, p. 05).

Schechner (2012) define *communitas* como:

um sentimento de solidariedade de grupo, normalmente de curta duração, gerada durante o ritual. Conforme Victor Turner, *communitas* está envolvida em diversidades várias. *Communitas* normativa é a apresentação seca e insensível de solidariedade do grupo. *Communitas* espontânea é uma sincera transmissão de calor humano para outros no grupo (SCHECHNER, 2012, p. 68).

Ao retratar a tradição, as rezadeiras invocam as suas memórias para representar as celebrações artísticas e formar uma *communitas*, pois, é durante os rituais que, segundo Schechner (2012, p. 68), as pessoas “estão livres das demandas da vida diária. Elas sentem um no outro como um de seus camaradas e toda diferença pessoal e social é apagada”. Sendo assim, é durante as celebrações que as rezadeiras externam suas resistências enquanto mulheres idosas ativas, produtoras culturais e, através de suas memórias, mantêm a tradição que está a caminho do esquecimento.

Na terceira e última fase, de acordo com Turner (2015, p. 31), “inclui fenômenos e ações simbólicos que representam o retorno dos sujeitos a sua nova, relativamente estável e bem definida posição na sociedade como um todo”. Nos rituais dos Cantos de Presépios, é o

momento em que todos, no fim das celebrações, adquirem um “poder sagrado” e graças para o novo estágio que se inicia, de forma que são levados a imersões simbólicas de renascimento para uma nova fase da vida. Suas posições sociais, agora mais fortalecidas por uma força divina, são reestabelecidas e consagradas durante as confraternizações. Por meio dos lanches de agradecimento, o anfitrião, de volta à sua posição de destaque, celebra sua nova condição de poderio e agradece as graças ofertadas pelas rezadeiras durante os rituais, oferecendo-lhes quitandas e bebidas.

Figura 41 - Dona Laurita em destaque durante ritual.



Foto: Letícia Matteucci, dez. 2018.

Figura 42 - Registro fílmico dos rituais.



Foto: Letícia Matteucci, 25 dez. 2018.

Sobre os rituais, Peirano (2002) entende que:

são tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já recortados em termos nativos. Em outras palavras, tanto eventos ordinários, quanto eventos críticos e rituais partilham de uma natureza similar, mas os últimos são mais estáveis, há uma ordem que os estrutura, um sentido de acontecimento cujo propósito é coletivo, e uma percepção de que eles são diferentes. Eventos no geral são por princípio mais vulneráveis ao acaso e ao imponderável, mas não totalmente desprovidos de estrutura a propósito se olhar do observador foi previamente treinado nos rituais (PEIRANO, 2002, p. 09).

Nesse sentido, se os rituais são tipos especiais de eventos, o autor ressalta que não cabe ao pesquisador determinar o que é especial, mas reconhecer de maneira sensível e olhar treinado o que será singular e extraordinário para os nativos. Destarte, vale expressar a importância de Dona Laurita e o significado dos Cantos de Presépios enquanto eventos especiais para a comunidade pirenopolina.

3.1 TRADIÇÃO DE FÉ

É uma tradição que a gente tem. A gente não vai falar que é tudo fé não. É mais tradição mesmo. Vem a fé também, a gente não deixa de ter ela (SEU AUGUSTO).

Como já visto, as celebrações dos Cantos de Presépios são um ritual performático religioso que, através de presépios, hinos, cadernetas e orações, exprimem sua simbologia de renovação da fé, agradecimentos e pedidos de graças. Assim, mobilizam as rezadeiras do Alto do Bonfim e parte da comunidade pirenopolina por meio de ciclos anuais que se iniciam e se encerram com as comemorações natalinas. Durante a ritualização da cerimônia, devotos e rezadeiras realizam a experiência que desencadeia memórias que permitem aproximar o passado do presente e ativam sensações que, de acordo com Turner:

Essas experiências que interrompem o comportamento rotinizado e repetitivo – do qual elas irrompem –, iniciam-se com choques de dor ou prazer. Tais choques são evocativos: eles invocam precedentes e semelhanças de um passado consciente ou inconsciente – porque o incomum tem suas tradições, assim como o comum. Então, as emoções de experiências passadas dão cor às imagens e esboços revividos pelo choque no presente. Em seguida ocorre uma necessidade ansiosa de encontrar significado naquilo que se apresentou de modo desconcertante, seja através da dor ou do prazer, e que converteu a mera experiência em *uma* experiência. Tudo isso acontece quando tentamos juntar passado e presente (TURNER, 2005, p. 179).

Assim sendo, compreende-se que os rituais dos Cantos de Presépios são meios de conservação da lembrança. Por meio das rezadeiras e de seus devotos, mantém-se viva a memória de parte da comunidade religiosa pirenopolina. Agora que as performances já foram exploradas, é importante considerar que a tradição se relaciona diretamente com a memória e se conecta à existência do passado, uma vez que é necessária a sua transmissão para que se permaneça na atualidade. Nas culturas tradicionais, como é o exemplo da comunidade pirenopolina, de acordo com Anthony Giddens (1991, p. 31), “o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações”. Neste sentido, o autor define a tradição como:

um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores

temporais e espaciais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa (GIDDENS, 1991, p. 31).

Logo, entende-se que os rituais dos Cantos de Presépios que envolvem as tradições religiosas de Pirenópolis são um meio de condução à preservação da memória da comunidade e reforçam a união de seus integrantes. Além disso, segundo Anthony Giddens (1997, p. 100), “a tradição é impensável sem guardiões, porque estes têm um acesso privilegiado à verdade; a verdade não pode ser demonstrada, salvo na medida em que se manifesta nas interpretações e práticas dos guardiões”. Na comunidade pirenopolina, é Dona Laurita que se apresenta como cuidadora e propulsora das rezas de presépios, visto que aprendeu os hinos e os rituais através de seus antepassados. Ao se referir à rezadeira e à prática dos cantos, Dona Helena, em seu depoimento, afirma:

É porque eu conheci com ela. E, desde menina que ela rezava com a mãe dela. Ia para a reza com a mãe. E tem que falar com a Laurita, inclusive. O povo liga para ela, só para ela: “junta a turma”, e ela que liga para nós. Então, tudo tem uma chefe, não tem? Eu considero ela como a nossa chefe. Nós sozinhas nessas vozes mais fraca... a gente reza também, eu mais a Narcisa. Mas sem ela parece que... parece que com ela a gente sente mais firmeza. Não sei por que... (informação verbal)³⁸.

Essa ideia é compartilhada também por Dona Sebastiana durante a entrevista:

A gente vai porque a gente acompanha... A Dona Laurita para mim, ela é uma chefe. Eu acho que a idade da Narcisa sobre a da Dona Laurita, a Dona Narcisa segue tudo o que a Dona Laurita pede. Se a Laurita falou não, não! Então nós seguimos ela. Ela é a nossa chefe, ela é a nossa cabeça. Nós seguimos ela. Se ela achar que é... que vale a pena ir, a gente vai. E se achar que não vale a pena, não a gente fala: “tem compromisso, a gente não vai”. Mas nós seguimos ela (informação verbal)³⁹.

Segundo Caroline Kraus Luvizotto (2010, p. 99), “para que a tradição seja transmitida e sua verdade formular seja passada aos membros da comunidade é necessário que haja um intérprete, o guardião da tradição”. Sendo assim, Dona Laurita possui um papel de liderança e de acesso privilegiado aos ensinamentos dessas crenças, sendo uma visão compreendida e compartilhada entre as integrantes do grupo e pela comunidade que celebra os rituais. Ao solenizar os hinos e verbalizar suas lembranças, as rezadeiras vão de encontro ao entendimento de Salete Kozel e Lucileyde Feitosa Sousa (2013, p. 45), ao dizerem que “a transmissão da cultura se dá pela linguagem, pois cada ator social vivencia a sua cultura de uma maneira

³⁸ Entrevista concedida por: JESUS, Helena Maria de. 39:54 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

³⁹ Entrevista concedida por: AMORIM, Sebastiana Inácia da. 35:56 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

singular, considerando aspectos relevantes de sua existência”. É uma tradição vivenciada por mais de três gerações, aprendida pelos antecedentes de Dona Laurita e que remete a Paul Claval (2002, p.145), ao defender que a “dinâmica da cultura depende de crenças, convicções e comportamentos que são adquiridos”. Ao se observar a relação das rezadeiras com os rituais celebrados no Natal e seu significado e importância em manter suas memórias, nota-se que “a cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material. Ela permite sua inserção no tecido social. Dá uma significação à sua existência e a dos seres que o circundam e formam a sociedade da qual se sente membro” (CLAVALL, 2007, p. 89).

No entendimento de Durkheim (1996), o homem dispõe em si de uma natureza que é religiosa e ligada ao sobrenatural, ao mistério e ao mundo incompreensível. É neste mundo que se percebem os fenômenos religiosos que o autor classifica em duas categorias: crenças e ritos. “As primeiras são estados da opinião, consistem em representações; os segundos são modos de ação determinados. Entre esses dois tipos de fatos há exatamente a diferença que separa o pensamento do movimento” (DURKHEIM, 1996, p. 19). Deste modo, as crenças podem ser compreendidas como maneiras de refletir e significar o mundo, formas de fixar as ideias em relação às coisas e aos valores. O rito, no entanto, é um modelo particular de ação específica que se diferencia das demais.

Os ritos só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas, notadamente das práticas morais, pela natureza especial de seu objeto. Com efeito, uma regra moral, assim como um rito, nos prescreve maneira de agir, mas que se dirigem a objetos de um gênero diferente. Portanto, é o objeto do rito que precisaríamos caracterizar para podermos caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto se exprime. Assim, só se pode definir o rito após se ter definido crença (DURKHEIM, 1996, p. 19).

De acordo com Jung (1978), o termo religião “designa a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso” (1978, p. 10). Segundo, ainda, a interpretação do autor (1978, p. 6), “o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade [...] pode ser a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência”. A tradição dos Cantos de Presépios, por exemplo, consiste na materialização, por meio da celebração e narrativa, do nascimento do Menino Jesus, que é um relato bíblico, mítico e, no período natalino, se “reafirma” por católicos mais fiéis, através da montagem do presépio e de suas imagens repletas de significados e simbolismo.

Já a religiosidade é uma capacidade natural do homem, enquanto a religião é um comportamento da mente que faz uso do ritual para consolidar uma crença e materializar o que

é numinoso. Em sua obra *Tipo Psicológicos*, Jung (1991) mostra um entendimento sobre a interpretação psicológica da manifestação religiosa, que é o arquétipo, por ele assim conceituado:

São ideias *ante rem* [antes da coisa], condições formais, linhas básicas traçadas *a priori* que dão à matéria da experiência uma configuração específica de modo que possamos entendê-las, a modo das ideias de Platão, como imagens, espécie de esquemas ou possibilidades funcionais herdadas que, no entanto, excluem outras possibilidades ou, ao menos, limitam-nas em alto grau (JUNG, 1991, p. 52).

Na teoria de Jung (1991), o arquétipo é uma condição da estrutura do inconsciente – da mesma maneira que o instinto – e é, portanto, inacessível ao consciente. Ou seja, entende-se os arquétipos como unidades estruturais intuitivas de todo o processo psíquico. A religiosidade, assim, pode ser compreendida como o efeito de natureza envolvente e irresistível que o numinoso determina à consciência. Neste aspecto, é possível reconhecer uma emoção íntima envolvente e cativante gerada pelas comemorações de Natal e comum a todos que vivem numa sociedade culturalmente cristã, mesmo àqueles que não acreditam em uma crença religiosa. Porém, este sentimento intrínseco parece mais singelo, familiar e sensível às rezadeiras e aos devotos durante as celebrações do ritual dos Cantos de Presépios.

Figura 43 - Cerimônia do ritual dos Cantos de Presépios na casa da Dona Deusdete.



Foto: Letícia Matteucci, 4 jan. 2019.

Esses rituais resistem como uma manifestação viva integrante da cultura pirenopolina e são definidos por expressões religiosas singulares, apresentando atribuições de sentidos concedidos pelo grupo que criam e recriam através de cada celebração. As rezadeiras e os devotos são elementos característicos dos rituais praticados em um ambiente próprio, uma vez que, segundo Marc Augé (1994, p. 73), “um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico”. Assim, essa comunidade, no momento dos rituais, reafirma suas identidades e pertencimento a um determinado espaço e tempo.

Nota-se, no capítulo anterior, que não há fundamentos racionais nas cerimônias da tradição, mas sim de significados e importância para os integrantes que as celebram. Na concepção de Michel de Certeau (1995, p. 25), “para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais, é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aqueles que as realizam”.

Ao se representar anualmente os rituais que se têm perpetuado por mais de três gerações na família Veiga, as rezadeiras parecem ser invadidas por sensações que, na explicação de Turner (2005, p. 179): “é somente quando relacionamos a preocupante experiência atual com os resultados cumulativos de experiências passadas – se não semelhantes, pelo menos relevantes e de potência correspondente – que emerge o tipo de estrutura relacional chamada ‘significado’”.

Joseph Campbell (1990, p. 14) defende que todos estão buscando “uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntima, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos”. Jung (1979) explica que, para que o indivíduo se torne inteiro, é preciso que ele atravesse o confronto entre o consciente e o inconsciente. Neste sentido, o ego é o centro da atividade consciente, e o *self* é o que pode ser definido como um princípio de orientação íntima. O autor complementa:

Visto que o homem só se percebe a si próprio como um ego, e o *self* como totalidade, é algo indescritível, não se distinguindo de uma imagem de Deus, a auto-regulação não é outra coisa em linguagem metafísica e religiosa, do que a encarnação divina [...] (JUNG, 1979, p. 63).

Nessa perspectiva, os hinos da tradição dos Cantos de Presépios, entoados pelas rezadeiras e pelos devotos, exteriorizam, em suas narrativas, a conexão entre Deus e a comunidade que celebra os rituais. Na teoria de Jung (2000), a reprodução de uma divindade não representa, em sua totalidade, o inconsciente, mas, sim, com a parte “soberana” do

inconsciente denominada *self*, na qual a imagem de um deus significa uma reprodução de si mesmo. Sendo assim, a divindade, por meio da psique, produz e interfere nas ações dessas rezadeiras e devotos. Ao relatar a importância da montagem do presépio em sua casa, Dona Narcisa expõe sobre a sua identificação pessoal que a aproxima da história do nascimento de Jesus:

Ele nasceu numa manjedoura, manejado [sic] de animais, ele é pobre. Então eu acho muito importante, porque eu sou pobre não das graças de Deus, mas ele me dá força, para mim e para minha família, que a luta que eu vivo nela. Então eu tenho prazer de... enquanto vida eu tiver, armar assim todo ano (informação verbal)⁴⁰.

Em seu depoimento, bem como no de todas as rezadeiras durante os rituais, no *self* se projetam a divindade, o Deus de sua crença e seu deus interior. O que acalenta Dona Narcisa, levando-a a se identificar com a condição humilde de Jesus, é narrado através dos hinos cantados durante as cerimônias, que expressam o que Jung (1979) descreveu como as propriedades de um herói mítico: sua origem inverossímil, as ameaças que envolveram o seu nascimento e, por fim, a sua salvação. De acordo com Jung (1979, p. 63), “o sofrimento do homem e o sofrimento de Deus formam uma complementariedade, da qual resulta um efeito compensador: graças ao símbolo, o homem pode conhecer o verdadeiro sentido de seu sofrimento”. As rezadeiras e os devotos se sentem protegidos por meio dessa relação simbólica com o ritual, em que se conectam com o sagrado e o transcendente.

Ao se reunirem para celebrar os rituais, as rezadeiras e os devotos vão ao encontro de suas memórias. Através das celebrações, dos depoimentos e diálogos informais – que em alguns momentos estavam nutridos por sentimentos – aos quais tive acesso, incluí a impressão de que esses indivíduos se conectam com os seus sonhos, ao mesmo tempo em que procuram aperfeiçoar a vida acessando significados íntimos. Desta maneira, a tradição dos Cantos de Presépios, a meu ver, promove nessas pessoas inúmeras sensações, como êxtase religioso, nostalgia, encanto, elevação, enleio, entre outras emoções.

⁴⁰ Entrevista concedida por: CUNHA, Narcisa Pereira da. 44:50 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

4 REMEMORANDO

Ah, eu fico muito triste porque é uma coisa muito bonita, é uma coisa que... eu já me entendia por gente já ouvindo esses cantos. Eu fico muito triste porque... mesmo sendo uma coisa boa para a cidade. É uma coisa diferente. Uma coisa boa, uma coisa de devoção, que a gente vai por devoção (DONA LAURITA).

Ah, se acabar? Mas para acabar é só, como nós estamos falando mesmo, se as rezadeiras todas morrerem. Porque já morreu um bocado. Vão saindo. Na hora que morrer, aí vai acabar mesmo (DONA NARCISA).

Eu sinto animada. Acho bom. Sinto assim que a gente ainda é lembrada. Que tem valor para algumas coisas. Eu acho muito bom. Só não vou se não tiver jeito, mas se tiver, eu vou (DONA HELENA).

Não, a minha resposta é essa, enquanto vida nós... nós três que tiver enfrentando, tiver vida, eu acho que a gente vai até mais tempo. Mas a Dona Narcisa já está bem abatida. Se a gente parar, parou! Porque eu acho que eles [jovens] não têm dom [negativa com a cabeça], eu acho que não (DONA SEBASTIANA).

Ah, a gente sente saudade de tudo o que passou daquela época [silêncio; olhar perdido] (SEU AUGUSTO).

No instante das celebrações dos rituais dos Cantos de Presépios, as rezadeiras evocam as suas rememorações para manifestar suas crenças e sua fé e propiciar a manutenção da tradição que está em vias de esquecimento. Ao trazer elementos sobre a memória, como já mencionado anteriormente na “Introdução”, o sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990), em sua obra *A Memória Coletiva*, argumenta que esta não pode apenas ter uma dimensão individual isolada de um grupo social, pois acredita que as lembranças de uma pessoa nunca são apenas suas, ou seja, “a memória individual está permeada pelas experiências que vivemos nos diversos grupos a que pertencemos durante a vida, não importando a sua quantidade de membros, nem implicando na sua presença física no momento do acontecimento” (OLIVEIRA, 2011, p. 158).

Moradoras do bairro Alto do Bonfim, lugar com “características típicas de um bairro popular, de formação espontânea” (ALMEIDA, 2006, p. 50) da cidade de Pirenópolis, é de lá que saem as responsáveis pela tradição dos Cantos de Presépios e suas memórias. São as rezadeiras que contaram sobre as suas histórias, lembranças e seus rituais: Dona Laurita, Dona Narcisa, Dona Helena, Dona Sebastiana e Seu Augusto com a sua esposa Dona Celina.

As memórias, de acordo com Márcia de Oliveira Lupia (2016, p 115), “individuais, coletivas e históricas se interpenetram e se contaminam de maneira a desenhar a representação

da identidade do grupo”. Portanto, a linguagem é um elemento importante, tanto as escritas quanto orais, e até mesmo as imagens, para a formação das memórias. Neste ínterim, o sentimento de pertencimento das rezadeiras tem raízes religiosas nas igrejas, nas cerimônias, nas cadernetas, nos presépios, nos hinos, entre outros.

Constituídos por diversos aspectos e peculiaridades, a urbe e seus espaços são o lugar onde as pessoas "atribuem significados, representações, desejos, sonhos que dão um sentido ao espaço para quem nele habita" (SANTOS, 2007, p. 33). Segundo Kevin Lynch (1960, p. 11), “nada se conhece em si próprio, mas em relação ao seu meio, à recordação de experiências passadas”. Ao contar como começou o contato com a tradição, Dona Laurita visita suas lembranças e narra que:

saía no escuro, porque aqui em cima [*Alto do Bonfim*] não tinha luz. Era só lá no centro até na porta do Bonfim e só, luzinha fraca. Então minha mãe, minha madrinha, saía para rezar... tudo... levava os meninos, não tinha quem olhava, naquele escuro. Tempo de chuva, tudo carregando menino. Menino caindo dentro do buraco (risos), mas... foi assim que aprendi, tive contato (informação verbal)⁴¹.

Participando das lembranças da colega de rito e prima de primeiro grau, Seu Augusto comenta que iniciou nas celebrações desde menino porque, segundo o violeiro, “desde criança que a gente vê a Laurita rezando, cantando os terços. A gente já ficava ali querendo cantar também. Nós aprendemos a cantar no presépio, éramos criança ainda”. Segundo o rezador e violeiro, era na casa do Alto do Bonfim, de Dona Arlinda, que, “desde pequenininho, ficava vendo ela lá no cantinho, ouvindo e querendo cantar também. Depois a gente ficou maiorzinho, de 12 ou 13 anos, nós já íamos lá para a Arlinda escutar e cantar também”. Um indivíduo, segundo Halbwachs (1990, p. 54), “para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade”.

Ao falar da importância dos ambientes para a rememoração das lembranças, Halbwachs (1990) afirma que:

o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aqueles que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar a

⁴¹ Entrevista concedida por: VEIGA, Laurita Vitoriano. 57:34 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Além dos acontecimentos e dos lugares, de acordo com Pollak (1992, p. 201), “a memória é constituída por pessoas, personagens”. São nesses ambientes residenciais que as rezadeiras, juntamente com os devotos, durante os rituais, agradecem, fazem votos e pedem graças para o ano que se inicia. Para alguns é, ainda, um momento para acalmar a tristeza, as dores do espírito ou a falta de entes queridos. Dona Laurita, ao relembrar os espaços e as pessoas do passado, conta com saudades:

As pessoas quanto mais simples, mais fé, mais devoção eles têm. A gente rezava... assim, era muita gente, a gente rezava [inaudível] para lá, aquelas casas, pobrezinha, naquelas casinhas baixinha, você tinha que baixar para passar na porta, mas é coisa mais boa. Rezava em uns presepinhos lá, arrumado, mas o povo parece que tinha aquela fé, aquela devoção, aquela satisfação da gente ir rezar para eles. Então a gente rezava em cada lugar, mas era bom demais (informação verbal)⁴².

Seu Augusto, que acompanhava com o violão, lembra que “o grupo era grande. Alguns ficavam ruim da garganta, mas tinha os outros que ajudavam.... Nós começávamos seis, sete da tarde... da noite”. Dona Helena, ainda compartilhando das lembranças dos colegas de rito, complementa:

Mas nós íamos e voltávamos a pé. Tinha dia que voltava debaixo de chuva. Naquela Rua da Aurora ali até a Rua do Bonfim, nós rezávamos em várias casas. Algumas mulheres já faleceram, mas rezava era muito. Tinha vez que a gente chegava em casa uma hora da manhã, duas horas. De tanta reza que era. Rezava em três, quatro casas. Todo mundo queria as rezas. Mas... (informação verbal)⁴³.

Diante das transformações causadas pelo tempo, a impressão é a de que as memórias do passado vão ficando cada vez mais afastadas. Porém, tem-se nos rituais e em alguns grupos de pessoas a possibilidade de manter viva a transmissão das lembranças que contribuíram para a permanência de suas memórias e a reconstrução de suas identidades. A tradição dos Cantos de Presépios e seus rezadores possuem essa característica, uma vez que revigoram a biografia de seus antepassados e suas recordações. De acordo com Kevin Lynch (1960, p. 11), todo habitante de uma cidade possui com ela inúmeras relações, pois a urbe tem diversas imagens que estão insufladas de lembranças e de significações. Seu Augusto, ao falar da cidade e dos tempos em que a tradição dos Cantos de Presépios movimentava a sua juventude, relembra:

⁴² Ibid. [jan. 2019].

⁴³ Entrevista concedida por: JESUS, Helena Maria de. 39:54 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

Antigamente, nos anos 70, a gente tinha um número de umas dezoito pessoas mais ou menos. [...] Nós começávamos seis, sete da tarde... da noite. Ia tudo a pé. Tudo a pé. Não tinha carro para levar, hoje tem. Então... dezesseis. Eu nunca esqueci desses dezesseis presépios que nós rezamos na noite. Era com chuva ou sem chuva, ia assim mesmo. “*Na casa de fulano tem presépio*”, chegava na porta e já cantava “*Vinde ó Deus*”.... E todo mundo [gestos com a mão indicando pessoal entrando na casa]. O pessoal abria a porta, recebia, rezava o terço e... [gestos com a mão indicando indo embora]. Outros, não rezava nem o terço, só cantava o *Vinde* e cantava mais uns dois hinos e ia para a casa do outro lá (informação verbal)⁴⁴.

Segundo Michael Pollak (1992), a princípio, a memória é um fenômeno íntimo, mas que deve, também, ser compreendida como um fenômeno social. Entretanto, por ser primeiramente, próprio a um indivíduo possui uma repetição contínua dos acontecimentos que leva em consideração a importância que os fatos tiveram para aqueles que a possui, ou seja, “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado” (POLLAK, 1992, p. 203). Portanto, é no particular que se dá o processo de vivacidade das memórias e o que ela “grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (POLLAK, 1992, p. 204).

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Nesse sentido, ocorre a primeira elaboração de uma identidade social, na qual, primeiramente, o indivíduo organiza, constrói e preserva o que para ele é significativo, para, depois o processamento ser repetido, mas com ligação à lembrança adquirida junto ao grupo. Para Maurice Halbwachs (1990), a elaboração da memória está conectada por meio da afeição a um grupo definido, pois a reconstrução da lembrança acontece através de conhecimentos, “dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como nos dos outros, porque eles passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade” (HALBWACHS, 1990, p. 34). Ao falar sobre a construção identitária, Michael Pollak (1992) afirma que:

⁴⁴ Entrevista concedida por: VEIGA, Augusto Pereira da. 26:33 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

Nessa construção da identidade - e aí recorro à literatura da psicologia social, e, em parte, da psicanálise - há três elementos essenciais. Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. De tal modo isso é importante que, se houver forte ruptura desse sentimento de unidade ou de continuidade, podemos observar fenômenos patológicos. Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo (POLLAK, 1992, 204).

Figura 44 - Dona Laurita e Dona Narcisa compartilham o mesmo estilo.



Foto: Letícia Matteucci, jan. 2019.

Segundo Zilá Bernd (2013, p. 43), “o trabalho da memória social viabiliza a sensação de pertença do indivíduo a uma determinada comunidade”. Sendo assim, observa-se, então, que as memórias trazidas dessas rezadeiras se tornam como elementos fundamentais e se constituem como memória coletiva. É por meio da compatibilidade presente na comunicação das memórias de todos os integrantes do ritual que os acontecimentos contribuem para a identificação dessas mulheres como pertencentes ao grupo. Neste sentido, durante o período em que convivi com essas senhoras, no decorrer do trabalho de campo, pude observar as semelhanças entre as

rezadeiras, em especial, à Dona Laurita e Dona Narcisa. Elas compartilham do mesmo estilo de roupa (Figura 39) e de comportamento, tendo, em vários momentos, as mesmas expressões faciais e gesticulares. Ou seja, é por meio da tradição dos Cantos de Presépios que parte da comunidade de Pirenópolis e essas rezadeiras se reconhecem como pertencentes de um grupo cristão e formam sua identidade religiosa.

São os presépios, os rituais, os hinos, as cadernetas e as reuniões das rezadeiras que mantêm as memórias da tradição dos Cantos de Presépios ativas. Além disso, o costume contribui para a formação identitária da maioria da comunidade pirenopolina, que é católica. Porém, não basta ter lembranças e conservá-las privativamente para que se percam com os integrantes do grupo. Atualmente, estes se encontram ameaçados pelo avançar da idade das rezadeiras e, especialmente, pela falta de interesse dos mais jovens e pela dificuldade em recrutar novos interessados. Em consonância com essa perspectiva, Dona Sebastiana relembra o passado e considera que “no grupo da Laurita tinha muito homem para cantar, tinha muita gente naquele tempo. Fazia serenata. Agora morreu, morreu, morreu e, nem as filhas da Laurita não gostam de cantar” (informação verbal)⁴⁵. Assim, de acordo com Halbwachs (1990, p. 80), “quando a memória de uma sequência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajado”, é neste sentido que este trabalho se demonstra necessário e importante. Para que a memória permaneça é preciso que “então o único meio de salvar tais lembranças, é fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (HALBWACHS, 1990, p. 81).

4.1 A IDENTIDADE EM CAMPO ENTRE OS CANTOS

Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, as músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia.

(LONDRES, 2001, p. 69-78).

Ao embarcar na pesquisa da tradição dos Cantos de Presépios, primeiramente foi necessário compreender sobre o perfil da comunidade que seria investigada para que houvesse uma melhor compreensão do grupo que aqui está sendo retratado. Sendo assim, é importante retomar algumas referências já pinceladas na Introdução.

⁴⁵ Entrevista concedida por: AMORIM, Sebastiana Inácia da. 35:56 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

Como já foi considerado, Pirenópolis, dentre outros motivos, é especialmente popular pelas inúmeras festas religiosas que compõem o seu calendário – que é, neste momento, a característica mais relevante para que se possa prosseguir com essa análise. São essas festividades católicas que, tradicionalmente, refletem a representação da população pirenopolina através do Censo de 2010 do IBGE⁴⁶. Durante a pesquisa, o instituto apurou que pouco mais de 16 mil das aproximadamente 25 mil pessoas que habitam a cidade se declaram católicas. É o perfil de pessoas que pensam o significado do mundo e religioso a partir das diretrizes da crença estipulada pela Santa Sé Apostólica, pela Igreja Católica Apostólica Romana. Dentre tantas tradições componentes ao município e às maneiras dessa população refletir sobre suas ideias e seus valores, neste trabalho de campo se discorreu, especialmente, sobre o rito dos Cantos de Presépios. Trata-se de uma expressão artística específica de manifestar essa crença, e este ritual é um dos vários elementos religiosos que compõe a identidade dessa comunidade.

Claude Dubar (1997), sociólogo francês, ao tratar sobre identidade, a defende como resultado do processo de socialização que abrange a junção de movimentos relacionais (dentro dos sistemas no qual o indivíduo está inserido) e biográficos (considerando-se história, habilidades e projetos da pessoa). Neste contexto, a partir dos depoimentos coletados nas entrevistas, compreende-se que, especialmente, Dona Laurita, Seu Benedito e Seu Augusto, conterrâneos pirenopolinos e descendentes da família Veiga, têm as suas identidades religiosas produzidas desde o início, pois a identidade “é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida. O indivíduo jamais a constrói sozinho: ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições” (DUBAR, 1997, p. XXV). A identidade é, logo, produto das sucessíveis socializações. Ao se apresentar para a entrevista, já de antemão, a rezadeira corrobora a concepção dada pelo autor:

O meu nome é Laurita Vitoriano da Veiga, toda vida desde pequena, eu já me entendia acompanhando terço, de presépio a como outros terços mesmo, nas casas. Eu aprendi com a minha mãe [*Idalina da Veiga*], minha madrinha, as minhas tias que já vem de família. Meus avós, bisavós, tudo, o que eu conheci tudo cantava no presépio. Casei e minha sogra e meu marido [*Benedito da Veiga*], também eram rezadores de terço, cantava outros terços e cantava também nos presépios. (informação verbal)⁴⁷.

⁴⁶ População estimada pelo IBGE para 2018: 24.749 habitantes. Pesquisa de Amostra IBGE Censo 2010: 16.294 pessoas se declararam católicas. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/pirenopolis/panorama>

⁴⁷ Entrevista concedida por: VEIGA, Laurita Vitoriano. 57:34 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

Pelo depoimento de Dona Laurita, o ritual dos Cantos de Presépios é transmitido por, pelo menos, três gerações e, considerando a rezadeira uma senhora octogenária, permite constatar e afirmar que a tradição dos Cantos de Presépios representa um evento, no mínimo, centenário. Tal constatação conduz à definição da palavra tradição e, a partir dela, possibilita um melhor entendimento da representatividade possuída por ela. Assim,

a palavra tradição vem do latim: *traditio*. O verbo é *tradire* e significa precipuamente entregar, designar o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração para outra. Em segundo lugar, os dicionaristas referem à relação do verbo *tradire* com o conhecimento oral e escrito. Isso quer dizer que, através da tradição, algo é dito e o dito é entregue de geração a geração. [...] através do elemento dito ou escrito algo é entregue, passa de geração em geração, e isso constitui tradição – e nos constitui (BORNHEIM, 1987, p. 18-19).

Figura 45 - Dona Narcisa e Dona Laurita compartilhando o mesmo estilo e gestual.



Foto: Letícia Matteucci, 2018.

A partir das informações expostas até este momento, em todo o escopo do trabalho e dos dados acima coletados, pode-se, portanto, constatar que: por estarem inseridos em uma cidade histórica e culturalmente católica, e, por serem geradores e transmissores de uma tradição, os integrantes, bem como o ritual dos Cantos de Presépios, são elementos componentes da identidade pirenopolina, uma vez que a socialização é, portanto, “um processo de identificação, de construção de identidade, ou seja, de pertencimento e de relação” (DUBAR, 1997, p. 24). Sendo assim, é através, por exemplo, do visual das rezadeiras (Figura 45), que possuem semelhanças na maneira de se vestir, portar e gesticular, que se pode notar a constituição identitária dessas senhoras e observá-las enquanto seres sociais. Mesmo tendo conhecido Dona

Laurita e Dona Helena já adultas, para Dona Narcisa, a sua relação com as colegas é “além de amigas de rezas, é para muitas outras coisas. Amiga de vida, de contar as coisas, da luta, de reclamar. De eu ajudar ela. De ela me ajudar. [...]. Para mim como amiga de infância, parece que a gente nasceu juntas” (informação verbal)⁴⁸.

Porém, o sentimento de pertencimento, assim como a identidade, de acordo com Zygmunt Bauman (2005, 17), “não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis”. Ao corroborar a afirmativa, Dubar (1997, p. 104) esclarece que a “identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re) construir, em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável”. Assim, a identidade constituída através dos rituais dos Cantos de Presépios vem perdendo força juntamente com o grupo que hoje conta com poucos integrantes e que, segundo Seu Augusto, “acabou. Acabou aquela turma. Acabou. Não tem aquele povo que acompanha mais. O povo não vai mais” (informação verbal)⁴⁹.

Para que se pudesse aprofundar a pesquisa sobre os motivos do enfraquecimento da turma que acompanhava Dona Laurita, deparou-se com vários depoimentos. Para Dona Narcisa,

Ah, para mim **é falta de fé. A fé está acabando**. A fé hoje em dia é muito pouca. [em seguida, ao ser questionada sobre a importância da igreja católica em resgatar as tradições:] Não estou achando ela fazer força não. Cadê que ficou gente lá na igreja? Não saiu tudo? Eu vou falar isso tudo para o Padre Carlito. Eu deixei de ser branda para ser franca. Por causa dele ser padre? Não. Ele tem que ouvir a verdade. Tem que ouvir a verdade. Eu vou falar para ele porque eu fiquei irritada. Saiu todo mundo (informação verbal⁵⁰, grifos nossos).

No entendimento de Dona Helena:

Porque do jeito que está aí, o povo não quer saber de rezar mais [...] Mas a gente fica assim... **Com medo com o nosso aqui do Alto do Bonfim acabar porque tinha que ter outra turma aprendendo. Que se interessasse**. Agora, teve essas meninas [duas adolescentes que acompanhou um ritual], mas parece que elas não se interessam. Fica difícil” (informação verbal⁵¹, grifos nossos).

Já na visão de Dona Celina:

“é sobre **a saúde das pessoas... porque as pessoas também estão muito doentes**, não é? Estão muito cansados. Já não aguentam mais fazer aquela viagem que ia longe

⁴⁸ Entrevista concedida por: CUNHA, Narcisa Pereira da. 44:50 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv

⁴⁹ Entrevista concedida por: VEIGA, Augusto Pereira da. 26:33 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

⁵⁰ Entrevista concedida por: CUNHA, Narcisa Pereira da. 44:50 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

⁵¹ Entrevista concedida por: JESUS, Helena Maria de. 39:54 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

para participar, para todo mundo reunir. Agora cada um tem os seus problemas, a saúde já está menos.... É isso também, não é? Porque às vezes, nunca dá para reunir todo mundo, porque às vezes, o problema é saúde” (informação verbal⁵², grifos nossos).

Nesse sentido, entende-se que, tanto para o pertencimento quanto para a identidade, são fatores primordiais “as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de manter firme a tudo isso” (BAUMAN, 2005, p. 18). Além disso, considerando-se memória como parte constituinte da identidade da turma que celebra os rituais, constatou-se, a partir dos depoimentos coletados, que a tradição dos Cantos de Presépios:

não tem mais por suporte um grupo, aquele mesmo em que esteve engajada ou que dela suportou as consequências, que lhe assistiu ou dela recebeu um relato vivo dos primeiros atores e espectadores, quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em nova sociedade para as quais esses fatos não interessam mais porque lhes são decididamente exteriores (HALBWACHS, 1990, p. 80).

Para Bauman (2005, p. 19), a identidade é um esforço, uma escolha, uma construção, pois ela “flutua no ar, algumas [identidades] de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas a nossa volta, e é preciso estar alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”. Para o autor, a natureza da identidade se constrói a partir dos vínculos que conectam as pessoas umas às outras, porém, é importante considerar que esses vínculos sejam estáveis. Pode-se, então, considerar que, além dos devotos, atualmente poucas rezadeiras ainda acompanham Dona Laurita que, ao ser questionada sobre a presença – ou falta – de alguns integrantes, relata:

[suspiro] É justamente falta de ter fê. “Na casa de fulano eu não vou. Na casa de ciclano eu não vou... Hoje eu não vou não, estou cansada, não foi eu que marquei reza”.... Eu já ouvi isso já. “Não fui eu que marquei, eu hoje não vou, eu não posso ir”... Então eu vou sozinha! Fui eu que marquei! Enquanto Deus me der força eu... Se eu marcar e eu não ir... nunca deixei não (informação verbal)⁵³.

De acordo com Bauman (2005), não basta acreditar pertencer para ter uma identidade, pois esta se dá quando se pensa em uma atividade a ser constantemente realizada. Nesta perspectiva, apenas as memórias dos integrantes que outrora participaram das movimentadas celebrações dos rituais não é fator determinante para manter vivas as suas identidades. Além

⁵² Entrevista concedida por: VEIGA, Celina Adrião (Augusto Pereira da Veiga). 26:33 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

⁵³ Entrevista concedida por: VEIGA, Laurita Vitoriano. 57:34 min. [jan. 2019]. Entrevistadora: Letícia Wayne Matteucci. Pirenópolis, 2019. Arquivo1 wmv.

disso, é o sentimento de pertencimento dos rezadores – que hoje estão inativos nos rituais – que mantém as suas memórias presentes. Contudo, mantê-las vivas e guardá-las para si não é suficiente. Halbwachs (1990) defende que, quanto mais compartilhada, mais real a tradição permanece, e é neste sentido que se faz importante a transmissão, pois, “sem essa mobilização da memória que é a transmissão, já não há nem socialização, nem educação e, [...] toda identidade cultural se torna impossível” (CANDAU, 2014, p. 105).

“A identidade de uma pessoa é o que ela tem de mais valioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, sofrimento, angústia e morte” (DUBAR, 1997, p. XXV). Dona Narcisa, ao ser indagada sobre uma possível ausência de Dona Laurita e sobre o que aconteceria, ao ver dela, com os rituais dos Cantos de Presépios, a colega mais fiel da “mestra” dos rituais, respondeu: “aaah... perigoso! É perigoso! Eu acho que acaba! Se ela faltar, a reza acaba. Acaba mesmo”.

Figura 46 - Da esquerda para direita: Dona Carmelita Sousa França (73 anos), Dona Narcisa Pereira da Cunha (78 anos), Dona Laurita Vitoriano da Veiga (81 anos), Letícia Wayne Matteucci (pesquisadora), Dona Helena Maria de Jesus (77 anos) e Dona Sebastiana Inácia de Amorim (73 anos).



Foto: Letícia Matteucci, 2016.

Figura 47 - Da esquerda para direita: Dona Celina Adrião Veiga e Seu Augusto Pereira da Veiga (falecido durante a pandemia do coronavírus).



Foto: Letícia Matteucci, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de todo o meu convívio com as rezadeiras, pelos depoimentos coletados, pelas confidências *off-line*, pelas emoções compartilhadas e através das minhas impressões pessoais, entendo que há uma esperança que habita em Dona Laurita, para que as mudanças trazidas com o tempo não a afastem de suas origens, de suas lembranças, das suas raízes e de suas tradições. Celebrar os rituais dos Cantos de Presépios, reviver o seu passado e o legado de seus ascendentes, que fizeram e viveram histórias, vão muito além de apresentá-las às novas gerações. Esta pesquisa deixa reflexões sobre a importância de reviver nossas culturas, nossas memórias e de pensar e (re) pensar as nossas identidades.

Minha vivência com as rezadeiras se iniciou quando eu ainda era criança, muito antes da minha atuação como pesquisadora. Eu cresci acompanhando minha avó, ano após ano, nas tradições religiosas que movimentavam a cidade. Atraída pelas rosquinhas de coco que seriam servidas no lanche após a reza, eu acompanhava minha avó, animadamente, em todos os rituais dos Cantos de Presépios na minha infância, durante as minhas férias escolares. E, de lá para cá, vi a cidade se tornar popular ao turismo, agregar à sua paisagem: bares, restaurantes e hotéis, incluindo novos integrantes à sua comunidade.

Quando iniciei este trabalho de pesquisa, o propósito era investigar a tradição dos Cantos de Presépios enquanto performance cultural e ritual constituinte da identidade de parte da comunidade de Pirenópolis. Neste primeiro momento de preparação do estudo, tal declaração soava, inicialmente, imatura, uma vez que não havia o conhecimento teórico e prático sobre a temática, especialmente as narrativas e memórias sobre o costume. No decorrer da elaboração da dissertação, divaguei e discursi sobre o cenário dos rituais, das rezadeiras, dos devotos, além de suas lembranças, a partir do embasamento de vários conceitos, sociólogos e estudiosos de muitas outras áreas do conhecimento.

Antes de recorrer às lembranças das pessoas integrantes dessa tradição religiosa, inicialmente recorri ao levantamento histórico das memórias da cidade, de suas festividades, paisagens e espaços. Por meio de relatos e imagens, os ambientes da cidade foram referência para trazer à memória a existência ausente de momentos, acontecimentos e pessoas, uma vez que “o invisível se torna visível na própria evidência visual e fotográfica contida nas coisas que restaram, de que lá estive e já não está. De certo modo, nos resíduos da humanidade” (MARTINS, 2008, p. 27).

Pirenópolis, ornamentada por diversas igrejas católicas, se revela, em sua essência, uma cidade historicamente católica. Em descompasso com a modernidade e o turismo da cidade que

hoje se evidencia na maior parte do tempo, mais que a religiosidade, uma pequena parte da comunidade, por meio de suas crenças e festividades simbólicas, estabelece uma relação íntima com as suas manifestações culturais, harmonizando-se em grupos e produzindo suas memórias. Sendo assim, as experiências religiosas, experimentadas pelos rituais dos Cantos de Presépios, contribuem para a vida social de um grupo de rezadores e devotos, na medida em que essas celebrações motivam as suas convicções, sua fé e seus comportamentos coletivos relacionados ao sagrado. Portanto, demonstra-se uma maneira de ser e de sentir as suas relações sociais, individuais e as suas tradições.

Um dos elementos importantes dos rituais dos Cantos de Presépios é a performance de Dona Laurita, uma idosa de origem humilde que, nos momentos das celebrações, se coloca em ser “outro” no limen enquanto mulher subversiva. É, assim, um ser liminóide e, neste momento, transita entre os mundos, munida de seus pertences sagrados, e se torna, simbolicamente, portadora da benção. Ela vem a ser, na margem, portadora de um “poder sagrado” de remissão dos pecados e doadora de uma força divina de renascimento. Ser ambíguo, neste momento, se mostrou a reiteração de uma hierarquia social, que nada mais é do que uma representação da nossa sociedade. Esta preserva a divisão de classes através de uma conservação histórica de diferenças sociais, por vezes, renovada pelos rituais religiosos.

Constituído no seio da família de Dona Laurita, ao longo de, pelo menos, três gerações, a reza dos Cantos de Presépios é compartilhada e impulsionada por um grupo de rezadoras do Setor Alto do Bonfim, e, portanto, essa tradição se estabeleceu muito importante na vida e na rotina dessas mulheres. Durante a minha convivência com essas senhoras, em certos momentos, o meu olhar de pesquisadora se fundia às minhas memórias de infância e me revelava uma admiração ostensiva às trajetórias dessas mulheres, através das suas histórias e dos seus legados. Bordadeiras, griôs, folcloristas, cirandeiras, rezadeiras, cantoras, entre outros papéis exercidos por elas, na qualidade de propulsoras culturais, hoje geram um sentimento de respeito e as tornam reconhecíveis por toda a comunidade tradicional pirenopolina.

Dentre as questões que foram levantadas no decorrer desta pesquisa e que se formaram no meu íntimo, no desenrolar da convivência e da escrita sobre essa tradição, algumas ainda não puderam ser resolvidas e, deste modo, merecem ser registradas: como serão os rituais dos Cantos de Presépios a partir deste ano (2020)? Quais os vestígios serão deixados pelo atual momento em que vivemos, trazidos pela pandemia do coronavírus, para a rotina das rezadeiras e o legado do costume? Por quanto tempo mais Dona Laurita seguirá promovendo e participando das celebrações? Muito pouco se sabe sobre o futuro das manifestações culturais que compõem o costume dos Cantos de Presépios. A afirmativa que aqui se pode deixar é que,

por meio de seus depoimentos, a presente “turma”, de rezadeiras, como elas assim se denominam, tem como desejo não deixar a tradição cair no esquecimento.

Um desses questionamentos pôde ser respondido quando, ao visitar Pirenópolis nos primeiros dias do mês de setembro de 2020, fui surpreendida com o recado de que Dona Laurita tinha um presente que havia separado para me entregar. No livro *Coletâneas da Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música 2019*, que chegou em minhas mãos por intermédio de uma tia, a rezadeira ao narrar sobre a sua trajetória e sobre a sua participação nas rezas, descreve:

A turma que saía para rezar era grande, mas aos poucos foi diminuindo, e os costumes foram sendo deixados de lado. Hoje somos apenas três para rezar: Helena, Narcisa e eu. [...]. Hoje, com meus 80 anos, estou encerrando a carreira de rezadeira nos presépios e também de terços nas casas. Espero que outras pessoas continuem e não deixem essa bela tradição acabar (VEIGA, 2019, p. 143).

Diante de todas essas dúvidas levantadas, uma delas umedece os olhos por enfraquecer ainda mais o grupo e a memória da tradição dos Cantos de Presépios. Enquanto vivemos momentos de incerteza causados pela pandemia que paralisou nossas rotinas, em Pirenópolis o coronavírus é, possivelmente, o fator que desfalca a comunidade, levando o Seu Augusto. O violeiro, que estava em Brasília há alguns dias, na casa dos filhos, para fazer um *checkup* médico (acompanhamento da saúde e monitoramento da diabetes), passou mal com falta de ar e fez o PCR (exame para detectar infecção por covid) no dia 15, sendo intubado no dia 16. Ele faleceu no dia 17 de julho e gerou, em seu atestado de óbito, como causa, a suspeita por coronavírus. Mesmo não tendo tido tempo hábil para descartar ou confirmar o diagnóstico, diante de toda a burocracia causada pelo momento de exceção criada pelos trâmites sanitários, a família conseguiu que a despedida fosse no lugar de origem dele, levando-o para ser sepultado em Pirenópolis. O único e último dos homens que acompanhava a tradição dos Cantos de Presépios, com o seu violão, teve a sua despedida, mesmo com as regras de distanciamento social, com música, instrumentos de corda, homenagens e comoção da comunidade pirenopolina: seus amigos e familiares.

Figura 48 - *In memoriam* de Seu Augusto, falecido durante a pandemia (1947-2020).



Foto: Letícia Wayne Matteucci, 2016.

Figura 49 - *In memoriam* de Albertina, minha avó (1925-2015).



Foto: Letícia Wayne Matteucci, 2014.

Embora muitos membros já tenham falecido, outros tenham trocado de religião, mudado de cidade ou estejam idosos e indispostos, a falta de interesse dos mais jovens em aprender e dar continuidade ao ritual é, ainda, uma das causas mais possíveis e mais citadas pelos participantes para o enfraquecimento da tradição. Falta de fé, engajamento, motivação da comunidade e da igreja católica, de saúde dos atuais e poucos membros, de interesse dos descendentes da família Veiga em manter o legado, enfim, falta, falta, falta. O destino dos rituais, pelas minhas percepções poderá, possivelmente, ser assim: pela falta de interessados e de novos propulsores é que o costume dos Cantos de Presépios e as deliciosas rosquinhas de coco que adoçaram a minha infância e as minhas memórias farão falta na composição identitária dessa coletividade e nas casas de parte da comunidade tradicional e religiosa de Pirenópolis.

Numa tentativa de analisar a perspectiva através do meu olhar de criança, o que naturalmente me aproximava dos rituais dos Cantos de Presépios, durante a minha juventude, eram as pressões exercidas pela minha falecida vizinha, ao tentar me nutrir de tradições católicas, os cenários iluminados pelos pisca-piscas coloridos, a música e o prazer de satisfazer o meu paladar. De lá para cá, pouca coisa mudou. O que transformou, em relação ao costume, me levando de novo ao seu convívio, foi apenas um contemplar mais analítico, estudioso e sensível diante da vivência das rezadeiras. E, agora, o prazer que antes era de paladar, hoje é de saciar a minha necessidade de conhecimento. A minha relação com a religiosidade nunca foi tão zelosa quanto a que presenciei minha avó vivenciar com a sua fé, as imagens e os símbolos que adornavam a sua sala de estar. A mudança que experienciei nas minhas crenças, na contramão do que minha avó almejou para mim, é que me tornei uma pessoa atea. Mesmo

sentindo em mim esse distanciamento crédulo religioso, a minha intenção, com este trabalho, inicialmente, era aproximar possíveis jovens – católicos que compartilham desta crença – e estabelecer uma ligação destes com os rituais dos Cantos de Presépios. A proposta era estabelecer uma oficina juntamente com as rezadeiras, para que pudesse ser estabelecida a troca de saberes. Outra proposta condizia com a ideia de, além de catalogar as músicas, transcrevê-las em partituras, para que suas letras, cifras, melodia, ritmo e modulação não se percam no decorrer do tempo. Contudo, o tempo para estas ações não foi hábil, e elas ficam aqui como alternativas futuras, como uma sugestão para que as celebrações mantenham vivas as suas memórias e a herança de quem, atualmente, ainda as vivencia.

Para finalizar, pretendi, então, mostrar, por meio deste trabalho, que, ao reconhecer, divulgar, investigar e analisar a respeito da identidade e cultura desta comunidade, pude contribuir, mesmo que minimamente, para que suas memórias não sejam apagadas, uma vez que é necessário transmitir e atualizar suas lembranças para que a tradição e a memória dos Cantos de Presépios possam permanecer.

REFERÊNCIAS

- ALINCOURT, Luiz D'. **Memória sobre a viagem do Porto de Santos à cidade de Cuiabá**. Brasília: Ed. Senado Federal, 2006.
- ALMEIDA, Elza Oliveira de Souza. **A música evangélica do movimento pentecostal em Goiânia como fenômeno contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música e Artes Cênicas. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2010.
- ALMEIDA, Miriam de Lourdes. **A cidade de Pirenópolis e o Impacto do Tombamento**. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Brasília: UNB, 2006.
- ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. **Ao encontro dos romeiros do sertão**. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro, v. 01, p. 221-237, 1997.
- ALVARENGA, Maria Zélia de. **Anima-Animus e o desafio do encontro**. Junguiana, São Paulo, v. 33, p. 5-12, 2015.
- AMBRÓSIO, Eliana Ribeiro. **Preservação do Presépio Napolitano do Museu de Arte Sacra de São Paulo: percurso metodológico para a elaboração de um inventário científico**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2006.
- AMBRÓSIO, Eliana Ribeiro. **Presépio Napolitano do Museu de Arte Sacra de São Paulo e de coleções internacionais: cenografia e expografia**. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2012.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 8. ed. (Coleção Primeiros Passos). São Paulo: Brasiliense, 1980.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução: Maria Lúcia Pereira. Campinas-SP: Papirus: 1994.
- AVELAR FILHO, João Nunes. **As rezadeiras de Goiás: construção e reconstrução da memória**. I Simpósio Internacional e II Nacional sobre espacialidades e temporalidades de festas populares. Manifestações do Catolicismo. Goiânia: UFG, 2013.
- AVELAR FILHO, João Nunes. **Uma visão ecolinguística da folia da roça de Formosa (GO)**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Goiânia: UFG, 2015.
- BARRETO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural: as possibilidades de planejamento**. Campinas-SP: Papirus, 2000.
- BAUMAN, Richard. Fundamentos da Performance. **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 3, set./dez. 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERNARDO, J. L. **Dimensão mágico-religiosa da palavra em textos orais sobre o catolicismo popular na comunidade São Domingos, Catalão-GO**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Catalão: UFG, 2015.

BERND, Zilá. **Por uma estética dos vestígios memoriais**: releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros. Rio de Janeiro: Fino Traço Editora, 2013.

BERTRAN, Paulo. **Notícia geral da capitania de Goiás**. (2vol.). Goiânia: Editora UCG/UFG; Brasília: Solo Editora, 1997.

BÍBLIA, A. T. Provérbios. In: BÍBLIA. **Sagrada Bíblia Católica**: Antigo e Novo Testamento. Revisor Literário: Emmanuel Carneiro Leão. 45. ed. Petrópolis: Editora Vozes; Editora Santuário, 1982.

BOOTH, Wayne C.; COLOMB, Gregory G.; WILLIAMS, Joseph M. **A Arte da Pesquisa**. Trad. Henrique A. Rego Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BORGES, Rosana Maria Ribeiro; LIMA, Angelita Pereira de. História da imprensa goiana: dos velhos tempos da colônia à modernidade mercadológica. Dossiê 200 anos da imprensa no Brasil. **Revista UFG**, Goiânia, ano X, n. 5, dez. 2008. Disponível em: https://www.proec.ufg.br/up/694/o/05_09_Dossie9.pdf. Acesso em: 19 abr. 2019.

BORNHEIM, Gerd A. O conceito de tradição. In: **Tradição e contradição**. BORNHEIM, Gerd A. *et al.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1987.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <https://bit.ly/2t5gufM>. Acesso em: 10 fev. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**: introdução, organização e seleção Sergio Miceli. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**: População do município de Pirenópolis. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/pirenopolis/panorama>. Acesso em: 24 fev. 2019.

BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**: Pesquisa Amostra Religião Pirenópolis. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censo 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/pirenopolis/pesquisa/23/22107?detalhes=true> Acesso em: 24 fev. 2019.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. A alma masculina e a função estruturante da sensibilidade. Um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. 2º semestre, 2019.

CAMPBELL, de Joseph. O herói de Mil Faces. Título do original: **The hero with a thousand faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1949.

CAMPBELL, de Joseph. **O poder do mito**. Org. por Betty Sue Flowers, tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CANEDO, Daniele. Cultura é o que? Reflexões sobre o Conceito de Cultura e a Atuação dos Poderes Públicos. **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - V ENECULT**, Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador, Bahia. Maio, 2009.

CAPALBO, Creusa. **Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz**. Rio de Janeiro: Antares, 1979.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Tradução: Enid Abreu. Campinas-SP: Papirus: 1995.

CARDIN, Fernão. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. 2. ed. Série 5ª. Vol. 168. Brasileira: Biblioteca Pedagógica Brasileira. São Paulo – Rio – Recife – Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/obras/tratados-da-terra-e-gente-do-brasil/pagina/1> Acesso em: 10 mar. 2019.

CARDIN, Fernão. **Narrativa Epistolar de Uma Viagem e Missão Jesuítica**. Lisboa, 1847.

CARVALHO, Adelmo (Org.). **Pirenópolis/GO: coletânea 1927-2000 – História, turismo e curiosidades**. Goiânia: Kelps, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Instituto Nacional do livro, Ministério da Educação e Cultura. Brasília: Editora Global, 2001.

CASTANHEIRA, Karla Alves de Araújo França. **Guaimbê: a construção de uma comunidade de participação por meio de práticas de nomeação**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística). Goiânia: UFG, 2013.

CASTRO, José Luiz de. **A organização da Igreja Católica na Capitania de Goiás (1726-1824)**. Goiânia: UCG, 2006.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de; FONSECA, Maria Cecília Londres. **Patrimônio Imaterial no Brasil**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CLAVAL, Paul. Campo e perspectiva da geografia cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural: um século (3)**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

CLAVALL, Paul. **A geografia Cultural**. Trad. Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. 3. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2007.

COELHO, Gustavo Neiva. **Goiás: uma reflexão sobre a formação do espaço urbano**. Goiânia: UCG, 1996.

COELHO, Gustavo Neiva. **O espaço Urbano em Vila Boa: entre o erudito e o vernacular**. Goiânia: UCG, 2001.

CORREA, Dinacy Mendonça. **Os Presépios**. Relatório de pesquisa-Bolsa de Trabalho-Arte. MEC/FUNARTE/UFMA, 1978.

CUCHE, Denys. **O Conceito de Cultura nas Ciências Sociais**. Trad. Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 1999.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. **Nos passos do transporte beijado: cortando o estradão do tempo e da memória goiana**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2013.

CURADO, Glória Grace. **Pirenópolis: uma cidade para o turismo**. Goiânia: Editora Oriente, 1980.

CURADO, João Guilherme da Trindade. **Lagolândia – Paisagens de festas e de fé: Uma comunidade percebida pelas festividades**. Tese (Doutorado em Geografia). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2011.

CURADO, João Guilherme da Trindade; LÔBO, Tereza Caroline. Festas do Catolicismo popular: expressões identitárias presentes em Pirenópolis-Goiás. **Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura**, ano VII, n. 35, 2010.

CURADO, Yvonne de Pina. **Uma história de amor**. Goiânia: Unigraf, 1983.

CURURU, Projeto. **A rua que nos habita**. Flor de Pequi - brincadeiras e ritos populares. Goiás: FAC, 2016.

DA MATTA, Roberto. Apresentação. In: GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 1977.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? In: **Papel da Memória**. Trad. e Introd. José Horta Nunes. 2. ed. p. 23. Campinas, SP: Pontes Editores, 2007.

DIAS, Weberson Ferreira; DEUS, Sara Pereira de; RAMOS, Geovanna de Lourdes Alves. Reterritorialização e cultura popular: as representações ritualísticas no auto1 do boi do rosário em Pirenópolis (GO). **Revista Mosaico**, v. 11, p. 203-222, 2018.

DOMINGO, José Contreras. La Investigación en la Acción: ¿Cómo se hace? **Cuadernos de Pedagogía**, Barcelona, n. 224, p. 14-19, 1994.

DUARTE, Padre José da Cunha. **Natal no Algarve Raízes Medievais**. Lisboa: Edições Colibri, 2002.

DUBAR, Claude. **A socialização**. Para uma teoria sociológica da Identidade. Porto: Porto Editora, 1997.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**. A interpretação de uma mutação. Trad. Catarina Matos. Porto: Edições Afrontamento, 2006.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, Adriana; PEDREIRA, Flávia; ALENCAR, Maria Amélia; RIOS, Sebastião. Música, sociabilidade e memória. **Sociedade e Cultura**, v. 11, p. 155-157. Goiânia: UFG, 2008.

FERREIRA, Luiz Felipe. Iluminando o lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey). **Boletim Goiano de Geografia**. vol. 22, p. 43-72. Goiânia: UFG, 2002.

FREITAS, Juliana Pereira. **Pirenópolis**: na rota do turismo cultural. Dissertação (Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural). Goiânia: PUC Goiás, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GHIRARDELLO, Nilson; SPISSO, Beatriz. **Patrimônio histórico**: como e por que preservar. Grupo de Trabalho Patrimônio Histórico e Arquitetônico – CREA-SP. 3. ed. Bauru, SP: Canal 6, 2008.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Risco, confiança e reflexividade**. In: BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. *Modernização Reflexiva*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDWASSER, Maria Julia. Estudos de comunidade: teoria e/ou método? **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 69-81, 1974.

GOMES, Horiensites; TEIXEIRA NETO, Antônio. **Geografia**: Goiás/Tocantins. Goiânia: Cegraf/UFG, 1993.

GOMES, Rafael Augusto; MIRANDA, Luiz Francisco Albuquerque. Auguste de Saint-Hilaire e a civilização indígena: conquista ou filantropia. **Revista Mosaico**. vol. 7, n. 10, 2016.

GONZAGA, Agnaldo Divino. **Milagre e Castigo: Mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO**. Tese (Doutorado em História). Faculdade de História. Goiânia: UFG, 2017.

GUAIMBÊ, Espaço e Movimento Criativo. **Metodologia – A Pedagogia do Quintal**. Disponível em: <https://guaimbe.org.br/>. Acesso em: 25 fev. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Anthropos Editorial, 2004.

IESA, Instituto de Estudos Socioambientais. **Culto do Deus Menino** [19 nov. 2014]. Disponível em: <https://festaspopulares.iesa.ufg.br/p/559-culto-ao-menino-deus>. Acesso em: 11 fev. 2020.

IPHAN. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Bens Móveis e Imóveis Inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília: Iphan, 1994.

IPHAN. INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais**. 3. ed. Revista e atualizada. Brasília: Iphan, 2012.

JAIME, Nilson. **Família Jaime/Jayme Genealogia e História**. Goiânia: Kelps, 2016.

JAYME, Jarbas. **Famílias Pirenopolinas (Ensaio genealógico)**. Vol. II. Goiânia: UFG, 1973.

JAYME, Jarbas. **Esboço histórico de Pirenópolis**. Goiânia: UFG, 1971.

JAYME, Jarbas; JAYME, José Sisenando. **Casas de Pirenópolis: casas de Deus e casas dos Mortos**. Vol. I. Goiânia: UCG, 2002.

JUNG, Carl G. **Psicologia e Religião**. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

JUNG, Carl G. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.

JUNG, Carl. G. **Interpretação psicológica do dogma da Trindade**. Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. Petrópolis, RJ: Vozes, 1979.

JUNG, Carl G. **Tipos Psicológicos**. Obras Completas, v.6. Petrópolis: Vozes, 1991.

JUNG, Carl. G. **A Natureza da Psique**. Tradução Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha, OSB. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

KOZEL, Salette; SOUSA, Lucileyde Feitosa. Contribuições de Paul Claval à geografia brasileira. In: SILVA, José B. S. *et al.* **É geografia, é Paul Claval**. Goiânia: FUNAPE, 2013.

KOSS, Monika Von. **Feminino + Masculino**: Uma nova coreografia para a eterna dança das polaroides. São Paulo: Escrituras, 2000.

LARA, Camila de Brito Quadro. A importância da memória para a construção da identidade: o caso da igreja nossa senhora imaculada conceição de dourados/MS. **XIII Encontro Regional de História**. ANPUH-MS, 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: Um conceito antropológico. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEAL, Oscar. **Viagens às Terras Goyanas (Brasil Central)**. Goiânia: Editora UFG, 1892.

LEITE, Antônio Ferreira. **Giros e pousos, moradores e foliões**: identidade territorial e mobilidade espacial na folia de reis da comunidade negra rural de Água Limpa, Faina, Goiás. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas). Goiânia: UFG, 2008.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. In: *Anthropologie structurale*. Paris: Plon, 1958.

LIGIERO, Zeca. **Performance e Antropologia de R. Schechner**. RJ: Mauad, 2012.

LÔBO, Tereza Caroline. **Capela do Rio do Peixe em Pirenópolis/Goiás**: lugar de festa. Tese (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia. Goiânia: UFG, 2011.

LÔBO, Tereza Caroline. Cultura Negra em Pirenópolis: um Passado que Presentifica. **VI Simpósio Nacional de História Cultural**: Escritas da História: Ver – Sentir - Narrar. Universidade Federal do Piauí: UFPI, 2012.

LONDRES, Cecília (Org). Patrimônio Imaterial. **Revista tempo brasileiro, patrimônio imaterial**, Rio de Janeiro, n. 147, out./dez., 2001.

LOPES NETO, Antônio. **Uma análise comparativa**: do texto à representação – do Presépio das Alagoas às Pastorinhas de Pirenópolis. Tese (Concurso para professor titular E). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2018.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20. ed. 2. imp. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Trad. Maria Cristina Tavares Afonso. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1960.

LUPIA, Márcia de Oliveira. Mooca: Memória e Identidade. **Revista Morpheus**: Estudos Interdisciplinares Em Memória Social. Rio de Janeiro, v. 9, n. 16, ago./dez. 2016.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **Preservação e transmissão das tradições**. In: As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, Rosangela; RAMOS, Alcides Freire (Orgs.). **História e cultura: espaços plurais**. Uberlândia-MG: Aspectus, 2002.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo; ELEUTÉRIO, Robson. **Estrada Geral do Sertão: na rota das nascentes**. Brasília: Editora Terra Mater Brasilis, 2008.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Do público para o privado: redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930). **Cadernos Pagu**, nº 4, 1995.

MATTEUCCI, Letícia Wayne. OLIVEIRA, Vânia Dolores Estevam de. Cantos de Presépios: ritual, imagens e símbolos no cenário místico de Pirenópolis. **Revista Mosaico**, v. 13, p. 96-104, 2020.

MATTOS, Raimundo José da Cunha. **Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais e Goiás**. Rio de Janeiro: Typ. Imperial e Constitucional, 1836.

MELLO, Luiz Gonzaga de; PEREIRA, Alba Regina Mendonça. **O Pastoril Profano de Pernambuco**. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1990.

MONTEIRO, Paula. A teoria do simbólico de Durkheim e Lévi-Strauss: desdobramentos contemporâneos no estudo das religiões. **Novos estud.** – CEBRAP, n. 98, 2014, p.125-142.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; revisão técnica de Edgard de Assis Carvalho. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NASCIMENTO, Danielle Gomes do. **Além do Ofício: Narrativas de D. Severina (Gorda) e D. Josefa (Zefinha), rezadeiras de Itabaiana, PB**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística. João Pessoa: UFPB, 2017.

NEVES, Lecy Consuelo. **A casa do mágico**. Rio de Janeiro: Agir, 1986.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **Uma ponte para o mundo goiano do século XIX: um estudo da casa meia-pontense**. Goiânia. Agência Goiana de Cultura Pedro Ludovico Teixeira, 2001.

OLIVEIRA, Érica Caldas Silva; FIDÉLIS, Cybelle Rodrigues; JUNIOR COSTA, Everaldo Oliveira; SILVA, Uthant Saturnino; LUNA, Karla Patrícia Oliveira. Rezadeiras da Paraíba: etnografia de uma crença enraizada. **R. Inf. Cult. Mossoró**, v.1, n. 2, p. 11-16, jul./dez. 2019.

OLIVEIRA, Itatiara Teles. **“Cantai com júbilo ao Senhor”**: o papel da música no crescimento do neopentecostalismo em Goiânia (1985-2005). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Goiânia: UFG, 2006.

OLIVEIRA, Vânia Dolores Estevam de. **Museu de Folclore Edison Carneiro Poder, resistência e tensões na construção da memória da cultura popular brasileira**. Tese (Doutorado em Memória Social). Rio de Janeiro: UNIRIO, 2011.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. Trad. Walter O. Schulupp. São Leopoldo: Sinodal/ EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PACHECO, Lillian. **A Pedagogia Griô**: A reinvenção da roda da vida. Lençóis, BA: edições Grãos de Luz e Griô, 2006.

PALACÍN, Luís. **Sociedade Colonial (1549-1599)**. Goiânia: UFG, 1981.

PALACÍN, Luís. **O século do ouro em Goiás 1722-1822**: estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. 4. ed. Goiânia: UCG, 1994.

PALACÍN, Luís; MORAES, Maria Augusta de Sant’Anna. **História de Goiás**. 6. ed. Goiânia: UCG, 1994.

PEIRANO, Mariza. **A favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Mariza. **Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica**. In: O dito e o feito: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Projeto Aletheia. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades invisíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.** São Paulo, vol. 27, n.53, jan./jun. 2007.

PIEPER, Josef. **Le concept de tradition**. Genève: Éditions Ad Solem, 2008.

POHL, Johann Emanuel. **Viagem no interior do Brasil**. Trad. Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/USP, 1976.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vai. S.o. IO, 1992, p. 200-212.

QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de. **Evolução Cultural de Goiás**. Goiânia: Instituto Goiano do Livro, 1969.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Trad. João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. Paris: Dunod, 1995.

RAYNOR, Henry. **História Social da Música**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1972.

REZENDE, Fernanda Soares. **Médicos estrangeiros em Goiás no século XIX**: Johann Emmanuel Pohl, George Gardner e Hugh Algernon Weddel. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: UFG, 2017.

RICHARDSON, Roberto Jerry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIOS, Sebastião. Cultura popular: práticas e representações. In: TEIXEIRA, J. G. L. C. (Org.) Dossiê Performances culturais. **Sociedade e Estado** (UnB Impresso), v. 29, p. 791-820, 2014.

SAINT-HILAIRE, A. **Viagem à Província de Goiás**. Trad. Junqueira RR. Itatiaia: EdUSP. Belo Horizonte/São Paulo, 1975.

SANTOS, Eliete Moreira dos. A Produção do Espaço Urbano e a Imagem da Cidade pelo Migrante Jovem. **Caminhos de Geografia**. v. 8, n. 24. dez/2007.

SANTOS, Francimário Vito. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, São Paulo, n. 8, p. 6-35, maio 2009/out. 2009.

SANTOS, Nádia Maria Weber. Rastros memoriais de paisagens urbanas: a identidade em palimpsesto da Cidade de Quebec/Canadá. **Revista Latino-Americana de História**, vol. 2, nº. 7. Edição Especial. PPGH-UNISINOS. Set. 2013.

SCHECHNER, Richard. **Environmental Theater**. 2. ed. New York: Applause, 1994.

SCHECHNER, Richard. **Performance Theory**. Taylor & Francis e-Library, 2004.

SCHECHNER, Richard. “O que é performance?”, em **Performance studies: an introduction, second edition**. New York & London: Routledge, 2006. p. 28-51.

SCHECHNER, Richard. **Zeca Ligiero**. Performance e Antropologia de R. Schechner. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, Bruno Goulart Machado. Cultura popular, turismo e patrimônio nas Cavalcadas de Pirenópolis. **Áltera – Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 1, n. 6, p. 69-95, jan./jun. 2018.

SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino**. Romanização, Patrimônio e Tradição em Pirenópolis (1890-1988). Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias). Faculdade de Ciências Humanas & Filosofia. Goiânia: UFG, 2000.

TEIXEIRA, Iuri Araújo Cardoso. **Batalha das máscaras**: animação experimental digital baseada nas Cavalcadas de Pirenópolis. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual). Goiânia: FAV-UFG, 2015.

TEIXEIRA, Manuel C. de. **A construção da cidade brasileira**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. **História Social da Música Popular Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

TURNER, Victor. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Editora Vozes, 1974.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey e drama: um ensaio em antropologia da experiência (primeira parte), de Victor Turner. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 177-85, 2005.

TURNER, Victor. **Do ritual ao teatro**: a seriedade humana de brincar. Trad. Michele Markowitz e Juliana Romeiro; revisão técnica Antônio Holzmeister Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

VEIGA, Laurita Vitoriano. **Rezadeira de Presépio**. Coletânea da Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música. (Org) João Guilherme Curado *et al.* Goiânia: Kelps, 2019.



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os Cantos de Presépios como Identidade da Comunidade Pirenopolina

Pesquisador: LETICIA WAYNE MATTEUCCI

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 92451118.6.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências Sociais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.958.291

Apresentação do Projeto:

Os Cantos de Presépios como Identidade da Comunidade Pirenopolina. Pesquisador Responsável: LETICIA WAYNE MATTEUCCI- mestrado em Performances Culturais, Faculdade de Ciências Sociais. Encontra-se instruído com os seguintes documentos: projeto, cronograma (merece adequação), orçamento/custeio próprio, modelos de TCLE e TALE, termo de compromisso, currículo Lattes.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário: Discutir a permanência e a continuidade da tradição dos Cantos de Presépios de Pirenópolis que se encontra ameaçada. Tem a intenção de estimular a difusão e o conhecimento do costume entre os mais jovens com a realização de oficinas, além de investigar a importância do ritual para o legado da cidade de Pirenópolis.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

As pessoas que serão entrevistadas, em sua maioria, são idosos com idade a partir de 60 anos. Serão submetidas à horas de entrevistas o que pode gerar desgaste físico e cansaço emocional. As perguntas as remeterão ao passado além de ter o objetivo de desencadear lembranças de suas juventude e, isso pode gerar tristeza devido a saudade de vivências alegres do passado.

Benefícios:

As senhoras envolvidas na tradição dos Cantos de Presépios, demonstram ensejos de manter o costume que está enraizado nas memórias e identidades daqueles que há gerações vem vivendo

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2 - Agência UFG de Inovação - Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

Fax: (62)3521-1163

E-mail: cep.prpi.ufg@gmail.com



um modo particular de produzir religião, por meio de manifestações e comportamento que representa a cultura popular e religiosa do município. Este projeto traz a necessidade de discutir a permanência e a continuidade desse hábito, além de possibilitar a preservação da memória desse ritual e dessas rezadeiras para a posteridade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pretende-se entrevistar as rezadeiras que participam atualmente e todos os integrantes que já participaram no passado do ritual, além de moradores da cidade e os donos das casas que abrem suas portas para a realização do culto. Serão necessários passar quarenta dias na cidade de Pirenópolis para acompanhar o grupo todos os dias e em todas as casas onde forem realizadas as orações, durante o período de fim de ano, entre dezembro e janeiro, para assistir e analisar a prática dos Cantos de Presépios que acontecem no período noturno e esporadicamente, à tarde na época do Natal. Durante os rituais, serão feitas observações e registros dos eventos sem intervenção direta.

A princípio não há o intuito de entrevistar menores de idade; isto somente será realizado caso, durante a pesquisa de campo, se identifique necessário para o entendimento e prosseguimento do estudo. Sendo imprescindível a participação deste, o menor deverá assinar o TALE e o TCLE será direcionado ao responsável legal, validando assim a sua participação no estudo. As entrevistas terão o intuito de saber qual a história, as motivações, importância do evento do ponto de vista dos participantes.

Necessário adequar cronograma, conforme apresentado no novo projeto, que prevê início de coleta de dados para dezembro/2018 e janeiro/2019.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE apresenta as garantias de retirar-se da pesquisa, de pleitear indenização por eventuais despesas, custeadas pelo pesquisador. Não prevê danos materiais.

Informa a forma de participação e que não há pagamento ou gratificação por ela. Disponibiliza ao participante várias opções para a participação e sua divulgação em forma de registros visuais e audiovisuais no evento (ritual) e entrevistas. Informa que a participação é voluntária, os benefícios e riscos, a forma de divulgação dos resultados em forma de dissertação.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Cronograma atualizado no projeto (dezembro/2018 e janeiro/2019). Solicitamos atualizar em Informações Básicas.

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2 - Agência UFG de Inovação - Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



Continuação do Parecer: 2.958.291

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEP-UFG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1148377.pdf	17/09/2018 20:49:05		Aceito
Outros	TCLE_Responsavel_Legal_Novo.pdf	17/09/2018 20:48:09	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Outros	TALE_Termo_de_Assentimento.pdf	17/09/2018 20:41:39	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto_de_Pesquisa_Os_Cantos_de_Presepios_Corrigido.pdf	17/09/2018 20:40:42	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Outros	Carta_de_Encaminhamento_Novo.pdf	17/09/2018 20:40:08	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Os_Cantos_de_Presepios.pdf	09/08/2018 13:31:46	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Outros	Termo_de_Compromisso.pdf	09/08/2018 13:24:13	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Outros	Carta_CEP.pdf	09/08/2018 13:22:22	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Outros	Carta_de_Encaminhamento.pdf	09/08/2018 13:21:30	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Outros	Curriculo_Lattes.pdf	28/06/2018 10:14:12	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Outros	Documentos_Pessoais.pdf	28/06/2018 10:12:21	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Outros	Questoes_norteadoras_das_entrevistas.pdf	28/06/2018 10:09:13	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_participante.pdf	28/06/2018 10:06:32	LETICIA WAYNE MATTEUCCI	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Comite_Etica.pdf	28/06/2018	LETICIA WAYNE	Aceito

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2 - Agência UFG de Inovação - Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 2.958.291

Folha de Rosto	Folha_de_Rosto_Comite_Etica.pdf	10:05:37	MATTEUCCI	Aceito
----------------	---------------------------------	----------	-----------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 11 de Outubro de 2018

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2 - Agência UFG de Inovação - Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **Fax:** (62)3521-1163 **E-mail:** cep.prpi.ufg@gmail.com